



ROSS MACDONALD

À PROCURA DE UMA VÍTIMA

*O texto é incisivo e
perceptivo... tem ritmo
forte mas acelerado...
poderoso e pessoal...*

Uma estranha e assombrosa mistura.

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

LEW ARCHER # 5



ROSS MACDONALD

À Procura de uma Vítima



Find a Victim • 1954

Era o pior carona que tinha feito sinal para que eu parasse. Levantou-se até ficar de joelhos na sarjeta. Seus olhos eram buracos negros em seu rosto amarelo, a boca uma mancha vermelha como o sorriso pintado de um palhaço. Ao elevar o braço, perdeu o equilíbrio e voltou a cair de bruços. Pisei no pedal do freio e retrocedi um centena de metros até onde ele jazia entre os arbustos. Tinha o cabelo negro, usava jeans e uma camisa de trabalho de cor cinza. Estava quieto como um morto. Mas ao me agachar a seu lado pude ouvir o ruído de sua respiração. Empurrei-lhe o quadril com meu joelho enquanto sustentava a cabeça com o braço, e o fiz dar a volta, colocando-o de barriga para cima. O sangue começava a formar borbulhas na boca. O peito da camisa aparecia escuro e úmido. Desabotoei-o e então vi o buraco redondo entre o pelo molhado de seu peito. Do buraco continuavam saindo pequenas gotas de cor viva.

Tirei-lhe a jaqueta e me despojei de minha própria camisa. Tapei com ela a ferida e em seguida a segurei com minha gravata. O ferido se moveu e deu um suspiro. As pálpebras tremeram sobre seus olhos de cor negra poeirenta. Era um homem jovem e estava morrendo. Olhei para o sul e em seguida para o norte. Nenhum carro, nenhuma casa, nada de nada. Tinha pego um engarrafamento de trânsito ao norte de Bakersfield, mas nenhum outro. Era um daqueles momentos de calma em que a única coisa que se ouve é como a vida vai escapando de cada pulsação de seu coração. O sol se ocultou atrás da cordilheira da costa e a luz do crepúsculo começava a encher o vale. Um bando de passarinhos cruzou o céu como um vento visível, soprando e fustigando o ar.

Elevei-o nos braços, sua cabeça pendurando sobre meu peito, e o levei até o carro. Era difícil carregá-lo, nem corpulento nem pesado, mas terrivelmente mole. Consegui colocá-lo no assento de trás, com a cabeça apoiada em meu saco de noite para que não se afogasse, e o tampei com a manta que levava no carro. Viajou dez ou onze quilômetros nessa posição. Podia vê-lo no espelho retrovisor. Ao terminar a luz crepuscular, o rosto refletido no espelho quase se apagou. Passei junto a um letreiro:

ACAMPAMENTO FREMONT, BASE DO CORPO DE FUZILEIROS DOS EUA

A estrada estava bordeada por cercas de arame. Do outro lado barracões curtidos pela intempérie partiam através do vale para o horizonte. Não se via nem rastro de vida. Os hangares da base aérea contígua pareciam padiolas construídas por uma raça de gigantes já desaparecida. Em seguida vi luzes junto à estrada, uma cidade de luzes além delas. O néon manchava o ar espesso, verde e amarelo:

**KERRIGAN'S COURT
DELUXE MOTOR HOTEL**

O edifício de administração e as cabanas apareciam brilhantemente iluminados. Parei o carro em frente da administração e entrei. Madeira compensada de cor clara e couro verde de imitação por toda parte. A mulher de trás do balcão era loura, igual à madeira. Seus olhos longos e azuis me inspecionaram e fizeram que me sentisse consciente de que estava com o peito nu. Fechei a jaqueta enquanto cruzava a sala.

— Precisa de alguma coisa? Disse de um modo distante.

— Tenho um homem no carro que precisa de ajuda... Desesperadamente. Vou buscá-lo; enquanto isso você chame um médico. Suas sobrancelhas se moveram para baixo, separadas por um sulco de preocupação.

— Está doente?

— Intoxicação de chumbo. Deram-lhe um tiro. Levantou-se apressadamente e com gestos nervosos abriu uma porta que havia atrás dela.

— Dom, venha aqui um momento.

— Precisa de um médico agora mesmo, disse. Não há tempo para conversas. — Conversas? Um homem corpulento encheu a soleira. Usava um terno leve, de gabardine, com ombreiras grandes, e se movia como um ex-esportista que se estragou. — Que diabos aconteceu agora? É incapaz de fazer nada sem ajuda? A mulher retorceu as mãos magras.

— Não admito que me fale desta maneira. O homem sorriu sem mostrar os dentes. Debaixo do cabelo curto e avermelhado seu rosto aparecia aceso pelo álcool ou o aborrecimento.

— Estou em minha casa e falo como me dá a vontade.

— Está bêbado, Dom.

— Você nunca me viu bêbado. Estavam muito perto um do outro atrás do balcão, cara a cara em furiosa intimidade. Eu disse:

— Lá fora no carro há um homem que está sangrando. Se não querem que o traga aqui, ao menos poderiam chamar uma ambulância. O homem se voltou para mim; seus olhos eram triângulos cinzas debaixo das pálpebras.

— Sangrando? Quem é?

— Não sei. Vão pedir ajuda ou não?

— Sim, é óbvio, disse a mulher. Pegou a agendinha de telefones do balcão, procurou um número e discou. O homem saiu batendo a porta.

— Kerrigan's Motor Court, disse a mulher. — A senhora Kerrigan falando. Temos aqui um ferido. Não. Dizem que levou um tiro. Sim, parece grave, uma urgência. Desligou o aparelho.

— Mandarão uma ambulância do hospital do condado. Baixou a voz até deixá-la em apenas um sussurro e acrescentou: — Sinto muito pelo que aconteceu. Nesta família não sabemos fazer frente a uma urgência. Ficamos intimidados.

— Não importa.

— Sim me importa. Sinto seriamente. Inclinou a cabeça para frente por cima do balcão. Seu cabelo era claro e suave, recolhido para trás, como se quisesse ressaltar a beleza do rosto. — Não há nada mais que eu possa fazer? Perguntou, elevando um pouco a voz. — Quer que chame a polícia?

— Chamarão do hospital. A lei exige. Obrigado senhora Kerrigan. Seguiu-me até a porta, uma mulher que tinha perdido a oportunidade de reagir como um ser humano e não podia tirar isso da cabeça.

— Deve ser alguma coisa terrível para você. É seu amigo?

— Não é nada meu. Encontrei-o na estrada.

Tocou-me o braço, como se desejasse estabelecer contato com a realidade, e em seguida retirou rapidamente a mão, como se o contato a assustasse. Tinha os olhos cravados em meu peito: Baixei os meus para a mancha seca que o rosto ensanguentado do ferido tinha deixado.

— Você também está ferido? Posso fazer alguma coisa por você?

— Nada, disse, e saí. Kerrigan estava junto à portinha posterior de meu carro, inclinado para frente com o corpo no interior do veículo. Ergueu-se rapidamente para ouvir meus passos no cascalho.

— Respira ainda?

— Sim, respira. O sangue alcoólico tinha desaparecido de seu rosto, deixando-o cheio de manchas. — Penso que não deveríamos movê-lo, mas o levaremos para dentro se você quiser.

— Poderia sujar o tapete.

— Não há necessidade de ser desagradável, amigo. Acabo de me oferecer para levá-lo para dentro.

— Esqueça. Aproximouse um pouco mais; seus olhos eram opacos e cinzas como pedras sob a luz dos faróis. — Onde o encontrou?

— A uns três quilômetros ao sul da base da infantaria de marinha, na sarjeta. — Como o trouxe para aqui, para a minha porta, se me permitir a pergunta? — Permito. Este foi o primeiro lugar que encontrei. Da próxima vez não me deterei.

— Não é isso o que queria dizer. Só estava perguntando se tinha sido uma coincidência.

— Por quê? Conhece-o?

— Sim. Dirige um caminhão para Transportes Meyer da cidade. Chama-se Tony Aquista.

— Conhece-o bem?

— Eu não diria tanto. Devido a meu negócio, conheço a maioria dos motoristas de Las Cruces. Mas não me junto com caminhoneiros mexicanos.

— Muito bem feito. Alguma ideia de quem pode ter atirado?

— Parece-me uma pergunta tola.

— Possivelmente poderia respondê-la apesar disso.

— O que lhe dá direito a fazer perguntas, amigo?

— Continua me chamando de amigo. Enche-me de emoção.

— Não me disse como se chama.

— É. Não disse.

— Talvez eu é que deveria lhe fazer uma ou duas perguntas, disse. — Por acaso não será você mesmo quem lhe deu o tiro?

— Você é muito esperto. Claro que fui eu. E agora me encontro em plena fuga.

— Foi só uma pergunta. É que reparei nas manchas de sangue que leva em cima.

Sorriu com suave malícia. Sua boca cambiável, de uma vez sensível e brutal, tentava meu punho do mesmo modo que um ímã atrai o ferro. Era corpulento e não muito velho, mas estava um pouco amadurecido. Coloquei o punho no bolso e dei a volta no carro. Acendi a luz de cima. Tony Aquista seguia com suas borbulhas pequenas e tristes. Agora tinha os olhos completamente fechados.

Estava cego e surdo por causa do esforço que fazia por se aferrar à vida. Ouviuse a sirene da ambulância na estrada.

Segui-a em sua viagem de volta através dos bairros periféricos, passando diante de motéis, cabanas e campings onde soldados e viajantes de comércio e turistas passavam noites transitivas com companheiros de cama igualmente transitivos. Ao chegar a um ponto em que convergiam duas estradas principais, a ambulância virou à esquerda e saiu da estrada. A luz verde demorou e tive que esperar. O hospital era visível ao longe. Mais perto da estrada se elevava sobre a noite, como um gigantesco sonho de violência, a tela iluminada de um cinema ao ar livre em que dois homens se esmurravam ao compasso de uma música apaixonada. Encontrei a entrada de ambulâncias na parte posterior do hospital. O letreiro luminoso e vermelho dizia URGÊNCIA e projetava um resplendor infernal sobre o meio-fio de cimento manchado de óleo. Antes de entrar tirei uma camisa limpa do saco de noite e a coloquei. Na sala, meia dúzia de pessoas embainhadas em batas brancas se agrupavam ao redor da mesa em que jazia Tony Aquista. Agora até seus lábios estavam amarelos. Uma garrafa de sangue colocada de cabeça para baixo ia gotejando em um tubo preso com esparadrapo ao braço do ferido. Um médico jovem, talvez um interno, se inclinou sobre o rosto fechado e apertou os olhos com os polegares. Aquista não se moveu. A sala parecia ter a respiração contida. Coloquei-me ao lado do médico. Olhou-me com olhos penetrantes.

— Você é um paciente?

— Testemunha. Sou quem encontrou este homem. O médico meneou a cabeça.

— Pois deveria ter encontrado antes. Virou-se para uma das enfermeiras. — Não esbanjem mais

sangue com ele. A enfermeira fechou o tubo de borracha e desconectou a garrafa meio vazia. O aroma do hospital, o aroma de dissolução, me ardia as fossas nasais.

— Morreu, doutor?

— Sim. Não tem pulso, nem respiração. Certamente sangrou muito e é provável que não restasse nem meio litro no corpo.

— Ferida de bala?

— Sem dúvida nenhuma, diria eu. Estas feridas nos pulmões são assassinas. Baixei os olhos para o rosto de Tony Aquista. A carne se converteu em cera e uma careta punha seus dentes a descoberto.

— Disse bem... Assassinato. Devo ter elevado a voz ou falar de um modo estranho. O médico me dirigiu um olhar compungido.

— Este homem é seu amigo?

— Não. É só que eu não gosto de ver ninguém assim. Avisaram à polícia?

— O escritório do xerife. Ocorreu no condado, não é?

— Pelo menos o atiraram numa sarjeta do condado. O médico se pôs a andar para a porta e disse por cima do ombro.

— Imagino que o xerife vai querer que você fique por aqui.

Não lhe disse que esperar policiais em salas esterilizadas era meu ofício. Esperei sentado em uma cadeira de metal junto à entrada da sala de entrada, enquanto as atividades do hospital se desenvolviam a meu redor. As enfermeiras iam e vinham, preparando a sala para o próximo caso urgente. Tony Aquista, oculto sob um lençol, foi transportado em uma maca de rodas para o depósito de cadáveres, ao final do corredor.

Parte de meu cérebro entrou com ele na fria escuridão. Às vezes é o que acontece quando morre um homem jovem. Senti quando uma parte de mim se transformou em cera sob as luzes brancas. De algum lugar das rumorosas vísceras do edifício chegou aos meus ouvidos o pranto penetrante de uma criança pequena. Perguntei-me se seria um recém-nascido que com sua chegada igualasse a população de Las Cruces.

Um homem alto que vestia um terno cinza abriu a porta. Seu deslumbrante Stetson de cor branca quase roçou o marco da porta ao entrar. O homem golpeou a parede de cimento com a palma da mão e disse ao agente uniformizado que estava atrás dele:

— Maldito seja! O que aconteceu ao Tony? O agente deu de ombros.

— Alguma confusão de saias, talvez. Você já conhece o Tony, chefe. — Sim. Conheço o Tony.

A sombra móvel do xerife se alongou para mim. O rosto debaixo da asa do chapéu era comprido e magro como o resto do corpo, e bronzeado pelo sol do vale. Embora fosse jovem para seu cargo, mais ou menos da minha idade, pude ver as cicatrizes de antiga dor que surgiam dos ângulos dos olhos e emolduravam a boca. Seus olhos eram fundos e negros como as janelas de uma casa encantada.

— Você é quem o trouxe?

— Foi.

— Não é de Las Cruces, verdade?

— De Los Angeles.

— Entendo. Assentiu com a cabeça como se eu acabasse de reconhecer alguma coisa que me prejudicasse. — Vejamos, nome e endereço?

Dei-lhe meu nome, Lew Archer, e meu endereço profissional no Sunset Boulevard. O agente uniformizado tomou nota de tudo. O xerife arrastou uma segunda cadeira até colocá-la junto à minha e se sentou de cara para mim.

— Sou o xerife Church. Este é Danelaw, meu encarregado de identificações. E a que se você dedica, senhor Archer, além de exercer o papel de bom samaritano? Pensei que se o que queria era se fazer simpático, não estava conseguindo.

— Sou investigador particular com licença.

— Caramba. Isto é uma coincidência. Ou não é? O que você fazia na estrada? — Dirigia. Vou caminho de Sacramento.

— Ia, disse ele com brutalidade. — Hoje em dia não é aconselhável exercer de bom samaritano. Temo que terá que suportar um pouco de papelada. Entre outras coisas, o precisaremos para a investigação judicial.

— Certo.

— Procurarei acelerar os trâmites... Amanhã ou depois de amanhã. Vamos ver, hoje estamos na quinta-feira. Pode ficar até sábado?

— Se não tiver outra solução.

— Muito bem. Vejamos, agora, como o recolheu?

— Estava caído na sarjeta, a uns três quilômetros ao sul da base da infantaria de marinha. Consegui ficar de joelhos e me fazer sinais.

— Então estava consciente? Disse-lhe alguma coisa?

— Perdeu o conhecimento antes que chegasse até ele. Não tinha vontade de movê-lo, mas não havia forma de telefonar, nem ninguém que pudesse ir procurar ajuda. Coloquei-o no assento posterior de meu carro e liguei pedindo uma ambulância do primeiro lugar com telefone que encontrei.

— Que lugar foi esse?

— O motel de Kerrigan. Kerrigan reagiu de uma forma estranha ao saber do ocorrido. Parece que conhecia Aquista e não queria saber nada dele, morto ou vivo. Sua esposa pediu uma ambulância para mim.

— Que fazia a senhora Kerrigan ali?

— Pareceu-me que se encarregava da recepção.

— A senhorita Meyer não estava? A diretora de Kerrigan?

— Se estava, eu não a vi. Tem importância?

— Não. A voz do xerife tinha subido de tom. Dominou-a. — É a primeira vez que ouço dizer que Kate Kerrigan trabalhava ali. Danelaw elevou os olhos apartando-os da caderneta de notas.

— Esteve ali toda a semana. Church lhe olhou como se quisesse lhe fazer mais perguntas, mas as engoliu. Seu pomo de Adão se movia visivelmente. Disse:

— Kerrigan estava um pouco bêbado. O que talvez explique suas maneiras. Perguntou-me se era eu quem tinha dado o tiro no Aquista. Um sorriso forçado se pintou na boca do xerife.

— E você, o que respondeu?

— Que não. Nunca tinha visto esse homem. Quero que isso fique bem claro, se por acaso o Kerrigan começar a dizer dizer mais tolices.

— Não é má ideia, em vista das circunstâncias. Agora agradeceria que me acompanhasse até o lugar onde o encontrou.

Levantamo-nos os dois ao mesmo tempo. Sua mão ossuda se fechou sobre meu ombro e me empurrou brandamente para a saída. Não consegui ver se se tratava de um gesto para me dar ânimos ou de uma ordem. Fosse o que fosse, movi bruscamente o ombro para me liberar. Seu carro era um Mercury especial novo e negro com placa secreta e sem distintivos oficiais. Seguiu-me quando saí da cidade por onde tinha chegado.

A calma crepuscular do trânsito tinha acabado. Agora era noite fechada. Um após o outro os carros perfuravam a noite com seus faróis, atravessando o vale do sul, me deslumbrando por uns segundos para desaparecer em seguida. Outro carro oficial que vinha do norte nos deu passagem. Viramos adiante do acampamento deserto e começamos a observar a sarjeta. A luz dos carros que estavam atrás de mim se arrastavam pela sarjeta como remos de luz quebrados. Depois de fazer duas paradas em falso, encontrei o lugar. Marcava-o um rio de sangue seco sobre o cascalho. Os capins esmagados continuavam mostrando o contorno de um corpo jogado com os membros estendidos. Vários agentes desembarcaram do segundo carro patrulha. Um deles era um indivíduo de ombros poderosos e vivos olhos espanhóis que se moviam constantemente num rosto cuja cor era o de um índio. O homem saudou o xerife com um gesto de impaciência:

— Puseram-se em contato com Meyer. Tony dirigia o caminhão hoje e o veículo desapareceu.

— O que levava no caminhão?

— Meyer não nos quis dizer. Quero falar disso com você. O olhar inquieto do homem de tez escura se pousou em mim com tanta força, que notei o impacto.

O xerife passou um braço paternal ao redor dos ombros enfurnados em um uniforme cor verde oliva.

— Vamos, vamos, calma, Sal. Já sei que para vocês o parentesco é muito importante. Tony era seu primo, não é assim?

— Filho da irmã de minha mãe.

— Pegaremos quem fez isso, Sal. Mas antes temos que estar certos de que efetivamente foram eles. Este homem que está comigo não teve nada a ver com o assassinato. Encontrou Tony e o levou a hospital.

— Ele diz isso?

— Digo-o eu. De repente o tom do xerife ficou oficial. — Onde Meyer está agora?

— Em suas dependências.

— Pois vá vê-lo e pegue todos os detalhes sobre o caminhão. Diga ao velho que eu passarei por lá

mais tarde. Dê o alarme geral. E quero controles em todas as estradas que saem do condado. Entendido, Sal?

— Sim, senhor.

O homem de tez escura se pôs a correr para seu carro. O xerife e o restante de seus agentes examinaram o terreno com os olhos, os dedos e as lanternas. Danelaw, o encarregado das identificações, tomou as medidas de meu sapato e a cotejou com as pegadas que se viam na sarjeta. Não havia mais pisadas que as minhas; tampouco havia marcas de mais pneus no cascalho da plataforma.

— Ao que parece, jogaram-no de um automóvel, disse Church. — Ou possivelmente de seu próprio caminhão. Em todo caso, o veículo não saiu do meio-fio. Olhou-me. — Viu algum carro? Ou caminhão?

— Não.

— Nada absolutamente?

— Nada.

— É possível que não tenham parado, que se limitassem a jogá-lo, a deixá-lo aqui, e que ele se arrastasse até a sarjeta. Danelaw falou do lado da estrada:

— Parece-me que isso é justamente o que fez, chefe. Há rastros de sangue no lugar por onde se arrastou até a sarjeta. Church cuspiu no meio-fio. — Feio assunto, muito feio. Virou-se para mim, quase como sem querer. — A propósito, posso dar uma olhada na sua licença?

— Por que não? Mostrei-lhe a fotocópia.

— Parece-me em ordem. O que me disse que ia fazer ao chegar a Sacramento?

— Não disse. Tenho que apresentar um relatório a uma comissão legislativa. Dei-lhe o nome do presidente da comissão. — Contratou-me para que estudasse a distribuição de narcóticos nos condados do sul.

— Se quisesse ter a chatice de comprovar o que diz, pareceria certo? — Naturalmente. Trago umas cartas comigo. Pus-me a andar para o carro, mas Church me deteve:

Não precisa se incomodar. Não suspeitamos de você. Sal Braga é muito dado a se emocionar e casualmente é parente da Aquista. Nesta cidade todo mundo é parente de todo o mundo. O que às vezes complica um pouco as coisas. Permaneceu calado um momento. — O que lhe parece se formos falar com Kerrigan? — Eu adorei a ideia.

Naquele momento já havia numerosos carros, oficiais e não oficiais junto à estrada. Um homem da patrulha de estradas dirigia o trânsito com uma lanterna. Fez lugar para que o Mercury do xerife pudesse virar. Eu o segui em meu carro. O resplendor vermelho que se via sobre a cidade me recordou o letreiro luminoso da entrada da urgência do hospital, ampliado imensamente. Além da cidade iluminada, nas montanhas, o feixe de luz de um farol aéreo dava voltas e parecia esquadrihar a noite em busca de algum significado.

Certamente estava esperando a chegada do xerife. Saiu do edifício de administração antes que eu acabasse de estacionar atrás do Mercury.

— Como está o menino, Brand? — Atirando.

Apertaram-se as mãos. Mas observei que enquanto falavam se observavam atentamente como jogadores de xadrez que já se enfrentaram em alguma ocasião. Ou como jogadores de um jogo um pouco mais perigoso que o xadrez. “Não”, disse Kerrigan, não sabia o que tinha acontecido a Aquista nem por quê. Não tinha visto, ouvido nem feito nada errado. O homem do carro lhe pedira permissão para usar o telefone e essa era sua única relação com o caso. Dirigiu-me um olhar de melíflua hostilidade.

— Por certo, que tal anda o negócio? Church levantou os olhos para o letreiro luminoso que indicava se havia quartos livres e viu que não havia. — Parece-me que não precisa perguntar.

— Pois a verdade é que vai mal. Pus o letreiro porque minha esposa está muito transtornada para se ocupar da recepção. Diz ela.

— Anne está de férias?

— Chamemos assim.

— Foi embora?

Kerrigan elevou os ombros e os deixou cair de novo.

— Ignoro. Ia perguntar a você.

— Por que a mim?

— Anne é parente de você. Não vem trabalhar há uma semana. E não consegui entrar em contato com ela.

— Não está em seu apartamento?

— O telefone não responde. Kerrigan olhou atentamente o rosto do xerife. — Tampouco você a viu, Brand?

— Esta semana, não. Fez uma pausa e adicionou: — Não vejo Anne tão frequentemente como antes.

— É estranho. Acreditava que virtualmente fazia parte da família.

— Engana-se. Ela e Hilda se veem de vez em quando, mas Anne vive sua própria vida, principalmente.

Kerrigan mostrou seu sorriso melífluo e feio.

— Será que nesta semana levou sua própria vida um pouco mais que o normal, hein?

— O que quer dizer?

— O que você preferir.

Church deu um passo comprido para ele, com os punhos fechados. Seus olhos eram grandes e negros e seu rosto tinha uma pátina verde sob a luz de cor. Parecia doente de raiva. Abriu a portinha do carro e pus um pé sobre o cascalho. O ruído que fiz ao me mover o conteve. Ficou tremendo, olhando fixamente o sorriso malévolo de Kerrigan. Em seguida deu meia volta e se afastou de nós. Andou como um autômato até a margem da luz e ficou ali, nos dando as costas, com a cabeça encurvada.

— Sou um falador, né? — Disse alegremente Kerrigan. — De vez em quando fica furioso. Um dia o fará fora do tempo e ficará sem emprego. A senhora Kerrigan abriu a porta e disse:

— Aconteceu alguma coisa, Dom? Aproximouse. Usava uma capa prateada e uma expressão ansiosa.

— Sempre acontece alguma coisa. Disse ao xerife que Anne Meyer não apareceu durante toda a semana. Ao que parece, ele acredita que eu tenho culpa nisso. Eu não sou responsável por sua condenada cunhada. A mulher lhe tocou o braço timidamente, como alguém que tentasse acalmar um animal excitado.

— Terá interpretado mal, querido. Estou certa de que o xerife não pode culpá-lo do que ela fizer. Provavelmente quer interrogá-la sobre Tony Aquista.

— Por quê? Perguntei eu. — Também ela conhecia Aquista?

— Claro que conhecia. Ele estava envolvido com ela. Não é verdade, Dom? — Feche o bico. A mulher se separou dele, e deu uns tropeções por causa dos saltos altos, como se alguém a tivesse empurrado.

— Continue senhora Kerrigan. Pode ser que seja importante. Aquista acaba de morrer.

— Morreu? Suas mãos subiram até o peito e se envolveram na capa de pele. Afastou os olhos de mim para olhar a seu marido e seus olhos azuis se escureceram. — Anne está misturada no assunto?

— Não tenho ideia, respondeu ele. — Já é suficiente, Kate. Vá para dentro. Faz frio, está transtornada e está se pondo em ridículo.

— Não é verdade. Não pode me ordenar que entre. Tenho todo o direito do mundo a falar com quem me agrada.

— Não consentirei que fale mais da conta com esse filho de...

— Não fala...

— Feche o bico. Sua voz era baixa e mortífera. — Já me causou problemas suficientes. Pegou-a pelos cotovelos e a levou aos empurrões para a porta. Ela lutou fracamente para se soltar, mas quando ele a deixou entrou na casa sem voltar a vista para trás.

Ele voltou para junto a mim, acariciando o cabelo. Tinha-o talhado à escovinha, muito curto para sua idade. Supus que era um desses homens de meia idade que são incapazes de aceitar que sua juventude já terminou. O corte de cabelo lhe dava uma superfície irreal, debaixo da qual vibrava uma corrente de crueldade.

— Pelo que vejo, você não é partidário de tratá-las à força da amabilidade. — Sei como tratar as cadelas. Puro-sangue ou do tipo que sejam. Também sei como tratar aos filhos de cadela que colocam os narizes nos assuntos alheios. A menos que tenha vindo por algum assunto oficial, lhe sugiro que se largue de minha propriedade. Depressa.

Olhei a meu redor procurando Church. Estava em uma cabine pública de telefones no extremo da rua. Tinha o auricular apoiado na orelha, mas não me pareceu que estivesse falando.

— Fale com o xerife, disse. — Vim com ele.

Pode-se saber quem é você, amigo? Se tiver posto ao xerife contra minha...

— O que acontecerá?

Agora era meu homem favorito. Mantive as mãos baixadas e o queixo caído, esperando que tentasse me golpear para ter a oportunidade de devolver.

— Que se encontrará no chão com a garganta cheia de dentes.

— Pensei que só maltratasse mulheres.

— Quer uma demonstração? Mas vi que pela extremidade de seus olhos brilhantes observava o xerife, que já vinha para nós. O rosto do xerife parecia solene e composto.

— Devo-lhe desculpas, Dom. Não estou acostumado a perder a cabeça desta maneira.

— Não? Um dia a perderá com um contribuinte importante. E então não conseguirá que o escolham mais.

— Certo. Esqueçamos. Não lhe fiz mal.

— Gostaria de vê-lo tentando.

— Disse que esqueçamos, insistiu Church sem elevar a voz. O esforço que fazia para se dominar

permitia lhe analisar os músculos faciais. — Fale-me mais da Anne. Ao que parece, ninguém sabe aonde está. Não disse a Hilda que tivesse intenção de deixar o emprego ou de ir a alguma parte.

— Não deixou o emprego. Simplesmente foi passar o fim de semana fora e não se apresentou para trabalhar na segunda-feira pela manhã. Ao que parece, não retornou. Não tive notícias dela.

— Aonde foi?

— Você deve saber. Não me diz nada.

Olharam-se fixamente durante um longo momento. Havia entre eles alguma coisa pior que violência potencial, havia um ódio que ia além da violência e que os absorvia por completo, como uma grande paixão.

— Você é um mentiroso, disse finalmente Church.

— Pode ser que seja um mentiroso. Pode ser que seja uma sorte que o seja.

Se for.

Church se deu conta de que eu estava observando e moveu a cabeça com um gesto imperativo. Deixei-lhes encetados em sua briga silenciosa e encarniçada e entrei no vestíbulo escuro. A luz verde e amarela que se filtrava pelas persianas pouco conseguia penetrar a escuridão. A senhora Kerrigan estava em um sofá no fundo mais afastado de onde me encontrava. Quão único podia ver dela eram seus cabelos de pontas chapeadas e o fulgor úmido de seus olhos.

— Quem está aí?

— Archer. O que lhe trouxe complicações.

— Você não me trouxe complicações. Eu é que as tive desde o começo. Levantou-se e andou até o centro da sala. — Não é do corpo da polícia local, senhor Archer.

— De fato. Sou detetive particular. Estou acostumado a trabalhar nos condados do sul. Vim parar neste por acaso.

Não é o que acontece a todos? Seu aroma era débil e fragrante, como a nostalgia dos verões meio esquecidos. Seus sussurros preocupados pareciam a voz da escuridão palpitante. — O que significa tudo isto?

— Você saberá melhor que eu. Você conhece as pessoas interessadas. — Sim? Na realidade não as conheço. Nem sequer conheço meu próprio marido.

— Quanto tempo têm de casados?

— Sete anos. Sete difíceis anos, titubeou. — Senhor Archer, você é um desses detetives que podem se contratar... Para que descubra coisas sobre outras pessoas? Respondi que sim. — Eu poderia... Posso confiar em você?

— Outras pessoas puderam, mas não trouxe referências.

— Custaria muito? Tenho um pouco de dinheiro.

— Não sei o que você quer.

— Não, não sabe, claro. Peço desculpas. É que esta noite não sei onde tenho a cabeça.

— Ou possivelmente não me quer dizer isso.

— Pode ser. Pude notar seu sorriso invisível. — Ou possivelmente não sei exatamente o que é o que quero que faça. Certamente, não quero causar complicações a ninguém.

— Ao seu marido, por exemplo?

— Sim. Ao meu marido. Sua voz baixou até se fazer quase inaudível. — Ontem à noite encontrei Dom fazendo a malas, duas malas grandes. Acredito que pensa em me deixar.

— Por que não pergunta?

— Não me atreveria, disse com uma espécie de engenho desolado. — Talvez me desse uma resposta. — Está apaixonada por ele?

— Não tenho a menor ideia, disse com certa brutalidade. — Estive em um tempo, já faz muito.

— Outra mulher?

— Outras mulheres, sim.

— Anne Meyer seria uma delas?

— Sei que foi. Houve um... Houve alguma coisa entre eles no ano passado. Dom me disse que tinha terminado, mas pode ser que ainda continue. Se você pudesse encontrá-la, descobrir a quem foi ver... A voz quebrou.

— Exatamente quanto tempo faz que desapareceu?

— Desde o fim de semana passado, na sexta-feira.

— Onde foi no fim de semana?

— A verdade é que não sei.

— Com seu marido?

— Não. Ao menos, ele diz que não. Eu ia dizer que... Kerrigan falou atrás de mim:

— O que ia dizer?

Tinha aberto a porta do vestíbulo sem fazer ruído. Sua sombra volumosa avançou deixando atrás o retângulo de luz da porta. Passou por meu lado e se inclinou tensamente para sua esposa:

— Disse-lhe que mantenha a boca fechada.

Eu não...

— Mas ouvi. Você não me chamaria de mentiroso, não é Kate? Virou-se de lado, em seguida ouvi o ruído seco do golpe e o coice que a mulher deu.

Agarrei-lhe por um ombro.

— Deixe-a em paz, valentão.

A grossa ombreira se despreendeu e ouvi ruído de tecido ao rasgar. Soltou um uivo canino e se voltou para mim movendo os braços. Um de seus punhos me golpeou o pescoço, deixando-o anestesiado. Retrocedi até a luz que entrava pela porta e deixei que se aproximasse. Carregou como um carneiro, diretamente para minha esquerda. Ergueu-se após me golpear e aproveitei para soltar um direito na mandíbula. Os joelhos dobraram e cambaleou para frente. Voltei a lhe bater, desta vez com a esquerda, antes que seu rosto tocasse o tapete. Sua mulher se ajoelhou a seu lado.

— Homens! São como crianças horríveis. Sustentou-lhe a cabeça com as mãos e em seguida limpou os cortes do queixo com um lenço. — Você acha que é grave?

— Duvido. Não bati muito forte.

— Não deveria ter batido nele.

— Ele procurou.

— Sim, suponho que foi assim. Kerrigan se moveu ao mesmo tempo em que soltava um gemido. A mulher elevou por volta de mim seus olhos de expressão temerosa. — Agora será melhor que saia daqui. Dom tem uma pistola e sabe utilizá-la.

— Utilizou-a contra Aquista?

— É óbvio que não. Isso é absurdo. Sua voz era aguda e defensiva. — Meu marido não teve nada a ver com o assunto. Esteve aqui comigo toda a tarde.

Kerrigan voltou a se mover e tentou se levantar pela metade. Seus movimentos pareciam os de um bêbado.

— Agora se vá, por favor, disse ela sem me olhar.

— E o trabalho de que estávamos falando?

— Vamos esquecê-lo, simplesmente esquecê-lo. Não posso suportar mais complicações.

— O que você quiser. Afinal se trata de seu casamento.

O Mercury do xerife já fora e o cascalho iluminado pelos faróis parecia uma arena abandonada. Conduzi meu carro até a estrada e me uni ao trânsito que se dirigia à cidade, mas não durante muito tempo. Uma sensação indefinível saía de mim como uma corda longa e elástica que me atasse aos Kerrigan e aos seus problemas. Chamem-no curiosidade; mas a beleza oblíqua e loira da senhora Kerrigan tinha muito a ver com isso. Desejava vê-la sair de seus apuros e ao mesmo tempo ver como os de seu marido ficavam mais profundos. A corda alcançou o limite de sua elasticidade e fez que meu carro diminuísse a velocidade. Um buraco no trânsito me permitiu fazer um retorno em U. Voltei a passar diante do motel, fiz outro retorno em U a uma centena de metros do mesmo e estacionei à sombra de um carvalho que se elevava junto à estrada.

Fumei dois cigarros. Em seguida as lâmpadas que beiravam o motel se apagaram. O letreiro verde e amarelo sumiu na escuridão. As janelas do vestíbulo obscureceram e Kerrigan saiu pela porta. Com passos perceptivelmente curtos, cruzou o cascalho para um beco que havia detrás da fila de cabanas. Ao cabo de um minuto seu conversível vermelho-bombeiro apareceu na boca do beco. A buzina soou com impaciência. A senhora Kerrigan saiu do edifício. Sujeitou a capa de raposa prateada sobre os ombros, e correu até o conversível.

Era um carro fácil de seguir. Entrei atrás dele em Las Cruces, atravessei a cidade e cheguei a um bairro residencial situado na ladeira de uma colina. Ali Kerrigan deixou a sua esposa em frente de uma casa grande, de dois andares. Tomei nota do lugar. Kerrigan virou em direção ao centro da cidade, dirigindo como se seu automóvel fosse uma máquina de destruição. Em pouco tempo estacionou em uma rua lateral perto da rua principal. Encontrei um lugar para meu carro e me pus a segui-lo a pé.

Estávamos na parte baixa do centro, um ermo urbano de hotéis baratos, lojas de objetos e móveis usados, restaurantes mexicanos e chineses. Kerrigan parou sob o letreiro de um café, SAMMY'S ORIENTAL GARDENS, e começou a olhar rua acima e rua abaixo. Oculti-me na soleira de uma casa de empenhos. Seu interior fracamente iluminado se achava detrás de janelas com barrotes como uma lembrança insensata da civilização. Quando voltei a pisar na calçada, Kerrigan já tinha desaparecido. Andei rapidamente até o café e olhei o interior através das janelas sujas de excrementos de mosca. Kerrigan caminhava para a parte traseira da loja, acompanhado por um garçom chinês que sorria fazendo gestos para que entrasse ao chegar a um arco acortinado. Esperei até que se perdesse de vista e então entrei.

Era um restaurante grande e antiquado com um balcão cheio de gente ao longo de um de seus lados e mesas e bancos de madeira separados por tabiques pintados de preto e laranja no outro. Luminárias de papel apagadas estavam penduradas tristemente no teto enegrecido pela fumaça. Um lânguido ventilador instalado também no teto agitava uma atmosfera composta de óleo rançoso e molho de soja, carregado de odor de uísque e suor humano. Os fregueses pertenciam aos estratos inferiores da vida no vale: caipiras que trabalhavam nos poços de petróleo e suas mulheres, jeans com botas de montar de saltos altos, um velho bêbado sentado a uma mesa em alcoólico isolamento, esperando que começassem os sonhos. O garçom chinês me mostrou os dentes e as gengivas.

— Deseja uma mesa, senhor? Disse com precisão.

— Preferiria um salãozinho particular.

— Sinto muito, senhor, está ocupado. Se tivesse chegado um minuto antes... — Não importa.

Sentei-me ante uma das primeiras mesas para poder vigiar o arco no espelho que havia atrás do balcão. O garçom pediu um uísque de centeio duplo, com gelo, e o levou ao interior da parte traseira da loja. Quando me trouxe o menu eu disse:

— Essas luminárias de papel são um risco de incêndio, não é? Os incêndios me dão medo. Este edifício tem alguma saída traseira?

— Não, senhor, mas não há nenhum perigo. Jamais tivemos um incêndio. Deseja comer já, senhor?

Lembrei que não tinha comido nada desde o meio-dia e pedi uma garrafa de cerveja e um filé. Digno de um Rei, dizia o menu, de modo que você venha com sua Rainha. Mentia.

Estava regando com cerveja os últimos pedacinhos flexíveis do filé quando uma garota entrou vindo da rua, caminhando com passos tranquilos. Sua cabeça era pequena e de belas formas, coroada por cabelo curto, negro e lustroso que fazia pensar no cetim. Tinha os olhos negros e planos, uma boca tão áspera como o pecado. Seu casaco de pele de coelho tingido de visom estava aberto e ao caminhar meneava os quadris seguindo um ritmo marcado. Todos os homens que estavam no balcão, incluindo o garçom filipino, se deram conta de sua presença simultaneamente. A garota se entreteve perto da entrada, absorvendo a atenção dos homens, como se se tratasse de combustível ou alimento. Seu corpo suave, de talhe diminuto, pareceu se inchar de um modo exuberante, e seus peitos se elevaram sob a pressão dos olhares. Meus olhos se cruzaram com os seus. Não pude evitar lhe dirigir um sorriso. Lançou-me um olhar desdenhoso e se voltou para o garçom.

— Ele veio?

— Acaba de chegar, senhorita. Está esperando no salãozinho de trás.

Observei-a enquanto seguia ao garçom e me perguntei se seria Anne Meyer. Não se parecia com nenhuma das diretoras de motel que tinha visto em minha vida. Dava mais a impressão de ser uma atriz que não tivesse tido muito êxito no sul, ou uma prostituta aficionada a que as coisas fossem muito bem e que estivesse a ponto de se converter em profissional. Fosse qual fosse sua ocupação, nela teria que haver sexo. Estava tão cheia de sexo como uma uva está de suco, e era tão jovem que ainda não tinha começado a azedar.

Esperei até que o garçom teve cruzado a porta giratória que se comunicava com a cozinha. Então me pus de pé e me aproximei do arco acortinado. O corredor que havia ao outro lado era estreito e mal iluminado, com duas portas com plaquinhas que diziam CAVALHEIROS e SENHORAS em seu extremo. Mais perto de mim havia outra porta com uma grossa cortina verde, através da qual se ouviam vozes apagadas. Apoiei-me na parede junto a ela. A voz da moça dizia:

— Era sua esposa a que atendeu ao telefone? Nunca tinha falado com ela. Tem uma dicção muito culta.

— Sim, é muito culta. Muito culta. Kerrigan soltou uma gargalhada em que não havia nem pingo de alegria. — Não deveria ter telefonado para o motel. Ontem à noite me pegou fazendo a mala e temo que esteja muito desconfiada.

— Sobre nós?

— Sobre tudo.

— Tem importância? Não pode fazer nada para nos deter.

— Não a conhece, disse ele. — E neste momento tudo tem importância, por mais insignificante que seja. Não deveria ter vindo aqui.

— Não se alegra em me ver?

— Claro que me alegro de vê-la. É só que penso que deveríamos ter esperado.

— Esperei o dia todo, Donny. Não tive notícias suas, não tinha nenhuma fibra de erva e os meus nervos começavam a ficar excitados. Precisava vê-lo.

Precisava saber o que tinha acontecido.

— Não aconteceu nada. Deu resultado. Tudo terminou.

— Então podemos ir? Agora? Falava de um modo jovem e ansioso.

— Ainda não. Tenho coisas a fazer. Tenho que me pôr em contato com Bozey...

— Não foi?

— Será melhor que não se vá. Ainda me deve dinheiro.

— Pagará. Pode confiar nele, pois Bozey não é nenhum estelionatário.

Quando vai vê-lo?

— Mais tarde. Não é o único a quem tenho que ver.

— Quando vê-lo, fará alguma coisa por mim, Donny? Sua voz era o miado de uma gatinha. — Peça-lhe um par de trouxinhas para mim, né? No México posso obtê-las em abundância, só que preciso delas agora, esta noite. Não posso suportar esta espera.

— Acha que eu gosto desta tensão nervosa? No tom de sua voz havia compaixão de si mesmo. — Está me destruindo. Gosto de ficar sentado e quieto. Se não estivesse louco, não teria vindo.

— Não se preocupe, meu bem. Aqui não pode acontecer nada. Sammy está informado.

— Sim. Às vezes me pergunto se outras pessoas também estão inteiradas. Um detetive particular veio farejar no motel...

— Esqueça-o, Donny. Agora a gatinha se pôs a ronronar. — Venha, se aproxime e me fale do lugar. Sabe? Passaremos todo o dia deitados ao sol, nus, e nos divertiremos contemplando os pássaros, as nuvens e teremos criados que nos atenderão. me fale de tudo isso.

Ouvi as passadas de um homem no chão e olhei através da estreita fresta que havia entre o dintel e a beira da cortina. O homem estava de pé detrás da cadeira da garota com expressão de narcotizado. As mãos deixaram o pescoço da moça e se moveram para baixo. Ela as cobriu com as suas e elevou uma delas para sua boca. Ao afastá-la, estava manchada de vermelho. Kerrigan se inclinou sobre o rosto da moça, os dedos se atirando a sua roupa como um moribundo se agarrando aos lençóis. Uma voz sibilante disse atrás de mim:

— Procura alguém, senhor? O garçom chinês estava no arco, sustentando uma bandeja em que apareciam dois bifés.

— O lavabo dos homens?

— Ao final do corredor, senhor. Seu sorriso parecia disposta a me morder. — O letreiro diz claramente.

— Obrigado. É que sou muito curto de vista. — De nada, senhor.

Entre no lavabo de homens e o utilizei. Ao sair, o salãozinho particular estava vazio. Os bifés se achavam sobre a mesa, intactos, perto do copo vazio de Kerrigan. Saí e cruzei o restaurante. O garçom chinês se encontrava detrás do balcão.

— Aonde foram? Perguntei. Olhou-me como se nunca tivesse me visto e respondeu em chinês, empregando um tom monótono.

Na rua não havia ninguém. O conversível vermelho de Kerrigan já não estava estacionado onde estivera antes. Dei a volta na quadra em meu carro, infrutiferamente, e em seguida ampliei o círculo para abranger várias quadras. Perto da esquina da rua principal e de outra chamada Yanonali vi a garota caminhando para o oeste por esta. Estava sozinha, mas seu corpo se balançava e rebojava como se tivesse público. Diminuí a marcha para lhe dar vantagem em seguida a segui com meia quadra de distância entre nós. O meio-fio e os edifícios foram se deteriorando à medida que nos afastávamos do centro. Apartamentos ruinosos e pensões cujas janelas permitiam captar espionagens fugazes de depressão permanente, se misturavam com bares pequenos e pouco iluminados e bancas em que vendiam hambúrgueres. As pessoas que estavam nos bares e nas ruas, pessoas morenas, negras e cinza sujo, tinham personalidades apagadas e ruinosas que faziam jogo com os edifícios. Todas salvo a garota a que estava seguindo. Caminhava rebojando como se estivesse bêbada de seu próprio desejo.

Os postes de iluminação eram escassos e muito distanciados uns dos outros. Em uma esquina, sob um deles, uma turma de garoto negros muito jovens para entrar nos bares jogavam na rua, projetando suas negras identidades sobre a negra indiferença da noite. Ficaram quietos ao passar a moça e a olharam com olhos que pareciam pedras pardas e molhadas. Ela não lhes deu atenção. Ao chegar na metade da quadra seguinte, entrou em um edifício. Estacionei perto da esquina e examinei-o da outra calçada. Era grande para a rua, de três andares, e em outros tempos teria sido bastante pretensioso. Um paramento de azulejos arrematava sua cornija de estuque. As janelas do segundo e do terceiro andar ficavam ocultas atrás de estreitos balcões de ferro forjado. Mas as tenebrosas marés da Rua Yanonali tinham gasto seus alicerces e o rodeavam com uma atmosfera de desesperança. A cicatriz remendada de um terremoto ziguezagueava de um lado a outro da fachada. Manchas amarelas de ferrugem baixavam dos balcões como lágrimas de ferro. As luzes atrás das persianas, o vestíbulo escuro e aberto à rua, davam a impressão de transitoriedade furtiva. Não sabia como a garota se chamava e seria quase impossível encontrá-la na toca de apartamentos e corredores do edifício. Voltei para meu carro. Os rapazes negros o rodeavam formando um semicírculo irregular.

— É muito rápido? Perguntou o menor deles.

— Cheguei ao limite um par de vezes. Cento e sessenta. Quem era a garota que acaba de passar, a do casaco de peles? Olharam-se com cara inexpressiva.

— Não nos fixamos nas garotas, disse o mais alto de todos.

— Quer uma garota? Trotter pode lhe conseguir uma, disse o menor. — Tem seis irmãs. Executou uma breve hula com seus esqueléticos quadris. O alto lhe deu um forte chute no traseiro.

— Cale-se, que todas as minhas irmãs trabalham. O pequeno deu um pulinho para ficar fora de seu alcance.

— Certamente. Trabalham dia e noite. Deu dois pulos mais. Eu disse:

— Sabem onde fica a empresa de caminhões Meyer?

— Queria uma garota, disse um dos meninos a outro. — Agora parece que quer um caminhão. Custa-lhe se decidir.

— Continue andando para o oeste, disse o alto. — A Transportes Meyer fica do outro lado da estrada.

Agradei-lhes e lhe dei um dólar. Os outros contemplaram a transação com os mesmos olhos luminosos e pétreos com que antes tinham cuidado a garota. Ao pôr o carro em marcha, ouvi que arrastava uma lata vazia. As risadas dos garotos me seguiram rua abaixo.

A estrada dava voltas sobre a via do trem, serpenteava entre serrarias que cheiravam a pinheiro, se agachava por debaixo de pontes que sustentavam a via férrea. Caminhões de serviço noturno passavam como trovões. O pátio da Transportes Meyer ficava quase sob a sombra de uma ponte, um quadrado de superfície esbranquiçada flanqueado por altas cercas de arame e um edifício que servia de depósito. Um caminhão se achava estacionado de costas no ancoradouro de carga, outro se encontrava sob um refúgio sem paredes que se apoiava em colunas de cimento e outros dois se encontravam estacionados perto da entrada. Esta se achava aberta. Entrei com o carro e parei perto do ancoradouro de carga. Um homem calvo que vestia uma camiseta com manchas de gasolina estava sentado sobre uma caixa de embalagem na parte posterior do ancoradouro. Uma lâmpada de mil watts sobre a porta do armazém banhava o homem com sua luz implacável. As mãos morenas e cheias de cicatrizes estavam enrolando um cigarro. Ao desembarcar do carro, seus olhos avermelhados e sem pestanas se moveram em minha direção.

— O que você deseja, amigo?

— Queria ver o senhor Meyer.

— Não está. Saiu com seu genro.

— Seu genro?

— Brand Church. O xerife possivelmente podia pegá-lo em sua casa. — É para negócios?

— Mais ou menos. Disseram-me que perderam um caminhão.

— Assim é. Passou a língua pelo bordo do papel de fumar cor canela e acabou de enrolar o cigarro.

— E um motorista.

— Que tipo de caminhão?

— Semirreboque de vinte toneladas. Acendeu um fósforo de cozinha na unha do polegar e a aproximou do cigarro. — Custou quarenta dos grandes ao velho no ano passado.

— O que transportava? O homem se aproximou do bordo do ancoradouro e me olhou com suspicácia.

— Eu o que sei! O velho me disse que não falasse disso.

— Por que não?

— Parece uma fúria. O caminhão e a carga estavam segurados, mas quando uma empresa perde um caminhão, os carregadores começam a rarear. Deu uma olhada no número da placa do meu carro. — Da imprensa?

— Não.

— Da companhia de seguros?

— Errou outra vez. Subi os degraus de cimento até o ancoradouro. — No que consistia a carga?

Virou-se rapidamente, entrou no caminhão e saiu de novo com uma peça de aço longa e curvada que parecia um sabre. Brandiu-o despreocupadamente.

— Não sei quem é você. A que vem tanto interesse?

— Não fique nervoso...

— Um companheiro meu foi morto a tiros na estrada, como a um cão, e você me diz que não fique nervoso. Por que pergunta?

Sua voz era como o latido de um fox-terrier, um latido agudo que soava estranho ao sair de um corpo que fazia pensar em um urso esfolado. A peça de aço se movia com mais rapidez, descrevendo um

círculo fechado junto a sua perna. Os músculos do braço formavam nós e se inchavam como serpentes enfurecidas. Apoiei o peso de meu corpo nos tornozelos, me dispondo a saltar para um ou outro lado.

— Pois fique nervoso, se assim o preferir. Eu encontrei o seu amigo na estrada. Tampouco eu gostei.

— Encontrou o Tony depois de que o mataram?

— Não estava morto quando o recolhi. Morreu no hospital ao cabo de uns minutos.

— Disse-lhe alguma coisa, disse quem tinha feito?

— Tony não dizia nada. Estava inconsciente, em coma profundo. O que me interessa é encontrar as pessoas que lhe fizeram isso.

— Você é polícia? Da polícia do estado? A arma de aço estava imóvel agora, esquecida em sua mão.

— Trabalhei para a polícia do estado. Sou detetive particular.

— O velho Meyer lhe contratou?

— Ainda não.

— Acredita que o fará?

— Se for preparado, sim.

— Isso é o que você acha. Meyer ainda guarda a primeira moeda de cinco centavos que ganhou.

Sua boca, que parecia de borracha, se abriu em um sorriso que mostrou vários dentes quebrados.

Deixou a peça de aço sobre a caixa de embalagem que havia detrás dele, onde estava à mão. Fiz gesto de tirar meus cigarros, em seguida pensei melhor.

— Acabaram os meus cigarros. Deixa-me enrolar um?

— Claro.

Passou-me seu tabaco e o papel de fumar e me observou criticamente enquanto enrolava um cigarro. Meus dedos lembravam do truque. Ele mesmo acendeu.

— Assim é detetive, né?

— De fato. Meu nome é Archer.

— Tarko. Apoiou o polegar no peito. — Me chamam Pelado.

— Encantado de conhecê-lo, Tarko. Que rota Tony fazia?

— Nenhuma fixa. Principalmente a de São Francisco. Mas hoje vinha de Los Angeles. Envio especial.

— Que tipo de caminhão conduzia?

— Um dos novos semis, um GMC, caixa Fruehauf. De vinte toneladas, igual ao que está lá.

Assinalou para o outro lado do pátio com seu cigarro, para um dos caminhões estacionados perto da entrada. Era um semirreboque fechado, grande como uma casa pequena. Suas laterais de metal ondulado brilhavam por causa da pintura de alumínio, excetuando o rótulo vermelho e negro: TRANSPORTES MEYER. LOCAIS E LARGA DISTÂNCIA. LAS CRUZES, CALIFÓRNIA.

— E a carga? Perguntei.

— Terá que perguntar ao velho. Se supõe que eu não sei. Aqui não faço mais que vigiar desde que tive o acidente.

— Mas sabe?

Permaneceu calado durante um minuto. Olhou atrás dele, em seguida elevou a vista para o arco comprido e iluminado, por onde rodavam os grandes caminhões noturnos, na direção sul para Los Angeles e o Imperial Valley, na direção norte para Fresno, São Francisco, Portland. Os olhos ficaram cheios de desejo. Desejava se encontrar a bordo de um deles, rodando para o norte, a caminho de Portland, ou para o sul ou para o este, para qualquer parte, enquanto pudesse sentir a força dos cavalos sob seus pés.

— Promete-me que não dará um pio a alguém? Prometi. Baixou a voz. — Ouvi o velho falando com o xerife. Disse que era uísque e que estava segurado.

— Todo o caminhão carregado de uísque?

— Certamente. A carga só estava segurada por sessenta e cinco dos grandes.

— Tony estava segurado?

— Sim, por cem dólares. Era o motorista que se encarregava das mercadorias seguradas. No princípio achei que você era da companhia seguradora. A primeira ideia que sempre colocam na cabeça é nos jogar em cima.

— Tony está livre de suspeitas, de qualquer maneira.

— Sim. Mas não entendo. Tinha ordens de não parar por ninguém nem por nada. O velho sempre diz que não nos detenhamos nem sequer pelo governador se nos pedir que o levemos. Se alguém tentar nos deter, nossa obrigação é seguir adiante. Elevou o punho direito e golpeou a palma da outra mão. — A única coisa que me ocorre é que Tony se esqueceu das ordens e parou na estrada para recolher alguém. Pobre infeliz. A mão esquerda se fechou sobre o punho com força, deixando nele as marcas das unhas.

— Você apreciava o Tony.

— Vivemos... Vivíamos na mesma pensão. Caía-me melhor que a maioria dos outros. Devia-lhe alguma coisa. Na vez que os freios me falharam na costa de Nojoqui, ele me ajudou. Eu levava um caminhão-tanque cheio de gasolina de alta octanagem. Caí na sarjeta a cento e sessenta. Tony saltou ao chegar ao alto da colina, desceu correndo e me tirou do caminhão. A única coisa que perdi foi o cabelo.

— Por quem pararia? Perguntei. — Me disseram que gostava de mulheres. — E quem não? Sorri tristemente. — Agora as tias saem correndo como gamos quando tiro o chapéu. Fiz-lhe voltar ao assunto:

— O que me diz das mulheres de Tony? Não seria a primeira vez que uma mulher faz parar um motorista.

— Me diz isso! Permaneceu calado um momento, pensado com esforço. — Havia uma mulher, sim. Eu não gosto de falar. Certamente, não sei nada contra ela.

— Não seria uma mulher que se chama Anne Meyer?

— Annie Meyer? Diabos! Não! Annie é a filha de Meyer. Por que ia parar um dos caminhoneiros de seu próprio velho?

— Tinha entendido que Tony se interessava por ela.

— Suponho que seja verdade. Falava muito dela. Sim, estava obcecado. Mas ela não podia nem vê-lo, Annie tinha outros interesses. Essa era a grande tragédia da vida de Tony. Mas não se tratava de nada real. Compreende você o que quero dizer? Esta outra mulher era diferente. Fez muita comédia pelo Tony a uma semana ou assim. Tony me disse que ela estava enrabichada por ele. Não sei o que lhe dizer. me pareceu que ele estava saindo de sua turma, quando a tratava como a Annie Meyer. A mulher é cantora de clube noturno, uma autêntica boneca. Nunca a vi, mas Tony me mostrou sua fotografia na fachada do clube.

— Nesta cidade?

— Sim. O Slipper, ao final da Rua Yanonali. Tony passava muito tempo ali nestes últimos dias. E por sua forma de falar, me parece que teria parado um caminhão por ela. Era o maior elogio que podia fazer.

— Como se chamava?

— Não me lembro do sobrenome. Tony a chamava Jo. Esfregou-se a calva. — O que me faz suspeitar é que caiu forte pelo Tony, muito forte e muito rápido, e certamente teria uma razão.

— Tony era um menino bonito e se gostava do tipo latino...

— Sim. Certamente. Mas lhe direi uma coisa. As mulheres não estavam acostumadas a ir atrás do Tony. Ele as assustava, por assim dizer, levava as coisas muito a peito. Quando andava com alguma tia era incapaz de deixá-la em paz. Como a Annie Meyer agora. Fez uma pausa e olhou atrás dele. O depósito iluminado estava vazio, excetuando os montões de caixas ao longo das paredes.

— O que me diz dela?

— Não muito. Tony teve algumas complicações por sua causa. Suponho que não deveria dizer. Só que você a mencionou.

— Tomou as coisas muito a peito no caso da Anne?

— Pode apostar que sim. Mas e se deixássemos correr? O menino morreu. Não voltará a incomodar as mulheres. Nunca o fazia com má intenção. E no geral era um tipo decente para ser mexicano, tanto como qualquer branco. Revistou sua mente em busca de uma ilustração e acrescentou: — Tinha um histórico muito bom na estrada.

— Estas complicações que teve por causa de Annie Meyer, disse, — Foram de que tipo? Tarko pôs cara de se sentir incomodado.

— Tony era um pouco louco, compreende? Quero dizer louco pelas fêmeas. Especialmente pela Annie. Deixou que a namorasse um par de vezes no ano passado, e em seguida ele pegou o costume de segui-la de noite, de espiá-la pela janela de seu apartamento, coisas assim. O pobre não queria lhe fazer nada de mais, mas lhe jogaram a luva por isso.

— Quem lhe jogou a luva?

— O xerife. Pôs Tony como um trapo, lhe disse que estava louco e que deveria se fazer visitar por um médico da cabeça. Tony me contou isso tudo então.

Meu cigarro enrolado à mão se apagou. Atirei-o ao chão e o esmaguei com o salto do sapato. Já tinha completado a sua missão.

— Sobre esta outra garota... Jo... Falou dela com o xerife?

— Nem pensar. A esse galinha do xerife não daria nem bom dia.

— Por isso vejo, não simpatiza muito com o xerife.

— Conheço Brand Church muito bem. Dirigiu um caminhão para o velho durante um verão, quando ia à universidade. Eu o conhecia inclusive de antes, de quando seu pai tinha uma barbearia no centro da cidade. Naquele tempo Brand não era como agora, jogava muito bem futebol na escola. Só que mudou ao entrar na universidade. Voltou para a cidade com a cabeça cheia de grandes ideias.

— Que tipo de grandes ideia?

— Ele chamava de psicologia. Todo mundo era louco exceto ele. Diabos, até tentou se meter comigo, disse que eu era propenso aos acidentes ou alguma coisa do gênero. Veio me dizer que tinha que examinar cabeça. A mim. Um rancor antigo avermelhou sua calva, formando manchas desiguais. — Possivelmente pudesse falar isso para o resto da cidade. Mas a mim, não. Ao velho tampouco lhe cai muito bem, mas não tem outro jeito a não ser aguentá-lo porque é o seu genro.

— Quantas filhas Meyer tem?

— Só duas. Church se casou com a mais velha, Hilda. Ela ajudava no escritório naquele verão e caiu por ele. Nunca compreendi por quê. O velho pôs as mãos para o céu quando soube.

— Onde mora o velho? Fez gestos e me empurrou confidencialmente com o ombro.

— Não lhe diga que lhe contei tudo isto, certo? Eu gosto dos tipos capazes de enrolar seus próprios cigarros e às vezes falo muito.

Agradei pelas informações e lhe disse que guardaria isso para mim.

Meyer morava em uma grande casa de madeira que se elevava na frente de um bosquezinho de eucaliptos e na parte posterior de um grande gramado. Entre as más ervas e em diversas etapas de desintegração, jaziam oito ou nove carrocerias de carros, modelos T, modelos A, um velho caminhão e uma caminhonete. Deixei o carro no meio-fio e cruzei a grama exuberante, dando a volta a um lago de cimento cujo aroma de água estancada competia com o aroma único dos eucaliptos. A passarela sobre ele, antiquada e profunda, se achava sumida em sombras e cheia de ferramentas agrícolas de jardinagem e mangueiras emaranhadas. As pranchas rangeram sob meus pés. Um som mais forte rompeu o silêncio, duas vezes, três vezes. Testei a porta principal. Estava fechada. Ouviram-se três disparos mais, procedentes de algum lugar recôndito no interior da casa, provavelmente do porão. Entre eles ouvi umas passadas que se aproximavam. Uma voz de mulher disse através da porta:

— É você, Brand?

Não respondi. Uma luz se acendeu sobre minha cabeça e a mulher abriu a pesada porta.

— Oh. Perdoe. Estava esperando o meu marido.

Era uma mulher alta, ainda jovem, com uma bonita juba de cabelos castanhos. O corpo, apoiado torpemente no dintel, era de peitos grandes e muito feminino, quase muito feminino para minha tranquilidade.

— Senhora Church?

— Sim. Vimo-nos em alguma parte?

Seus olhos verde malaquita esquadriharam meu rosto, mas só estavam enfocados pela metade. Pareciam olhar através de mim ou além de mim, procurando alguma coisa na escuridão do exterior, alguém a quem temia ou amava.

— Conheço seu marido, disse. — O que são estes tiros?

— Nada. É papai. Quando se desgosta por alguma coisa, está acostumado a descer ao porão e disparar contra um alvo.

— Não preciso perguntar o que é o que o desgostou. De fato, quero falar com ele sobre o caminhão que perdeu. Dei-lhe meu nome e minha ocupação. — Permite-me entrar?

— Se você quiser. Advirto-lhe que a casa parece um asco. Tenho minha própria casa para cuidar e não posso fazer muito pela de papai. Tentei convencê-lo para que contrate alguma mulher, mas não quer nenhuma mulher em casa.

Abriu um pouco mais a porta e ficou a um lado. Ao passar diante dela, olhei-a com mais atenção. Se soubesse se arrumar, poderia ser bonita. Mas seu espesso cabelo estava talhado em franjas como os de uma adolescente, e por causa disso seu rosto parecia mais longo. O estilo era muito jovem e lhe caía mal, parodiando sua figura. Retrocedeu ao meu olhar como teria feito uma menina tímida, se voltou com rapidez e se dirigiu para uma porta que havia no extremo do vestíbulo. Apareceu uma escada iluminada que descia para o porão e ela gritou:

— Papai, há alguém que quer vê-lo. Uma áspera voz de baixo respondeu:

— Quem é? Pontuada por um só disparo.

— Diz que é detetive.

— Diga-lhe que espere.

Soaram outros cinco disparos debaixo do chão. Senti a vibração através de meus sapatos. O corpo da mulher acusou cada um deles. Quando cessaram, permaneceu em meio à luz que surgia da escada do porão, como se os tiros tivessem sido a abertura de uma música que eu não podia ouvir. Uma música estranha e desenfreada que ressoava em sua cabeça, que o eco repetia ao longo de seus nervos e que a tinha como extasiada. Uns passos fortes soaram escada acima. A mulher retrocedeu do homem que apareceu sob a luz. Havia alguma coisa estranha nos olhos da mulher, ódio ou temor ou os últimos compassos da música silenciosa. O homem olhou-a com uma mescla de desprezo e perplexidade.

— Sim, já sei, Hilda. Você não gosta do som das armas de fogo. Poderia ter colocado algodão nos ouvidos.

— Eu não disse nada, papai. Este é o senhor Archer.

Virou-se para mim debaixo de uma cabeça de cervo que havia na parede. Era uma corpulenta e velha ruína de homem que começava a se encolher em sua pele. Tinha os ombros curvados e o peito fundo debaixo de uma enrugada jaqueta de pele de cavalo. O branco do cabelo lançava brilhos na barba avermelhada de três dias que cobria suas bochechas e seu queixo, e havia círculos vermelhos ao redor dos olhos. Ardiam sem chama em sua cabeça, como os últimos vestígios de paixões inextinguíveis e perniciosas.

— O que oferece, senhor Archer? Sua boca estriada e teimosa negava o desejo de fazer alguma coisa por alguém.

Disse-lhe que tinha me metido sem querer no caso e que queria continuar nele. Não expliquei por quê. Não sabia exatamente, embora Kate Kerrigan tinha alguma coisa a ver com isso. E possivelmente a morte do moço moreno se convertera em um símbolo da violência sem sentido que eu tinha presenciado nas cidades do vale. Tinha ante mim a oportunidade de chegar ao fundo dela.

— Quer dizer que deseja que o contrate? Perguntou Meyer.

— Estou lhe dando a oportunidade.

— Boa oportunidade. O marido de minha filha... É o xerife... Está na estrada neste mesmo momento com trinta de seus agentes. E você acha que não os sustento, com meus impostos? O que pode me vender que eles não possam me dar?

— Dedicacão total ao caso, meu cérebro e meus punhos.

— Acha-se muito competente, não é?

— Tenho uma reputação no sul. Não é uma reputação muito agradável, mas sim é boa em meu ofício.

— O que quer que lhe diga? Baixou os olhos para suas mãos enrugadas e flexionou os dedos de articulações grandes. Pude cheirar a pólvora sem fumaça que havia nelas. — Meu dinheiro me custa trabalho, moço. Não o divido por aí sem antes ver o que vou receber em troca. O que posso ganhar? O caminhão está segurado e a carga também.

— O que me diz de sua reputação ante os carregadores? Estas coisas são boas para o negócio.

— Como eu sei disso! Moveu bruscamente a cabeça grisalha para frente. — Com quem você falou? Kerrigan esteve se queixando?

— O que tem ele a ver com este assunto?

— O uísque roubado é dele.

— Quer dizer que é o proprietário da carga?

— De certo modo. Os distribuidores faturaram a ele. Mas, a menos que ele a receba, sou eu quem terá de suportar a perda. — Acaba de me dizer que estava segurada.

— Segurada em noventa por cento. A cobertura não era total. Os outros dez por cento sairão do meu bolso. Fez uma careta de dor, como se estivesse descrevendo uma operação cirúrgica a que tivesse que se submeter ao cabo de pouco tempo, uma dinheiroctomia. — Sete mil dólares mais ou menos.

— Trabalharei por dez por cento de dez por cento. Setecentos se recuperar a carga.

— E se não a recuperar?

— Cem para gastos. Pagamento adiantado.

De pé ante mim, transferiu o peso de seu corpo de uma perna a outra. Sua voz era como uma grossa apara de madeira que esfregasse constantemente um só tema.

— Isso é muito dinheiro. Como sei que fará alguma coisa para ganhá-lo?

Sorriu pela primeira vez, astutamente.

— Porque eu estou dizendo. Pegue ou largue.

— E eu lhe ouço. Bem, farei um trato com você. Sente-se.

Sua sala de estar era o tipo de aposento que se encontra nos ranchos mais afastados em que uns homens velhos defendem a última fronteira contra as mulheres, a civilização e a higiene. Os tapetes e os móveis pareciam acetinados de tanta porcaria. As cinzas de vários meses se amontoavam na lareira e se esparramavam pelo chão. A escopeta de caça de dois canos que havia no suporte era o único objeto limpo e cuidado da sala. Sentou-se no sofá de respaldo inclinado e me apontou uma cadeira.

— Direi no que consiste o trato que vou fazer com você. Setecentos pelo caminhão e a carga.

— Não está levando com muita calma sendo um homem que perdeu um motorista e um caminhão?

Para não falar de uma filha.

— A que filha se refere?

— Anne. Desapareceu.

— Está maluco. Anne trabalha para o Kerrigan.

— Não mais. Esfumou-se na sexta-feira passada, conforme diz a senhora Kerrigan. Não a viram por toda a semana.

— Por que ninguém me informa destas coisas? Elevou a voz em um grito: — Hilda! Onde demônios está?

Hilda apareceu na porta; usava um avental que se curvava como uma vela cheia pelo vento sobre seu peito.

— O que aconteceu, papai? Estou tentando limpar a cozinha. Avançou com passos vacilantes, olhando ao velho e a seu redor como se tivesse entrado na guarida de um animal. — Toda a casa está cheia de sujeira.

— Esqueça-se da sujeira. Pode-se saber aonde foi sua irmã? Tornou a se meter em confusões?

— Anne em confusões?

— Isso é o que pergunto. Você a vê mais frequentemente que eu. Todo o povo da cidade a vê mais frequentemente que eu.

— A culpa é sua se não a vir. E não está metida em nenhuma confusão, que eu saiba.

— Falou com ela ultimamente?

— Esta semana, não. Almoçamos juntas num dia da semana passada.

— Quando? Perguntei.

— Na quarta-feira.

— Disse-lhe alguma coisa sobre deixar seu emprego?

— Não. Deixou-o?

— Parece, disse Meyer. Aproximouse do telefone da mesa que havia em um ângulo da sala e discou um número. Hilda me olhou com ansiedade.

— Aconteceu alguma coisa a Anne?

— Não tiremos conclusões precipitadas. Não terá uma foto dela, uma foto recente?

— Em casa sim, é óbvio. Não sei se papai terá alguma. Vou ver. Aproximouse da porta com suas pernas brancas e ágeis como se se alegrasse de escapar da sala.

Meyer desligou o aparelho com brutalidade. Virou-se para mim com as mãos abertas, as palmas estendidas para frente em gesto de impotência.

— Não atende. Kerrigan não sabe onde está?

— Diz que não.

— Você acredita que minta?

— Peguei essa informação de sua esposa.

— Não me diga que ela está despertando depois de tantos anos. Imaginava que ele a tinha amedrontada definitivamente.

— Eu não sei de nada, disse com cautela. — Quem é o tal Kerrigan?

— Um farsante, em minha opinião. Chegou à cidade em finais da última guerra, tinha um emprego na base da infantaria de marinha... Oficial de relações públicas ou alguma coisa assim. Então era mais jovem, e muitas das garotas se deslumbraram com o uniforme e com as histórias que contava. Annie não foi a única. Havia dito muito e se apressou a se cobrir: — Aí você tem a garota com a qual se casou, a filha do Juiz Craig. Vem de uma das melhores famílias da cidade, se isso significar alguma coisa, mas Kerrigan arrumou para fazê-la dançar ao som que ele tocava. Acabou com o rancho dos Craig durante o primeiro ano de casados e se meteu no negócio de bens de raiz. Em seguida passou ao negócio de bebidas. Depois decidiu que os motéis davam mais dinheiro. Não tem nada de homem de negócios, digo eu. Dei-lhe cinco anos quando começou. Bom, no momento já leva sete.

— Que tal é seu crédito?

— Bastante precário, isso ouvi dizer.

— Uma partida de uísque no valor de setenta mil dólares é muito para um homem cuja classificação creditícia é má.

— A maior partida que eu tenha transportado para ele. Mas isso não é o que me preocupa. Eles me dizem o que querem que transporte e eu transporto.

— Encarrega-se de todos os seus transportes?

— Que eu saiba, sim.

— Ele sabia que motorista você ia utilizar?

— Suponho que sim. Tony é o único que está segurado por esse valor. Seus olhinhos me fixaram penetrantemente desde debaixo de suas sobranceiras grossas e grisalhas. — O que está pensando, moço? Acredita que roubou seu próprio uísque?

— É uma possibilidade.

— Se eu acreditasse isso, lhe cortaria o fígado e os bofes e comeria ao tomar o café da manhã.

— É um pouco cedo para pensar no menu, disse. — Preciso saber mais coisas. O que preciso agora é que você me pague cem dólares. — Maldito seja, acreditei que tinha esquecido.

Voltou-me as costas, mas consegui ver o maço de notas. Teria engasgado um brontossauro. Voltou a colocá-lo no bolso da jaqueta e fechou-o. A contra gosto, duas notas de cinquenta trocaram de mãos.

— Alguma coisa mais?

— Pois já que diz, sim. A propósito de sua filha Anne, ela se colocou em confusões antes de agora?

— Nada sério. O normal e nada mais. Seu tom era um pouco defensivo. — Annie foi uma garota sem mãe, você sabe? Eu e Hilda fizemos o quanto pudemos, mas nem sempre conseguimos controlá-la.

Juntou-se com uma turma braba na escola e quando começou a trabalhar gastava mais do que ganhava.

Tive que tirá-la de apuros um par de vezes.

— Quanto tempo faz que trabalha para o Kerrigan?

— Três ou quatro anos. Começou sendo sua secretária. Em seguida fez um curso de contabilidade no sul para que pudesse levar o negócio dos motéis. Eu queria que voltasse para casa, só que Annie pensou que isso não era bastante bom para ela. Queria viver sua própria vida, disse. Bom, pois já vive.

— E como é essa vida?

— Não me pergunte isso. Elevou os seus ombros. — Annie me deixou quando tinha quinze anos e pouco a vi após. Só a vejo quando quer alguma coisa.

Aproximouse da lareira arrastando os pés e ficou com a vista cravada nas cinzas apagadas. A luz da

lâmpada nua que havia no teto caía sobre sua cabeça como o resplendor da solidão.

— Annie nunca me quis, nenhuma delas jamais me quis. É verdade que Hilda vem me ver uma vez a cada dois ou três meses. Provavelmente porque seu marido a obriga, assim ele herdará o negócio quando eu estiver nas mãos do coveiro. Bom, pois pode esperar e é melhor que espere sentado, o porco. Virou-se para mim e com voz alta e rouca anunciou: — Penso viver até os cem anos, você sabe?

— Meus parabéns.

— Acha engraçado?

— Não estou rindo.

— Ria se quiser. Minha família se destaca por sua longevidade, assim eu serei o último a rir, moço.

O coveiro terá que me esperar muito tempo ainda. Seus sentimentos se deslocaram repentinamente, se afastando de si mesmo. — O que me diz de Annie? Está misturada nisto de algum modo?

— Isso você está dizendo, não eu. Pode ser que haja alguma coisa de verdade nisso. É muito unida ao Kerrigan e muito unida a Aquista, isso eu entendi.

— Pois entendeu mal. Tony estava enrabichado com ela, é verdade. Annie não podia vê-lo nem em fotografia. Diabo, até tinha medo dele. Apareceu aqui uma noite no ano passado... Fez uma pausa e me olhou com receio.

— O que queria?

— Alguma coisa para se proteger. O tipo a estava acoçando, ficando pesado, e isso a tinha transtornado. Disse-lhe que despediria o Tony e faria com que o expulsassem da cidade, mas ela não gostou da ideia. A seu modo, é uma garota de coração bastante mole. Assim lhe dei o que pedia.

— Uma arma?

— Isso mesmo, um velho revólver trinta e oito que tinha em casa. Captou minha pergunta muda e respondeu a ela. — Anne não o matou com ele, se for o que está pensando.

— E Kerrigan?

— Disso não tenho ideia. Mas o sobressalto lhe nublou os olhos.

— Estiveram vivendo juntos?

— Imagino que sim. As palavras saíram com dificuldade, aos empurrões, da boca amargurada. — No ano passado ouvi dizer que ele pagava o aluguel do apartamento de Annie.

— De quem estão falando? Perguntou Hilda da soleira. O velho olhou-a de soslaio, meneando a cabeça como um touro.

— Do Kerrigan. De Annie e Kerrigan.

— É mentira. Avançou para nós, pálida e rígida de emoção. — Deveria se envergonhar de si mesmo, por fazer correr essa asquerosa mentira. A gente desta cidade é capaz de dizer qualquer coisa dos outros. Qualquer coisa.

— Sim, me senti envergonhado. Mas não de mim mesmo. O que eu podia fazer? Não tinha nenhuma maneira de impedi-la.

— Será melhor que segure sua língua suja. Virou-se para ele como uma gata enfurecida. — Anne é uma boa garota, apesar de tudo o que você fez. Sei que tentou corrompê-la... O ancião deu um passo para ela e vi que a nuca se enrugava e avermelhava.

— Você é a que deve segurar a língua, ouviu?

Um arco elétrico de ódio se acendeu entre eles. O velho curvou os ombros ameaçadoramente. Hilda elevou um braço para proteger o rosto, que estava radiante de temor. Na mão elevada sustentava um retângulo de papel lustroso. Meyer o arrebatou.

— De onde tirou isto?

— Estava grudado no espelho de seu escritório.

— Não quero que entre lá.

— Será um prazer. Cheira igual à jaula de um urso.

O velho deu de ombros e contemplou o instantâneo, abrigando-o com as mãos como se fosse a chama de um fósforo. Pedi-lhe que me deixasse ver. Passou-me a contra gosto, manipulando-o como se valesse dinheiro.

A garota da foto instantânea se encontrava sentada ante um penhasco branco em uma praia banhada pelo sol, abraçando as pernas como se gostasse de muito de sua forma. Ria e seu cabelo moreno e encaracolado aparecia agitado pelo vento. Mostrava certo parecido com a irmã, embora fosse mais bonita. Não se parecia em nada com a garota a que eu tinha visto com Kerrigan.

— De que cor é seu cabelo, senhora Church?

— Castanho, castanho avermelhado, um pouco mais claro que o meu.

— E que idade tem?

— Me deixe ver. Anne é sete anos mais jovem que eu. Vinte e cinco.

— Esta foto é recente?

— Sim. Brandon tirou-a no verão passado em Pismo Beach. Olhou para seu pai com fria curiosidade.

— Não sabia que tinha uma cópia.

— Há um montão de coisas que não sabe.

— Duvido.

Seus olhos verdes e gélidos olharam-no fixamente, intimidando-o. Meyer cruzou a sala até a mesa do fundo e ficou enchendo um cachimbo com o tabaco de uma lata que havia ali. No exterior se ouviu o ronronar do motor de um automóvel. Hilda elevou a cabeça e se aproximou da janela.

— Certamente é o Brandon. Os faróis do carro deslizaram pela rua e em seguida se esfumaram. — Não, não era Brandon. Não disse que viria me buscar? Perguntou ao pai.

— Se fosse possível. Anda muito ocupado nesta noite.

— Vou pedir um táxi. Está ficando tarde.

— A viagem custará dois dólares, disse ele dubitativamente. — Eu a levaria, só que não posso me afastar do telefone. Por que não pega o velho Chevy? Eu não o utilizo. Eu disse:

— Terei muito gosto em levá-la.

— Oh, não, é muito amável, mas não poderia...

Claro que pode, Hilda. O senhor Archer não se importará. De qualquer maneira, já estava a ponto de sair.

Hilda encolheu os ombros com gesto de impotência. Meyer me olhou com satisfação. Ao menos ia receber alguma coisa por seu dinheiro.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, Hildie. Obrigado por vir me ver.

Ficou no fundo da sala como um urso velho e cansado em sua toca.

Saí do solar de ré, passando perto dos carros imóveis e enferrujados, e fui para o centro da cidade. Hilda deu um suspiro que soou como se estivesse a muito reprimido.

— É um desastre, seriamente. Venho visitá-lo com as melhores intenções, mas sempre acabamos brigando. Esta noite foi Anne. Parece que sempre há alguma coisa.

— É um homem difícil, não é?

— Sim, especialmente conosco. Anne não se dá nada bem com ele. Não serei eu quem a culpe. Tem boas razões... Se calou a tempo e mudou de tema: — Moramos no outro extremo da cidade, senhor Archer, nos contrafortes das colinas. Acredito que fique muito longe daqui.

— Não me importo. De qualquer maneira, queria falar com você, em particular.

— A respeito de minha irmã?

— Sim. Desapareceu assim antes, durante uma semana seguida?

— Uma ou duas vezes. Mas não sem me dizer.

— Vocês duas são muito unidas, não?

— Sempre fomos. Não somos como algumas irmãs que conheço, que brigam a cada momento. Embora ela seja mais bonita que eu... — Não me parece isso.

— Não é necessário que seja galante. Sei. Anne é uma beleza e eu não sou. Mas nunca pareceu ter muita importância. Na realidade, Anne é muito mais jovem, tanto, que nunca tive necessidade de competir com ela. Eu fui mais uma tia que uma irmã, desde quando ela era pequena. Mamãe morreu ao Anne nascer, você sabe? Fiz-me responsável por minha irmãzinha.

— Era difícil de levar?

— Não, é óbvio. Não faça caso do meu pai. Sempre estive disposto a jogar alguma coisa contra ela. Esses falatórios asquerosos que mencionou, sobre Anne e o senhor Kerrigan... Não há nem um pingão de verdade neles.

— Está certa?

— Completamente. Se fosse verdade, saberia. Não são, disse com veemência. — Anne trabalha para o senhor Kerrigan e isso é tudo.

Parei atrás de uma fila de carros que esperavam que a luz mudasse de um semáforo no cruzamento da rua principal. Homens sós e casais, meninos em grupos de três e quatro, vagavam pelas calçadas iluminadas, os rostos aborrecidos e famintos de emoções. Não se via nenhuma mulher que não estivesse acompanhada.

— Siga por esta rua, disse Hilda. — Já lhe indicarei por onde deve virar. O semáforo piscou até mudar para verde e continuamos avançando pelo asfalto cheio de buracos.

— Onde mora sua irmã quando está em casa?

— Tem seu próprio apartamento, na Bougainvillea Court, no número três.

Não fica longe daqui, em Los Bagnos Street.

Pode ser que vá até lá mais tarde. Suponho que você não terá uma chave, não é?

— Não, não tenho. Para que quer uma chave?

— Eu gostaria de dar uma olhada nas suas coisas. Talvez me deem algum indício de aonde foi e por quê.

— Entendo. Sem dúvida o porteiro lhe abrirá o apartamento.

— Conto com a sua permissão?

— Certamente. Hilda permaneceu calada uns instantes enquanto o carro percorria ruas escassamente iluminadas em direção aos arredores da cidade. — Aonde você acha que Anne terá ido, senhor Archer?

— Ia perguntar isso mesmo. Não tenho ideia, a não ser que você esteja errada sobre ela e Kerrigan.

— Não poderia errar, disse de modo terminante. — Por que se empenha em falar disso?

— Quando uma mulher desaparece, procuramos os homens que há em sua vida. O que me diz dos homens que há na vida de sua irmã?

— Anne sai com dúzias de homens. Não faço contas. Sua voz era seca e me perguntei se, depois de tudo, teria ciúmes da irmã.

— Acha possível que fugiu com algum deles?

— Duvido. Anne é muito... Desconfiada no que respeita aos homens. Não deixa de ser natural, se você conhecer o meu pai. É uma solteira empedernida e muito independente.

— Seu pai diz que saiu de casa aos quinze anos. O que quer dizer que está a dez anos e tantos vivendo sozinha.

— Não exatamente. Anne deixou-o quando tinha quinze anos, depois de... Que tiveram alguns problemas. Brand e eu a acolhemos em casa até que terminou os estudos na escola. Então encontrou um emprego e foi morar sozinha. Queríamos que ficasse conosco, mas, como lhe disse, tem uma mentalidade muito independente.

— Que tipo de problemas teve com o pai? Há um momento você disse que ele tentou corrompê-la.

— Disse isso? Não falava a sério. Fez-lhe alguma coisa terrível. Não me pergunte o que foi.

A emoção lhe encheu a garganta, espessando a voz dela e quase afogando-a, como o sangue de uma hemorragia interna.

— A maioria dos homens desta cidade se comportam como uns bárbaros com as mulheres. É um mau lugar para uma garota que tenta se fazer adulta. É igual a viver entre selvagens.

— Tão ruim assim, é?

— Sim. Tão ruim. De repente exclamou: — Odeio esta cidade! Sei que é horrível dizer, mas às vezes eu gostaria que um terremoto a tivesse apagado por completo do mapa.

— Porque sua irmã teve problemas com seu pai?

— Não estava pensando nela, disse Hilda. — Nem nele.

Olhei-a de esguelha. Achava-se sentada rigidamente no assento, os olhos quase negros no resplendor branco de seu rosto. Saiu de seu ensimesmamento e se inclinou para me tocar o braço.

— Agora deve virar para a esquerda. Sinto muito. Temo que meu pai me transtornou mais do que acreditava.

A estrada descrevia uma espiral entre colinas que desciam e em cujos flancos havia casas dispersas. Era um bom bairro residencial, onde o povo voltava as costas a seus humildes começos e olhava para futuros mais fulgurantes. A maioria das casas eram novas, tão novas, que a paisagem ainda não as tinha assimilado, e muito modernas. Tinham planos cobertos, sobressalentes e paredes de cimento e vidro cujo esqueleto se recortava contra a luz. Obedecendo sua indicação, coloquei o carro em um meio-fio asfaltado e parei o motor. A casa se parecia com as outras, só que não se via luz atrás de seus grandes janelões. Hilda continuou sentada e imóvel, olhando o edifício baixo e escuro como se fosse um labirinto perigoso e ela tivesse que encontrar a saída.

— Aqui é onde mora?

— Sim. Aqui é onde moro. Sua voz rodeou as palavras de um tom trágico. — Sinto muito. Não paro de dizer que sinto muito, não é? Mas é que me dá medo entrar.

— Medo do quê?

— Do que as pessoas têm medo? Da morte. Das outras pessoas. Da escuridão. A escuridão me

aterroriza. Um médico o chamaria nictofobia, mas, pelo visto, saber como se chama não ajuda nada.

— Entrarei com você se quiser. — Sim quero. Muito.

Ofereci-lhe meu braço enquanto subíamos pelo caminho lajeado. Pegou-o torpemente, se afastando um pouco, como se a envergonhasse se apoiar em um homem. Mas seu quadril e seu peito chocaram comigo ao chegar à porta. Pegou-me as duas mãos com as suas e me fez entrar no escuro vestíbulo.

— Não me deixe agora.

— Tenho que ir.

— Por favor, não me deixe sozinha. Estou assustadíssima. Olhe como me pulsa o coração.

Apertou minha mão contra seu flanco, com tanta força, que as pontas de meus dedos se afundaram na carne e perceberam a caixa costal, golpeada de dentro pelo medo ou por algo mais forte ainda. Sua voz era um sussurro perto de minha orelha, tão perto, que notava sua respiração:

— Vê você? Tenho medo. tive que passar tantas noites sozinha. Beije-a levemente e me separei dela.

— Poderia acender a luz. Apalpei a parede em busca do interruptor.

— Não. Puxou meu braço para baixo. — Não quero que veja o meu rosto.

Estou chorando e não sou bonita.

Você é muito bonita para todos os efeitos práticos.

— Não. A bonita é Anne.

— Não sei se é verdade ou não. Nunca a vi. Boa noite, senhora Church. Respondeu-me depois de uma pausa:

— Boa noite. Não voltarei a dizer que sinto muito, mas perdi a cabeça durante um minuto. Brandon precisa trabalhar até tarde tão frequentemente. Passará quando ele chegar em casa. Obrigado por me trazer.

— Não há de quê.

— Se você chegar a ver Anne, me comunicará em seguida? Prometi-lhe que assim o faria e retornei à cidade.

Duas palmeiras pareciam sentinelas desalinhadas a ambos os lados da entrada, e custodiavam o Bougainvillea Court. Ao desembarcar do carro, um rato enorme cruzou diante de mim e se encarapitou no tronco de uma das palmeiras. Um querubim de cimento e cara picada de varíola presidia uma fonte seca no centro do pátio. Em cada uma das sete casinhas que rodeavam o centro havia uma pequena varanda dianteira cheia de frondosas buganvílias de flores cor púrpura. Havia luzes e música na maioria delas, mas não na número três.

A porta se abriu ao tocá-la. Acendi a minha lanterna de bolso. A borda da porta, ao redor da fechadura, estava estilhaçada e apresentava outros sinais de ter sido forçada. Entrei e voltei a fechá-la empurrando-a com o cotovelo. “Estava a seis dias desaparecida”, pensei, e instintivamente me pus a farejar em busca do aroma da morte. Mas unicamente percebi os rançosos aromas da vida: fumaça de cigarros de vários dias, bebidas várias, perfume forte, e o aroma almiscarado, indescritível, de sexualidade.

A luz da lanterna foi resgatando paredes e móveis das trevas. Havia morenos nus de Gauguin nas paredes e prostitutas de Lautrec, com seus grandes chapéus, uma chaminé falsa contendo um aquecedor frio que funcionava a gás, uma livraria pequena, com vários de seus livros no chão, uma escrivaninha de bordo pintalgado, um bar portátil e um sofá coberto com um tecido com listras de zebra que parecia tão novo como caro. A escrivaninha estava aberta; o fecho de sua frágil fechadura, quebrado. As gavetas se encontravam repletas de papéis e envelopes. O envelope de cima estava dirigido à Senhorita Anne Meyer com letra masculina. Dentro dele não havia nada.

Um arco acortinado dava passagem a um curto corredor que levava ao dormitório e ao banheiro. O dormitório era pequeno e feminino. A penteadeira e a cama de Hollywood tinham saias de organdi amarelo que faziam jogo com as cortinas. O roupeiro estava cheio de roupas: roupas esportivas, trajes de rua, um par de vestidos de noite, tudo isso ligeiramente cheiroso por causa de uma bolsinha perfumada. Era impossível adivinhar se faltava alguma coisa, mas havia ocos no compartimento dos sapatos. A cama estava feita descuidadamente e se notavam uma depressão e rugas no lado onde alguém se sentara. Na mesinha de cabeceira vi um relógio de pulso de ouro branco adornado com pequenos diamantes.

Não havia nada debaixo da cama; nada de interesse especial na cômoda, salvo para fetichistas da roupa interior. Anne Meyer gastara um monte de dinheiro em roupa interior. Entrei no banheiro, fechei a persiana da janela, que era alta e pequena, e acendi a luz. Havia meias de náilon penduradas nos toalheiros sobre a banheira. Abri o estojo de primeiro socorros instalado sobre o lavabo. Continha a habitual profusão de frasquinhos e caixinhas. Em uma caixinha de papelão meio cheia de cápsulas com uma franja azul aparecia escrita uma prescrição: “Deve ser tomado somente quando for necessário para descansar e dormir.”



Ao fechar a porta com espelho, vi o meu rosto através da pequena tempestade de neve que as manchas de dentifrício desenhavam no vidro. Tinha o rosto pálido, os olhos pequenos e excitados pela curiosidade. Pensei no rato que pouco antes vira correr pela calçada e se encarapitar na palmeira. O rato

vivia de seu engenho, roía as sobras que deixavam os seres humanos, escutava detrás das paredes tentando captar os sons do perigo. A música das rádios dos vizinhos penetrava, forte e insistentemente, pela janela fechada. Não havia nenhuma escova de dentes no suporte instalado perto do lavabo. Voltei para o dormitório e olhei a penteadeira. Faltavam certas coisas que provavelmente deveriam ter estado ali: batom, pós, creme facial, lápis sombreador. Mas havia pinças e um barbeador elétrico.

Retornei para a sala e revistei as gavetas da escrivaninha. Neles não restava nada pessoal, embora houvesse faturas e cartas comerciais. Um talonário de cheques meio gasto mostrava um saldo de mais de mil e novecentos dólares. O último comprovante correspondia a um pagamento de cento e quarenta e três dólares e trinta centavos a Mademoiselle Finery, com data de 7 de outubro, quer dizer, há oito dias. Os arquivos estavam repletos de faturas em que constava o “recebi”, a maioria delas correspondentes a roupa e móveis. Tampouco ali havia algo de pessoal.

Estava a ponto de me dar por vencido quando encontrei um envelope dobrado e metido no fundo de um dos arquivos. Trazia um carimbo de San Diego e data de quase um ano antes. Continha uma carta escrita a lápis tinta em ambas os lados de uma folha de papel barato com o cabeçalho de um hotel. A assinatura era de um tal “Tony”. Fechei-me no banheiro iluminado para lê-la. Dizia:

Querida Anne:

Pode ser que a surpreenda ter notícias minhas. Eu mesmo estou surpreso. Depois do que disse na última não crei que tendria a ganhar bolber a berte, muito menos de lhe escrever uma carta. Mas aqui me encontro no Dago sem nada melhor para haser pois é um lugar terrível da guerra.

Asseguro-lhe isso. O navio que preciso apanhar se atrasou por causa de uma tempestade em Baixa Cal. Não atracará até amanhã no melhor dos casos asi que preciso passá-la noite no Dago em uma habitasion. Posso ber seu rosto aqui mesmo na habitasion comigo Anne. Por que não me sorrries.

Suponho que pensa que estou mentalmente maluco, mas esta noite não tomei nenhuma bebida nem nenhuma outra coisa. Há um momento saí a passear e bi muitas mulheres com as que habria podido ligar. Não me interessaram. Não me interessou nenhuma outra mulher desde aquela noite contigo. Me casaria contigo se seu quisesse. Sei que ando escasso de dinheiro e não posso competir com siertos tipos do negosio da bebida mas sou um amigo leal. Siertos tipos são a classe de tipo que deberias bigilar Anne.

É a classe de tipo do que não pode confiar e me disseram que esta a ponto de haser água finansieramente se o dinheiro de sua mulher não durasse. Se que pensa que sou um mexicano que não é bastante bom para você. Não é berdad Anne. Meus pais eram de sangue espanhol pura nem gota de sangue mexicana em meus benas. Sou tão bom como seu e um homem mais branco que ele. Haria alguma coisa por ti Anne. Isto não é uma amenasa. Nunca lhe hei amenasado. Não entendistes quando fiquei furioso não eram ciúmes como dijistes. Estava triste e preocupado por sua causa.

Passava-me toda a noite diante de sua casa quando ele estava alli. O hise muitas beije. Queria protejerte. O hise muitas beces. Nunca habia lhe contado este secreto berdad. Não se preocupe não o contar a ninguém mais.

Amo-a Anne. Quando apago a lus lhe beo na escuridão brilhando como uma estrela. Seu leal amigo, Tony

P.S. Há muitas mulheres nesta siudad como digo. Se tiver que passar outra noite aqui não sei o que acontecerá. Suponho que lhe dá na mesma uma coisa ou outra.

T. A.

Li a carta duas vezes, forçando os olhos para entender os garranchos pequenos e incultos. Era como

olhar através dos olhos de um morto, decifrando as confusas notas de sua memória.

Ao abrir a porta do banheiro, notei que alguma coisa tinha acontecido na casa. Um sentido mais sutil que o ouvido percebeu alguma coisa na sala de estar, um vulto que respirava e era mais sólido que a escuridão. Minha posição era vulnerável por causa da luz que tinha às minhas costas. O curto corredor e o arco sem porta eram uma espécie de galeria de tiro e eu era o alvo fixo que havia ao final da mesma.

Apaguei a luz e andei de lado para a porta do dormitório, apalpando a parede com uma mão estendida em busca da porta. A outra mão segurava a lanterna, disposta a utilizá-la como luz ou como um porrete. Ouvi o ruído que a cortina fazia ao se mover no arco, que ficava a uns dois metros de onde me encontrava. Então a luz do teto do corredor se acendeu com um clique. Um revólver apareceu por um lado da cortina. Era um quarenta e cinco, mas parecia pequeno na mão que o empunhava.

— Saia daí.

Parei na soleira, com a metade do corpo descoberto. Notei que a linha entre a segurança e o perigo me dividia pelo meio.

— Saia daí com as mãos no alto. Era a voz do xerife. — Contarei até três antes de disparar. Começou a contar.

Guardei a lanterna no bolso, levantei as mãos e saí da sombra amiga. Church cruzou o arco. A coroa de seu Stetson roçou a varinha da cortina. Dava a impressão de medir mais de dois metros de altura.

— Ah, é você. Aproximouse, me apertando o plexo solar com o canhão de seu revólver. — Pode se saber o que faz aqui?

— Meu trabalho.

— Que trabalho?

— Meyer me contratou para que localize o seu caminhão.

— E você achou que o encontraria aqui, no banheiro da senhorita Meyer? — Também me contratou para que encontrasse a sua filha. Apertou o cano com mais força no oco de debaixo de minhas costelas e se apoiou nele. — Onde está ela, Archer?

Estiquei o corpo contra a forte pressão da arma, contra a pressão ainda mais forte do pânico. Church tinha os olhos muito abertos, inexpressivos. Os músculos lhe marcavam ao redor da boca. Parecia disposto a matar.

— Não tenho ideia de onde possa estar, respondi. — Sugiro que pergunte ao Kerrigan.

— O que quer dizer?

— Se você deixar de se fazer de policial duro, lhe explicarei o que quero dizer. O ferro não assenta bem no meu estômago. E o chumbo tampouco.

Afastou o revólver e baixou os olhos para ele como se fosse uma entidade independente que resistisse ao seu controle. Mas não voltou a guardá-lo.

— O que tem Kerrigan?

— Quando mataram o Aquista, Kerrigan era o cidadão mais próximo ao lugar. O caminhão estava carregado com o uísque de Kerrigan. Agora parece que sua cunhada desapareceu. Trabalhava para Kerrigan e é muito provável que fosse sua amiguinha. E isso é só o princípio.

Estive tentado a prosseguir e lhe contar a conversa às escondidas no Sammy's Oriental Gardens. Mas decidi não fazê-lo. Pertencia-me. Church jogou o chapéu para trás, como se lhe apertasse os pensamentos. Suas mãos continuaram elevadas, esfregando um ponto na têmpora: uma cicatriz de cor branca azulada que possivelmente era obra de uma bala. Parecia outro homem com a testa alta descoberta: um homem desconcertado e sensível que usava o chapéu do oeste e a expressão de tipo duro como coloração protetora. Ou um homem tão profundamente dividido, que não conhecia a si mesmo. A arma estava pendurada, esquecida, na outra mão. Ao falar o fez com voz trocada, pouco profunda e monótona:

— Já interroguei o Kerrigan. Tem um álibi para o momento do assassinato.

— E a sua esposa?

— Sua palavra me basta. Conheço Kate Kerrigan a muito tempo tempo.

Conhecia seu pai, o juiz. É uma mulher em que confio plenamente.

— Uma mulher assim mentiria por seu marido.

— Pode ser. Mas ela não mente. De qualquer maneira, Kerrigan não precisa de um álibi. É um homem de negócios respeitável.

— Até que ponto é?

— Não refiro a sua vida privada. Quando se tem tanto a perder como Kerrigan tem, não se mata caminhoneiros na estrada.

— Nem sequer por setenta das grandes? A propósito, me parece um pedido de uísque muito grande. O que faz com ele? Banha-se?

— Vende-o.

— Em seu motel?

— Não se eu puder evitar. É proprietário de um bar no outro lado da cidade. O Golden Slipper Supper Clube.

— Na Rua Yanonali?

— Vejo que você é aficionado a rondar.

— Que mais tem que eu não saiba... Influência política?

— Suponho que tem um pouco, graças às relações de sua esposa. Apertei um pouco mais a agulha:

— Isso não influirá em você no que respeita ao Kerrigan, não é?

Desta vez toquei alguma fibra sensível. Observei que alguma coisa pulsava violentamente debaixo da cicatriz, que começou a ficar vermelha.

— Você tem a língua muito solta quando tenta fazer perguntas.

— Preciso procurar respostas onde puder.

— Não esqueça com quem está falando.

— Você faz com que não esqueça.

— Parece-me que não acaba de se encarregar da situação, disse. — Estou fazendo um grande esforço. Mas não posso prometer que durará. Se anda procurando briga, posso lhe prender por forçar a porta da rua.

— Meus trabalhinhos normalmente são mais bonitos. Já estava forçada quando cheguei.

— Está certo disso?

— Claro. Alguém entrou aqui, mas não foi um ladrão comum. Na mesinha do dormitório há um relógio de pulso muito caro. Um ladrão o teria levado. Nem levaria as outras coisas que faltam.

— Que outras coisas?

— Objetos pessoais, a escova de dentes, coisa do gênero. Penso que Anne Meyer foi passar o fim de semana fora e não voltou quando se esperava que voltasse. Então alguém entrou aqui, forçou o escritório e levou várias coisas, listas de sua vida pessoal: cartas, endereços, números de telefone...

— Não tinha nenhum direito a entrar aqui sem permissão, disse o xerife. — Embora não tenha forçado a porta você mesmo, está infringindo a lei.

— Sua esposa me deu permissão para revistar o apartamento. — O que tem a minha esposa a ver com o assunto? — Sua irmã desapareceu, é uma parente próxima... — Onde a viu?

— Não faz uma hora que a levei para sua casa em meu carro.

— Não se aproxime dela, ouviu? Disse, elevando a voz. — Não se aproxime da minha casa e da minha esposa.

— Possivelmente seria melhor que você ordene a sua esposa que não se aproxime de mim.

Não deveria ter dito isso. A ira se apoderou dele, estremecendo todo seu corpo. Levantou o revólver e o cano me golpeou o queixo. Minha cabeça se inclinou para trás e bateu contra a parede. Notei que

desta se desprendiam fragmentos de gesso. A alta figura do xerife ficou imprecisa. Meu braço e meu ombro bateram no chão. Pus-me em pé de novo e limpei o sangue do queixo com o dorso da mão.

— Provavelmente lamentará isto, xerife.

— Saia daqui antes que eu faça alguma coisa que lamente seriamente.

Seu rosto longo e inclinado sobre o revólver parecia um rosto de bronze atormentado. Seus olhos estavam cegos e vazios. Andei sobre pernas remotas até chegar à porta aberta. À música do rádio da casa ao lado fora substituída por uma voz de maníaco que afirmava que a solidão, o medo e a impopularidade eram coisas do passado, abolidas pela clorofila.

Ao chegar aos limites da cidade, a Rua Yanonali dobrava para o norte e se fundia com uma estrada do estado. Um par de edifícios de estuque, de dois andares cada um, se elevavam no ângulo que formavam a rua e a estrada. Eram o The Recreio e o Shuffleboard Arcade. Homens e mulheres empunhando tacos de bilhar se moviam sob sua luz verde e carregada de fumaça. Pareciam pescadores com arpão caminhando a passos pesados sobre o leito do mar. No telhado do outro edifício uma sapatilha de salto alto desenhada com lâmpadas amarelas insinuava abertamente que aquele era lugar de alegria a base de mulheres e champanhe. Algumas das lâmpadas já tinham desaparecido.

O champanhe era nacional e insípido. Três garotas, duas louras cansadas e uma morena triste, esperavam nos três tamboretos do balcão. Seus corpos deprimidos endireitaram quando entrei. Incharam o peito e abriram suas bocas borradas em três sorrisos de bem-vinda. Adotei a expressão de homem indiferente a tais vulgaridades e, passando pelo seu lado, fui me instalar no outro extremo do balcão.

A sala tinha forma de garrafa plana com o extremo estreito à frente. Na parte posterior, além de um espaço vazio destinado à dança, o estrado vazio da orquestra sustentava um piano prateado e uns quantos suportes de livro que pareciam árvores de metal sem folhas. Um vozeirão neurótico do gramofone automático pedia a gritos um pouco de amor que não merecia, salvo se uma mulher sem ouvido musical o desse, em meio de uma câmara de eco. Em uma das mesas de trás, quatro rapazes de camisa havaiana bebiam outras tantas garrafas de cerveja. Sobre a testa de cada um deles, caíam mechas de cabelo branqueado com água oxigenada, como se o mesmo raio tivesse caído simultaneamente em cima dos quatro. Olharam-me com desdém. Meu cabelo era normal e comum. E eu não era atômico. O homem que estava atrás do balcão tampouco era atômico. Seu rosto fazia pensar em uma rã cansada. Usava uma jaqueta que em outros tempos tinha sido branca. Suas fossas nasais lançaram um suspiro quando pedi cerveja.

— Que tal o negócio? Perguntei cortesmente. O homem abriu grosseiramente minha garrafa e a depositou sobre a maltratada superfície de fórmica que havia entre nós.

— Mesmo que melhorasse em quinhentos por cento, nem sequer poderia chamar catastrófico. Hoje em dia só me pedem cerveja. Você é viajante? Disse-lhe que sim. — Nisso sim que há vida. Eu também sairia daqui se pudesse. A mulher e a família... Deixou cair os ombros e a mandíbula como ilustração. — Neste último ano, da grande sacudida, este lugar esteve tão morto como os dinossauros.

— A grande sacudida?

— O terremoto do verão passado. Deu-nos uma boa surra, em mais de um sentido. O cu de toda a cidade ficou estreito. Suponho que para alguns fez muito bem. Esta era uma cidade de loucura, irmão. Já não há tanta loucura, depois da grande sacudida. Muitos cidadãos proeminentes deixaram de beber. Imagino que tomaram a grande sacudida como um castigo dirigido contra eles.

Alguns até deixaram de perseguir a mulher do próximo. Foi necessário um terremoto para isso. Mas olhe o que fez a este negócio. Devia estar maluco. Comprar semelhante tugúrio!

— Você é o proprietário? Não me respondeu. Olhava com olhos assassinos aos rapazes da mesa de trás.

— Veja você que tipo de clientela vêm aqui. Perdi a que gasta e ganhei os esquentas-cadeira. Passam toda a noite com uma cerveja, só para ter um lugar onde estacionar seus rabos cansados.

Fez-se um silêncio enquanto o gramofone tocava uma toada. Uma das mechas platinadas estava contando aos outros que tinha dado uma mancada com uma moça. “Tinha umas tetas como as de sua avó”, disse, só que parecia ser menor de idade, uma fugitiva do sexto grau. Suas risadas soaram como uma pequena e longínqua bateria de metralhadoras.

— Jo demorará muito? Perguntei ao barman. Meneou a cabeça devagar, com cuidado, como se lhe doesse.

— Se procura a Jo, não há nada a fazer. Não vai vir.

— Não trabalha nesta noite?

— Nem nesta nem nenhuma outra noite. Caiu fora. O que me pareceu ótimo.

Pensava mandá-la embora de qualquer maneira.

— Achava que o dono fosse Dom Kerrigan.

— Era. Mas já não é. Comprei-lhe o local nesta manhã. Deveria examinar a minha cabeça. Você é amigo do Kerrigan?

— Vi-o umas quantas vezes.

— Amigo de Jo? Perde o tempo. Jo não voltará aqui e se voltasse, você não teria nenhuma chance. Essa rata já está arrumada.

— Com alguém em particular? Olhou-me maliciosamente.

— Sou um homem casado, com quatro deduções no imposto de renda.

Acredita que Jo me faria confidências?

— Em caso de desespero. O nome Tony Aquista lhe diz alguma coisa? Seus olhos avultados pareceram se retrair, como os olhos de uma rã quando o animal engole alguma coisa.

— Conheço o Tony. Vem por aqui de vez em quando.

— Pois já não virá mais. Morreu. O rosto ficou como apagado por causa da surpresa.

— O que lhe aconteceu?

— Deram-lhe um tiro. Na estrada, ao sul da cidade. Dirigia um caminhão de uísque segurado. A carga desapareceu. Estava faturada ao Kerrigan.

— Quanto uísque disse que transportava?

— Um valor de setenta mil dólares.

— Alguém ficou maluco. Não tem nenhum lugar aonde colocá-lo.

— Certamente fez o pedido há vários dias. Não lhe disse nada?

— Agora que o mencionou, pode ser que sim, respondeu cautelosamente. — Tenho muito má memória. Inclinou-se por cima do balcão, observando atentamente o meu rosto desde debaixo de suas pesados pálpabras. — Quem é você, amigo? Tira?

— Detetive particular. Estou investigando o assunto por conta da Transportes Meyer.

Diabos, não acreditará que Jo tem alguma coisa que ver com o ocorrido, não é?

— Isso é o que quero perguntar a ela. Jo conhecia Aquista, não é verdade?

— Pode ser que sim. Não sei.

— Sabe de sobra que ela o conhecia. Sua boca se fechou e os amplos planos de seu rosto assumiram uma maciça dignidade.

— Como quiser. Não penso em dizer nada. A garota não é nenhum rouxinol, mas sempre contribuía para animar o local. Por que eu iria dizer alguma coisa que a compromettesse? — Onde posso encontrá-la?

— Não me conta os seus movimentos, paisano. Você está recebendo muita conversa em troca de uma cerveja de trinta centavos.

— Pois coloque outra.

— Nem pensar. Vólte para o velho Meyer e lhe diga que enterre a cabeça. Em seguida você enterre a

sua.

Agradei-lhe por sua hospitalidade e em seguida desci do tamborete. O gramofone tinha agora voz feminina, uma voz que dizia desejar amantes. Duas das garotas do balcão, a morena e uma das louras, estavam dançando na pista. A morena levava a outra. Interpus-me entre elas e agarrei a loura.

Era bonita e jovem, apesar da expressão vítrea, profissional, que havia em seus olhos. Dançava como uma perita, ansiosamente, seu peito sincopado se movendo para cima e para baixo, roçando o meu. Dávamos voltas e mais voltas em meio de uma nuvem de perfume barato. Isso ou os efeitos tardios do golpe que o xerife me dera fez com me sentisse enjoado. A garota levantou os olhos ao cabo de um momento e me mostrou uma dupla fileira de magníficos dentes brancos.

— Meu nome é Jerry Mae. Eu adoro dançar.

— Eu adorava.

— Poderia sentar e me convidar a beber alguma coisa.

— Preferiria me mandar. Optou por interpretá-lo como uma insinuação e soltou uma risadinha mecânica.

— É um homem rápido. Nem sequer sei como se chama.

— Lew.

— De onde é, Lew?

— De Los Angeles.

— Eu passei algum tempo em Los Angeles. É uma cidade maravilhosa. — Uma cidade maravilhosa, assenti. As pontas de seus dedos se moveram sobre a manga de minha jaqueta, calibrando o custo provável do pano.

— O que faz ali, Lew?

— Várias coisas.

— Eu adoraria que me falasse delas. Vamos nos sentar e beber alguma coisa enquanto me fala de você.

— Não há nenhum lugar onde possamos ficar sozinhos? Empurrou-me de uma vez e colocou uma cara de picardia.

— Certamente, é rápido. Se realmente tiver vontade de farra, acima há um quarto.

Mostre-me. Segui-a notando sobre mim o olhar hostil do barman. Mas não fez nada para nos deter. Negócio era negócio.

Um lance de degraus de madeira subia pela parede de estuque do edifício. Os tornozelos esbeltos e embainhados em náilon subiam diante de mim. A garota me esperou ante a porta de cima. Sob a luz do teto seu rosto parecia horrível, como se sofresse de icterícia ou alguma coisa assim. Levou-me por um corredor até o quarto pequeno e anônimo em que terminava suas noites. Uma cama de Hollywood coberta com uma colcha de cor vermelha, uma penteadeira suja de pós faciais sobre o qual havia um rádio em marfim de imitação, um lavabo no fundo. A garota fechou a persiana da única janela e parou junto ao rádio.

— Você gosta da música, Lew?

— Posso passar sem ela. Não havia nenhuma cadeira. Sentei-me na cama. O amor ou algo parecido a havia destruído.

A garota ficou de pé me olhando com cara de desconcerto. Em seus olhos havia o duro desânimo que nasce de se ver muito durante muitos anos e entender muito pouco de tudo isso. Engolindo suas dúvidas, se sentou sobre meus joelhos e deixou que a saia lhe subisse coxas acima. A pele era branca, como a de um morto, e aparecia cheia de espetadas de seringa de injeção.

— Você não gosta de sua neném?

— Eu gosto uma barbaridade.

— Então, como me quer, amor? Nuazinha?

— Com cubinhos de gelo.

— Não entendo. Tenta um numerozinho novo, não é?

— Prefiro informação a fornicação. Elevei-a, agarrando-a pela cintura e a deposei sobre a cama a meu lado. Olhou-me com uma espécie de piedade sorridente.

— Não tem cara de ser um dos que preferem falar. Estou limpa, se for isso o que o preocupa.

— Não me preocupo com nada.

— Passo por uma revisão todas as semanas, sem faltar nenhuma.

— Não duvido.

— Pelo amor de Deus, disse. — Se a única coisa que queria fazer era conversar, poderíamos ter ficado embaixo. Agora terá de pagar o quarto.

— Quanto?

— Cinco paus. E dez para mim. Cobro o mesmo para conversar. É justo, não parece? Vamos ver, do que quer que falemos? De como me meti neste sujo ofício? Ou quer que fale dos diversos tipos?

— Interessa-me só um tipo em particular. Tony Aquista. Conhece-o? — Claro que conheço. Embora nunca esteve comigo. Pessoalmente, não lhe quereria. Sempre me pareceu um pouco maluco.

— Jo pensava o mesmo? O rosto endureceu sob a máscara de pintura.

— O que eu sei sobre o que Jo pensa!

— Jo não esteve com ele?

— Pode ser que jogasse um pouquinho com ele, estritamente para rir.

Imagino que o levou para sua casa umas quantas vezes.

Recentemente?

— Sim, durante o último par de semanas. O chefe o trouxe aqui uma noite... — Kerrigan o trouxe aqui?

— Sim. Certamente disse a Jo que fosse simpática com ele. Não me ocorre nenhuma outra razão pela qual ela se amarrasse com o Tony. Nem sequer tem sangue branco nas veias e é uma espécie de maluco, como lhe disse antes. Deveria ter lhe visto da última vez que esteve aqui. Estava bêbado até as orelhas, virtualmente cego. Rocco teve que declarar lei seca para ele.

— Quando foi isto? Pôs os olhos em branco por causa do esforço de pensar.

— Há três ou quatro noites. no domingo de noite.

— Jo estava aqui?

— Naturalmente. Ele a levou para casa. Ou ela levou a ele. Tony não navegava muito bem.

— Que tal é a Jo?

— Por que pergunta? É que não a conhece?

— Ainda não.

— Parece-me que está muito interessado por uma garota que nunca viu.

— Tenho uma razão.

— Que razão?

— Não importa. Tirei uma nota de vinte da minha carteira. Pegou-a e a nota desapareceu rapidamente, como um pequeno lagarto verde cujo instinto o fizesse se refugiar na toca, na parte superior de sua meia. O contato com o dinheiro pareceu lhe dar ânimo.

— Pois... É uma moreninha bastante boa de se ver, se você gostar de seu tipo. Eu também fui morena faz tempo, até que cansei de ser.

— Estávamos falando de Jo, lembrei. — Preciso de uma descrição completa. — Para que diabos a precisa? Acreditei que queria falar comigo. A propósito, não pode ficar muito tempo e ainda me deve quinze paus.

— Rocco a cronometra?

— Com um cronômetro de precisão, virtualmente. Espere um minuto. Se quer saber como é Jo

Summer, posso fazer alguma coisa melhor que lhe dar uma descrição. Pôs-se a andar para a porta.

— Não se esqueça de voltar, Jerry Mae. — Não me esquecerei.

Voltou com uma cartolina de cor azul com letras douradas.

— Aqui tem um foto de Jo... Uma pose de estúdio. Precisamente ontem Rock a tirou da cristaleira.

“O Golden Slipper apresenta a maravilhosa Jo Summer”, diziam as letras. “Música três vezes à cada noite. Consumo mínima”.

Grudada na cartolina havia uma foto em bastante mau estado de uma moça. Usava um vestido de noite negro, com lantejoulas e um decote que ia até a cintura. Seus peitos medianos contidos eram seus traços mais proeminentes, mas foi o rosto o que me chamou mais a atenção: um rosto de olhos de ameixa, sobrancelhas baixas debaixo de franjas de cabelo negro e murcho, com uma boca áspera e apaixonada. Tinha visto sua boca umas horas antes, se apertando faminta contra o dorso da mão de Kerrigan. Levantei os olhos para a Jerry Mae.

— É a garota de Kerrigan? Sentou-se na cama ao meu lado.

— Isso todo mundo sabe. Por que acha que lhe deu um emprego aqui?

— Que tipo de pessoa é Jo? Reta ou torcida?

— O que posso dizer? Não é como se diz, uma garota muito de casa, mas não posso ler seus pensamentos. Se na metade das vezes nem sequer posso ler os meus.

— Que tipo de amigos tem?

— Não acredito que tenha amigos, além do senhor Kerrigan. Quantos amigos precisa uma garota? Ah, sim, tem um avô; ela disse que era seu avô. Apareceu uma noite do mês passado, poucos dias depois de que ela tivesse começado aqui. Queria que deixasse este local e voltasse para casa com ele.

— Não sabe por acaso onde ele mora?

— Fora da cidade. Parece-me que ela disse nas montanhas. Eu lhe disse que estaria melhor em casa. Disse-lhe que se frequentasse os cabarés durante muito tempo, os lobos a fariam em pedaços. Dei-lhe o melhor conselho que podia dar. É um pouco lenta, compreende? E tentei convencê-la para que o deixasse. Não sabe aonde leva isso.

— E você para onde vai, Jerry Mae?

— Não falemos de mim. Não tenho remédio. As comissuras de sua boca grossa e vermelha se esticaram em um amargo sorriso horizontal. — A menina não quis aceitar o meu conselho, assim terá que aprender por conta própria, sofrendo.

— Aprender o quê?

— Que nesta vida não pode esperar acontecer algo bom e que seja grátis. No final paga duplamente e quando se acaba a energia, continua pagando de todas as formas. De maneira que agora se colocou em uma confusão de verdade, não é?

— Poderia ser.

— É tira, por acaso?

— Tira particular.

— Fareja por encargo da senhora Kerrigan?

— Trata-se de algo um pouco mais sério. Mordeu-se o lábio inferior manchando os dentes de carmesim.

— Espero não ter dito nada que prejudique a menina. Ela me tratava com altivez... Achava-se artista e nós duas procuramos satisfação em coisas distintas... Mas não a reprovoo. Eu também tinha fumaças em outros tempos. De modo que agora estou pagando. A mão se fechou sobre a coxa em que se ocultavam os vinte dólares. — Muito sério?

— Não saberei enquanto não tiver falado com ela. Pode ser que nem sequer saiba então. Vamos ver, mora em um prédio na Rua Yanonali? — É, nos Apartamentos Cortês. Caso continue ali.

Levantei-me e agradei.

— Não há de quê. Preciso do dinheiro, não sabe quanto o preciso! Mas me deixou preocupada durante um momento. Pensei que ia perder tudo. E pode ser que assim seja, se quiser que se seja franca. Seu sorriso era brilhante e desolada. — Boa noite, informação.

— Boa noite, Jerry Mae.

Enquanto dirigia para o este pela Rua Yanonali me lembrei da caixa de aço cheia de provas que levava na parte traseira do carro. Continha várias centenas de cigarros de maconha, em pacotes de cinco. Tinha-os tirado de um traficante de South Gate e ia entregá-los no escritório do estado de Sacramento. Se faltassem cinco, os do escritório nunca se dariam conta. Os garotos negros tinham desaparecido da esquina. Estacionei em frente dos Apartamentos Cortês, abri o bagageiro de trás e procurei em meu chaveiro a chavinha da caixa. Abri-a e extraí um dos pacotinhos envoltos em papel.

A porta interior do vestíbulo estava fechada com chave. Na parede havia uma série de plaquinhas de latão sujo com cartões em que apareciam os nomes dos inquilinos. Havia dezoito no total, em fileiras de seis cada uma. Só um dos cartões estava impresso. Só três das dezoito eram de homens. Senhorita Jo Summer, uma assinatura grande e imatura, escrita com tinta verde, aparecia no número sete. Apertei seu timbre e esperei. Uma voz baixa saiu pelo ralo do tubo acústico.

— É você amor? — Isso mesmo.

Ouvi um zumbido e a porta se abriu. Comecei a subir os degraus emborrachados que levavam para a escuridão do edifício. Um spot de parede era a única luz do patamar do segundo andar. Debaixo dele alguém tinha escrito com batom: “Chas estou no Floraine e o verei lá”. Minha sombra se encarapitou pela parede e rompeu o pescoço no teto. O sete era a última porta à esquerda. O número de metal vibrou um pouco quando bati. A porta se entreabriu, deixando sair um pouco de luz cor púrpura. Joguei-me para um lado para evitá-la. A garota apareceu pela fresta, me piscando astigmaticamente. Com seu ronroneio de gatinha disse:

— Não o esperava tão cedo. Ia tomar banho.

Avançou para mim, a silhueta de seu corpo se desenhando debaixo de uma bata de raíom. Uma de suas mãos se insinuou entre meu braço e meu flanco.

— Um beijinho para a neném, Donny? Sua úmida boca roçou o ângulo de meu queixo. Certamente meu sabor lhe pareceu estranho. Soltou uma leve exclamação de surpresa e se afastou bruscamente de mim, grudando na parede com as mãos abertas e apoiadas nela. A bata se abriu. Seu corpo reluzia como um peixe em água turva.

— Quem é? Disse que era ele.

— Confundi-se, Jo. Venho da parte de Kerrigan. — Não me disse nada a respeito de você.

Baixou os olhos para seus seios e os cobriu com a bata, cruzando os braços sobre eles. Os dedos de unhas cor escarlate se cravaram em seus ombros. A gatinha da garganta estava assustada e sibilava:

— Onde está? Por que não veio ele mesmo?

— Não conseguiu escapular.

— Está retido?

— Não sei. Será melhor que me deixe entrar. Deu-me alguma coisa para você.

— O que é?

— Mostrarei aí dentro. Tem vizinhos.

— Sério? Não tinha me dado conta. Bom, entre.

Retrocedeu para o interior do apartamento banhada pela luz púrpura, uma garota diminuta que apenas me chegava ao ombro, cabeça pequena e bem formada e corpo suculento. Não podia ter mais de

dezenove ou vinte anos. Perguntei-me que aspecto teria quando fizesse quarenta, caso chegasse neles.

O apartamento era como um segmento de seu futuro esperando que o destino a alcançasse. Um abajur de pé, de ferro negro e tela de seda vermelha com adornos azuis, lançava sua luz irreal sobre cortinas vermelhas que estavam penduradas em varinhas torcidas, um divã vermelho sobre o qual havia um montão de revistas velhas, um tapete cuja cor e desenho se transformaram em uma sujeira indistinguível à força de ser pisoteado. O único adorno nas paredes de gesso amarelo era um calendário do ano passado, um desses calendários com garotas com pouca roupa. Uma mão aborrecida tinha posto na loira da foto um bigode, um cavanhaque e cabelo no peito. Aproximouse como uma menina ansiosa a que tivessem prometido um presentinho.

— O que Donny me mandou?

— Isto. Fechei a porta às minhas costas e lhe dei o pacotinho envolto em papel.

Seus dedos rasgaram o pacote e os cigarros de cor marrom se esparramaram sobre o tapete. Ajoelhou-se para recolhê-los, agarrando-os como se fossem vermes vivos que tentassem escapar. Levantou-se com quatro deles na mão e um na boca. Apanhei meu isqueiro e lhe dei fogo. Disse-me mesmo que era necessário, que, de qualquer maneira, ela já tinha o hábito, que os corpos de polícia utilizavam droga para pagar aos seus mexeriqueiros todos os dias do ano. Mas, enquanto a olhava, não pude me tirar de cima a sensação de que acabava de comprar um pedacinho de seu futuro.

Chupava a erva pardacenta do mesmo modo que um bebê faminto chuparia uma mamadeira vazia. Seis de suas chupadas profundas e trêmulas consumiram a metade da bagana. Olhou o que ficava com olhos cujo tamanho e brilho cresciam por momentos e voltou a lhe dar uma chupada. Sua boca cheia de fumaça desenhava sorrisos cambiantes. Em um instante a bituca começou a lhe queimar os dedos. Depois de apagá-la esmagando-a em um cinzeiro, guardou-a em uma caixinha vazia, junto com os quatro canudos inteiros. Deu vários passos de dança pela sala, cambaleando levemente sobre seus chinelos com pompom. Em seguida se sentou no divã vermelho com os punhos apertados fortemente entre as pernas. Tinha os olhos muito grandes e terrivelmente vivos, mas estavam voltados para dentro, perdidos na selva luxuriante de seus pensamentos. Seu sorriso não parava de trocar: infantil e tolo, majestoso e triunfal, felino, malvado e velho, e alegre de novo e infantil. Sentei-me ao seu lado.

— Como se sente, Jo?

— Maravilhosamente. A voz saía de muito dentro de sua cabeça, movendo apenas os lábios. — Deus, como precisava! Agradeça ao Donny de minha parte.

— Agradecerei quando vê-lo. Não iam sair da cidade?

— Ah, sim. Me esquecia. Vamos sim.

— Aonde vão?

— Para a Guatemala. Vamos construir uma vida nova, os dois juntos. Uma vida nova e bonita juntos, uma vida sem complicações, sem nada desagradável, sem mais estúpidos. Ele e eu sozinhos.

— Do que vão viver?

— Meios e recursos, disse sonhadoramente. — Donny dispõe de meios e recursos.

— Espero que tudo saia bem.

— Por que não iria sair bem? Olhou-me com as sobrancelhas franzidas. A droga tinha exagerado todas suas emoções, o medo e a hostilidade além da esperança.

— Começam a suspeitar. Endireitou o corpo, cravada pela angústia. — Quem? Os tiras? Assenti com a cabeça. Apoiou-se em mim, me segurou o braço com as duas mãos e o sacudiu.

— O que aconteceu? Não funciona a proteção?

— Precisa-se de uma proteção muito sólida para cobrir um assassinato. Seus lábios se curvaram para fora, mostrando os dentes. Os olhos lançaram labaredas negras contra meus.

— Falou assassinato?

— Deram um tiro no seu amigo.

— Que amigo? Não tenho amigos nesta cidade.

— Tony Aquista não é um amigo? Sem tirar os olhos do meu rosto, se separou de mim para o outro extremo do divã, se movendo à força de mãos e nádegas. Disse entre dentes:

— Aquista? Preciso conhecer o nome? Com quantas ás se escreve Aquista? — Não tente me enganar, Jo. Era um dos que a seguiam. Trouxe-o aqui no domingo à noite.

— Quem lhe disse? É mentira. Mas olhou a seu redor como se a sala a tivesse traído. O medo se refletia em sua voz. — Mataram Tony?

— Já devia saber. Você lhe preparou a armadilha.

— Não, disse. — Não é verdade. Jamais faria uma coisa dessas. Estou limpa.

Seu olhar tinha retornado do interior de seu sonho. Não estava tão desfocada como eu tinha imaginado. A suspicácia fez sair uma chaminha dupla pelos buracos negros do centro de seus olhos.

— Tony não morreu. Tenta me enganar.

— Você gostaria de fazer uma visita ao necrotério?

Dom não me disse nada. Se tivessem matado Tony, Dom teria me dito. Não devia acontecer.

— Por que iria dizer o que você já sabia? Você fez com que Tony parasse o caminhão, não é verdade?

— Não. Nem sequer o vi desde domingo à noite. Hoje estive em casa todo o dia. Levantou-se e ficou frente a mim, o rosto contrito e avinagrado. — É alguém que tenta jogar a culpa do crime em mim? Quem é você, se pode saber?

— Um amigo de Dom. Falei com ele esta noite.

— Dom não me faria uma coisa como essa. Deteram-no?

— Ainda não.

— É da máfia?

— Por isso trouxe os canudos.

— De onde Dom os tirou? Seu olhar negro caiu sobre mim desde debaixo de sua testa ampla e suas sobrancelhas baixas.

— Do Bozey. Dom não podia trazê-los em pessoa, assim me enviou.

— É estranho que nunca tenha me falado de você.

— É que não lhe conta tudo. — Não, suponho que não.

Cruzou a sala até a janela e distraidamente passou os dedos por entre os fitas de seda da persiana. Em seguida voltou arrastando os pés e se sentou no fundo do divã, apertando os joelhos contra o peito.

— Não sei o que está acontecendo, disse. — Você diz que Tony morreu e que Dom está me enganando. Por que devo lhe escutar?

— Porque digo a verdade.

— Você ganha algo neste assunto?

— Isso eu acreditava. Mas parece que está enganando os dois. Tal como me pintou as coisas, era você quem se encarregaria de que Tony parasse o caminhão.

— Assim combinamos desde o princípio, disse. — Eu tinha que lhe fazer gestos para que parasse. Nada de tiros, compreende? Eu não estava de acordo. Só devia fazer parar o caminhão na estrada e deixar que outros fizessem o resto.

— Dom e Bozey?

— Sim. Só que em seguida mudaram o plano. Dom não queria que eu me arriscasse, entende?

Acariciou-se o pescoço terso e redondo, inconscientemente. — Em seguida surgiu algo... Algo que Tony me contou no domingo de noite. Estava bêbado quando me contou e eu não acreditei então. Sempre estava contando histórias sobre ela, fantasias. Mas Dom acreditou quando lhe disse.

— O que lhe disse?

— Esta história sobre a Anne Meyer.

— Conte-me. Beliscou-se a pele da garganta com o polegar e o indicador e me olhou de soslaio.

— Faz muitas perguntas. Como sei que não é um tira? Como sei que não era uma armadilha?

Levantei-me, me fingindo de zangado, e comecei a andar para a porta.

— Como quiser, irmã. Eu tenho muita resistência, mas quando tomam por um mafioso... Seguiu-me.

— Espere um momento. Não precisa ficar assim. Certo, é um amigo de Dom, tem parte no assunto. O que fará agora?

— Vou me embora. Eu não gosto de como está cheirando.

— Tem carro?

— Está lá fora.

— Me levará a alguma parte?

— Se quiser. Aonde?

— Não sei aonde. Mas não penso em ficar aqui sentada, esperando que venham me prender. Andou até uma porta interior e se voltou. — Vou tomar um banho e vestir alguma coisa. Questão de um minuto nada mais. Seu sorriso acendia e apagava como um anúncio luminoso.

Esperei quinze minutos, irritado pelo barulho do chapinhar da ducha no outro lado da parede. Fumei um antiquado cigarro feito com tabaco e folheei as revistas “Do coração” que havia no divã: “Meu fim de semana perdido. Os homens tem desejos proibidos? Eu fui o brinquedo de um velho”. As garotas das histórias se pareciam com Jo, de uma forma ou outra. Jo fazia parte de uma legião.

Finalmente me ocorreu que o banho já durava muito. Entrei no dormitório sem bater na porta. As gavetas da cômoda estavam abertas, vazias com a exceção de alguns objetos sujos. Abri a porta do banheiro. A ducha estava aberta sobre a banheira, mas não havia nenhuma garota debaixo dela. Cruzei a cozinha às escuras, saí pela porta de trás, descí uns degraus de madeira e me encontrei em um beco com paredes de ambos os lados. Um pouco de luz se filtrava através do céu poroso. Permitiu-me ver um negro velho e gordo sentado entre dois latões de lixo, apoiado na parede. Com a cabeça pendurado de um lado e as pernas abertas, parecia um enorme bebê negro que alguém tivesse abandonado na porta do mundo. Sacudi-o, notei o aroma de licor barato e deixei que continuasse dormindo.

Pus-me a andar para a boca do beco, um retângulo pálido e alto que o poste da esquina enchia de luz diluída. Uma figura de homem se recortou sobre a luz. De ombros longos e quadris estreitos, embainhado em uma jaqueta de couro, se movia com a graça de um gato, silenciosamente. Pude ver fugazmente o seu rosto. Era jovem e pálido. O cabelo vermelho escuro caía em mechas murchas sobre a testa. Afastou-o com uma mão. A outra mão estava escondida debaixo da jaqueta. A sombra da parede caiu sobre ele em diagonal.

— Por acaso viu uma garota sair daqui?

— Que garota?

— Uma moreninha. Provavelmente com uma mala. — Sim. Vi-a.

Aproximouse caminhando grudado à parede; se aproximou tanto, que pude ver nos olhos a expressão assustada e selvagem de um homem perdido.

Para onde foi?

— Isso depende do que você quiser dela. O que quer dela?

Sua voz era serena, mas pude perceber a fúria que havia detrás dela, uma fúria que seguia uma única direção. Era um dos meninos perigosos, nascido sem um cabelo de tolo e desmamado com fúria e dor.

— Não será o Bozey, não é?

Não respondeu com palavras. A mão saiu de debaixo da jaqueta, empunhando alguma coisa reluzente que me golpeou na têmpora. Minhas pernas se esqueceram de seu proprietário. Fiquei sentado no asfalto, com as costas apoiadas na parede, e elevei os olhos para sua mão direita, a mão armada com um aço em que a noite dava voltas. Seu rosto se inclinou sobre mim, sombrio e frágil por causa do ódio.

— Se agache, maldito tira. Sim, sou o Bozey. se agache e me beije os pés.

O objeto reluzente desceu para meu rosto. Consegui escapar no último instante e ouvi o ruído de metal contra pedra. Tentei levantar. Mas minhas pernas estavam feitas de borracha desgastada. O terceiro golpe me encontrou e a noite começou a girar mais depressa, como água suja escapando por um deságue.

Ao voltar a mim, me encontrei em meu carro tentando colocar a chave do bagageiro no acendedor. A rua estava deserta, o que era uma sorte. Conduzi como um bêbado ao longo de um par de quadras, desenhando esses de um meio-fio a outro. Em seguida a vista clareou. Ao cruzar a rua principal, pude ver meu rosto ensanguentado no espelho do para-brisa. Parecia curiosamente inclinado. Olhei o relógio para ver que hora era. Minha mão estava nua. Procurei nos bolsos e vi que a carteira tinha desaparecido. Mas meu revólver trinta e oito continuava no porta-luvas. Transferi-o para o bolso lateral da jaqueta.

A casa de Kerrigan ficava em uma encosta no setor nordeste da cidade. Fiz uma manobra em U quando cheguei ao cruzamento que ficava quase em cima dela e estacionei na rua. Era uma rua de lares de pessoas de idade avançada com grandes extensões de grama sombreadas por árvores e arbustos bem cuidados. Vistos de cima, os telhados pareciam flutuar em uma cascata de folhagem verde escura. Estava ficando tarde e a maioria das casas se achava as escuras. A de Kerrigan, não. O Ford conversível vermelho se encontrava estacionado na frente dela.

Deixei a calçada, andei por entre a grama até a casa do lado e, saltando uma parede de pedra de pouca altura, me encontrei na propriedade de Kerrigan. A luz das janelas banhava o gramado. Ouvia-se um murmúrio de vozes dentro da casa. As janelas eram muito altas para me permitir ver o interior. Caminhei grudado na parede até a parte dianteira. As vozes eram duas, uma de homem e outra de mulher. A de homem era quase tão aguda como a da mulher.

A galeria dianteira era uma plataforma profunda, com corrimão, que ficava parcialmente escondida detrás de uma tela de bambu. Uma velha e enorme árvore, uma araucária, ocultava-a ainda mais da rua. Pulei o corrimão e me encostei nela. Da minha posição no ângulo que formavam a galeria e a parede, era impossível ver o interior da casa. Cruzei a luz que saía pela janela e me ocultei atrás de um balanço de lona verde. Afastando um pouco a lona de trás do assento, podia ver o interior da casa sem que me vissem.

Era uma sala bonita, com um tapete branco, que enchiam as curvas suaves e frágeis dos móveis do século XVIII. O teto branco e espaçoso repousava sobre capiteis jônicos que se repetiam no suporte de mármore. Alguém que tinha a Europa metida na cabeça tentara construir um sonho de civilização naquele aposento e quase conseguira. Seus ocupantes atuais se achavam de pé em frente da lareira, dizendo um ao outro que o sonho estava morto, mais morto que uma pedra. A mulher me dava as costas, rígida e tensa. Um colar de pérolas reluzia friamente ao redor de seu pescoço, sob o louro cabelo.

— O que tínhamos já desapareceu, disse, — E agora vai sair correndo. Sempre soube que iria.

— Quer dizer que sempre soube não é? Kerrigan se achava ante ela, apoiado negligentemente na lareira. Tinha uma mão metida no bolso e com a outra empunhava um pequeno cachimbo de urze. Sua pose era teatral.

— Sim. E sei há muito tempo. Pelo menos, há quatro ou cinco anos, desde que se amarrou com a Meyer.

— Isso terminou há tempos.

— Fez-me acreditar nisso. Mas nunca foi sincero comigo.

— Procurei. Quer que me justifique consigo? Quer a verdade pura?

— Não é capaz de dizer a verdade, Dom. É um mentiroso sem remédio. Mentiu-me antes de nos casar, sobre seus recursos, sobre suas perspectivas. Alegou que me amava. A voz se quebrou desdenhosamente. — Toda sua vida comigo foi uma mentira. Nem sequer me deu um pinga de fidelidade. Prove.

— Não preciso provar. Sei. Acha que me enganava com suas desculpas infantis, quando chegava na minha casa com a roupa desordenada, a boca manchada de vermelho...

— Pare um momento. Apontou para a cabeça da mulher com o cachimbo, como se fosse uma pistola.

— Prestou atenção no que disse, Kate? Sabe o que acaba de dizer? Disse sua casa. Não nossa casa. A sua. E se pergunta por que me sinto como um intruso.

— Porque é, disse ela. — É um intruso. Meu avô construiu esta casa para minha avó. Deixaram-na para meu pai. Meu pai me deixou. É minha.

— E quem a quer?

— Você, Dom. Há só uns dias tentava me persuadir para que a vendesse e lhe desse o dinheiro.

— É. Deu de ombros e sorriu torcidamente. — Bom, agora é muito tarde.

Pode ficar com a casa e morar nela sozinha. Nunca vivi realmente nesta casa.

Precisará dela para seu próximo marido.

— Acha provável que volte a me casar, depois desta experiência consigo? — Vamos, Kate, não foi tão má. Não é nenhuma figura trágica, assim não sonhe que seja. Reconheço que não estava apaixonado por você quando nos casamos. Escutou como reconheço? Casei-me consigo pelo seu dinheiro. É um crime tão terrível? Seus amigos metidos da Santa Bárbara também fazem isso a cada dia. Diabos, pensei que estava lhe fazendo um favor.

— Obrigado por sua graciosa amabilidade...

— Não, agora me escute, para variar. Sua voz ficou mais grave e esqueceu de sua pose. — Estava completamente só. Seus pais tinham morrido. O seu amante morrera na guerra... — Talley não era meu amante.

— Custa-me acreditar. Escute. Precisava de um homem mais do que precisava de dinheiro. Certo. Escolhi-me mesmo para desempenhar este papel. Não tive êxito, mas nunca saberá como me esforcei. Meti-me nisto com a intenção de que funcionasse, pelo menos em cinquenta por cento. Não consegui. Não tive nenhuma oportunidade de triunfar. Nunca confiou em mim. Nem sequer me amou.

— Amava-o. Virou-se de costas para ele. As mãos subiram até os seios e os seguraram como se doessem.

— Acreditava que me amava, isso eu aceito. Possivelmente me amava com a cabeça. Só que, do que serve o amor na cabeça? É uma palavra e nada mais. No que a mim respeita, continua sendo virgem. Sabia, Kate? Tentar ser seu marido foi um trabalho difícil. Nunca fez com que me sentisse homem. Nenhuma só vez.

O rosto da mulher aparecia tenso sobre os ossos severos. Seus dedos brincavam com as pérolas do colar no pescoço.

— Não sou mágica, disse. Kerrigan elevou os olhos para o teto elegante e vazio.

— Para que serviu?

Para nada. Acabou-se, se é que alguma vez houve alguma coisa. Encontrá-lo fazendo as malas não fez mais que confirmar o que já sabia. Nem sequer me surpreendeu. Dei-me conta do que ia acontecer há um mês.

— Acaba de dizer cinco anos.

— Sim, mas não perdi a esperança. Quando rompeu com a Anne Meyer, ou disse que tinha rompido, pensei que possivelmente nosso casamento teria uma chance. Fui uma boba ao me permitir uma esperança, não é verdade? Dei-me conta de quão boba era no mês passado... Naquele dia que o encontrei no jardim com uma garota agarrada no seu braço. E você fingiu que não me conhecia, Dom. Não quis me olhar. Continuou olhando para ela.

— Não sei o que está dizendo, disse ele sem convicção. — Nunca estive no jardim com uma garota.

— É óbvio que não. Virou-se para ele subitamente, com os punhos apertados. — Ela faz com que se sinta homem, essa criaturinha de cabelos de alcatrão? Faz com que cresça à força de adulações, tem delírios de grandeza e consegue que sua juventude se renove?

— Não a meta nisto.

— Por que não? É tão sagrada assim? Não vai fugir com ela? Não é esse o grande projeto para esta

noite?

— Está maluca.

— Estou? Mas irá, não é? Não é dos que vão sozinhos. Precisa ter uma mulher ao seu lado, uma mulher que tenha seu ego envolto em alguma coisa. Não sei que mulher, nem me importa. Que eu saiba, até pode ser que tenha voltado para Anne Meyer. Ou possivelmente teve-a à sua disposição todo este tempo.

— Decididamente, está ficando maluca.

— Ah, sim? Deu-lhe as chaves da cabana na sexta-feira passada. Ouvi que agradecia por isso. Não me surpreenderia que agora estivesse lá no lago, esperando que se reúna com ela.

— Não seja ridícula. Já lhe disse que Anne e eu tínhamos terminado. Não sei onde está. Ignoro tanto quanto você.

— Passou o fim de semana no Lago Perdido. Não é verdade?

— Certo. Disse-lhe que podia utilizar a cabana no fim de semana. Nós não íamos precisar e estava desocupada. Dei-lhe as chaves. Isso me converte em um criminoso?

— E agora vai para lá, disse ela em tom acusador.

— Não, não vou. De qualquer maneira, Anne não está lá. Na segunda-feira fui com o carro ao lago e ela tinha ido embora.

— Para onde?

— Não sei. Não pode colocar isto na cabeça? Não sei para onde foi. O tema parecia lhe turvar. — Qualquer um diria que tenho um harém.

— Não me surpreenderia nada que tivesse. Nem sequer sabe que existe, a menos que uma mulher lhe sussurre coisas no ouvido. Qualquer mulher.

— Qualquer mulher, não. Você, não. Sua voz era suave e cheia de malevolência.

— Não, disse ela. — Eu, não. Não sei quem é desta vez. Mas uma coisa posso dizer: não durará. Não durará nem sete meses.

— Isso é o que você acha.

Sei. Você gasta sexo do mesmo modo que gasta dinheiro. Para você são a mesma coisa, alguma coisa que lhe acalma o desgosto e ajuda-o a esquecer que é uma triste calamidade.

— Você sabe tudo, não é? A única coisa que sabe é o que está em seus malditos livros. Pois vou lhe dizer alguma coisa para que saiba, Kate. Isto não teria acontecido se tivesse me dado uma oportunidade quando pedi isso. — Dei-lhe montes de oportunidades.

Mas agora ficou na defensiva, pela primeira vez. As linhas de suas costas e de seus ombros se suavizaram e pareceu se inclinar para ele.

— Ouça, Dom, está em um apuro sério, não é? É realmente grave desta vez?

— Nunca vai saber.

— Não poderíamos ser sinceros um com o outro, só uma vez? Farei o que puder para ajudá-lo.

— Fará, não é?

— Sim. Embora para isso tivesse que renunciar a casa. Se for o que realmente precisar.

— Não preciso de nada do que você tem, disse ele. Ela retrocedeu como se acabassem de golpeá-la.

Ao cabo de uns instantes repetiu seu nome:

— Dom. Por que o Brand Church veio nesta noite?

— Investigação de rotina.

— Não me pareceu isso.

— Estava nos espiando? Avançou para ela.

— Claro que não. Ouvi suas vozes, não pude evitar. Fez uma cena terrível com ele.

— Esqueça.

— Veio por causa do assassinato, Dom?

— Disse-lhe que esqueça. Seus dedos se curvaram ao redor do cachimbo e quebraram a haste de âmbar. Sua voz subiu de tom: — Esqueça tudo o que tenha a ver comigo. Sou uma triste calamidade, como você diz. A culpa não é minha. Também esta cidade tem culpa. Ao menos, não era uma cidade para mim. E tive má sorte. Se o governo tivesse seguido adiante com o projeto de reabrir a base da marinha, o motel teria me proporcionado dinheiro aos montes. Estaria nadando na abundância. Ela respondeu com voz severa:

— Encontraria maneira de perdê-lo. Mas jogue a culpa no governo se assim se sentir melhor. Jogue a culpa em mim, na cidade e no governo. Kerrigan a ameaçou com o cachimbo quebrado.

— Todo homem tem um limite. Eu já estou farto. Vou embora. Pôs-se a andar para a porta e ela falou:

— Não me engana. Está há várias semanas planejando isto. Só que não tem a dignidade de reconhecer. Ele parou imediatamente.

— Desde quando se interessa por dignidade? É a última coisa em que encontraria atrativo.

— Nunca me puseram a prova.

— Pois me olhe, me olhe bem. Será a última vez.

Aproximou o rosto do dela, respirando pesadamente através das fossas nasais distendidas. Ela riu. A risada soou como se alguma coisa delicada e frágil tivesse se quebrado em seu interior.

— Assim é a dignidade? Assim como fala? É assim que um marido fala com a esposa?

— Que esposa? Disse ele. — Não vejo esposa nenhuma.

Kerrigan levou uma mão aos olhos, como se fosse uma viseira, e esquadrinhou os evanescentes horizontes da sala. Em seguida deu meia volta, cravando o salto no tapete branco, e abriu a porta com violência. Ouvi seus passos furiosos subindo a escada. Kate Kerrigan se aproximou da lareira e apoiou a cabeça e um braço na borda. O cabelo caía sobre o rosto, como gravetos não recolhidos. Olhei para outro lado.

A araucária se recortava claramente sobre o céu vermelho da cidade. A seus pés se estendia Las Cruces, emaranhada em suas luzes. O cordão mais grosso e luminoso da rede de luzes era a autoestrada banhada por faróis amarelos. Da distância que me separava deles, os caminhões e automóveis pareciam brinquedos infantis empurrados de um lado a outro. No outro extremo da sala se abriu uma porta. Levantei as pernas para ocultá-las. Kerrigan saiu com os ombros encurvados por causa das pesadas malas de couro que carregava uma em cada mão.

— Isto é definitivo? Perguntou ela por trás dele.

— Não tenha dúvida. A propósito, levarei o meu próprio carro. E nada mais à exceção de minha roupa.

— Não precisa dizer que deixa suas dívidas.

— Os negócios cobrirão. Se não der, má sorte. Kate Kerrigan apareceu na soleira iluminada, uma figura pálida que estendia uma mão: — Para onde vai, Dom? Sem se voltar para ela, ele disse:

— Nunca saberá.

— É estranho que seja capaz de partir assim. Até em você é estranho. — Adeus, Kate. Não me cause complicações. Se me causar, devolvarei duplamente. Prometo-lhe isso.

A mulher ficou observando-o enquanto descia os degraus e em seguida caminhava pelo atalho até chegar à rua, onde tinha o carro estacionado. Os dedos se aferraram a garganta e arrancaram o colar de pérolas, que caíram sobre os ladrilhos e ricochetearam com um ruído que me fez pensar em granizo.

Os faróis traseiros de cor vermelha foram diminuindo ao descer, lançaram brilhos ante um semáforo da avenida e desapareceram. Quando cheguei na avenida seu carro já estava a uma quadra de vantagem e se dirigia para o sul, a caminho dos bairros residenciais. Mantive a quadra de distância entre nós até chegar aos limites da cidade. Então me aproximei dele, sorteando o trânsito da estrada e passando por diante de lojas que ficavam abertas toda a noite e cujos letreiros eram como um pós-escrito de néon riscados na suja margem da cidade.

Estávamos a só uns três quilômetros de seu motel e pensei que se dirigia para lá. Em vez disso, saiu da corrente de trânsito que circulava para o sul e entrou no estacionamento asfaltado de um restaurante desses em que o povo come sem desembarcar do carro. No estacionamento havia dois carros ocupadas por casais e um cupê Buick de cor azul com os para-choques amassados. Ao passar, vi que Kerrigan parara ao lado do Buick.

Ao lado do restaurante, um posto de gasolina estava às escuras e deserto. Parei junto das bombas de gasolina. Dali podia ver a entrada do restaurante e uma das paredes de vidro do edifício. Um par de garçonetes, macilentas sob a luz azul, falavam atrás do vidro com um cozinheiro de gorro branco. Através do vidro da parede mais afastada podia ver fracamente o Ford vermelho de Kerrigan e o cupê Buick.

Kerrigan se encontrava de pé entre os dois carros, falando com alguém que estava no Buick. O ocupante deste, cujo rosto eu não podia ver, passou pela janela um pacote envolto em papel sujo ou papel de jornal. Kerrigan o colocou debaixo da jaqueta e voltou para o carro. Os faróis dianteiros do Buick se acenderam. O carro recuou e virou para a entrada. Vi fugazmente uma jaqueta de couro com pescoço de pele e um rosto pálido e duro emoldurado em cabelo vermelho e murcho. Bozey. Um jorro de adrenalina me percorreu o corpo. Segui-o para o sul, saindo da cidade.

À medida que o Buick fugia para a escura perspectiva do campo, minha excitação crescia ao mesmo tempo que a velocidade de meu carro. Passei por diante do motel do Kerrigan a cento e doze. O velocímetro subiu até cento e vinte e ficou ali. O Buick permaneceu à vista. Uns quantos quilômetros mais adiante diminuiu a velocidade e pareceu titubear, em seguida saiu da estrada pela direita. Os faróis dianteiros varreram um caminho lateral que tinha cercas de ambos os lados. Em seguida se apagaram. Passei pelo cruzamento, diminuindo a velocidade gradualmente, e vi sua forma sem luz que se arrastava às cegas pelo asfalto. Pisei no freio com força, apaguei meus faróis e fiz um retorno em U. Conduzi lentamente para o cruzamento e ao chegar comprovei que não se via nem ouvia o Buick. Prossegui na mesma direção que ele e durante mais de meio quilômetro avancei com as luzes apagadas.

Uma noite sem estrelas e sem lua. Um resplendor difuso no céu era suficiente para me orientar. A estrada continuava, reta como uma vara de medir, entre as altas cercas de arame que havia de ambos os lados. O campo inclinado à minha esquerda aparecia talhado e arado pela erosão como uma paisagem do rosto escuro da lua. No outro lado se viam os hangares da base aérea abandonada. Ao seu redor jaziam pistas de cimento como lápides de sepultura entre a erva silvestre. Havia um buraco na cerca. Parei na sarjeta um pouco mais à frente do mesmo e fiz girar o tambor de meu trinta e oito para me assegurar de que estivesse completamente carregado. Estava. Desembarquei do carro. Excetuando o ferrugento suspirar das cigarras, a noite estava silenciosa. Meus passos soavam claramente na erva.

Uma porta dupla de arame, de uns nove metros de largura, se encontrava aberta na cerca. Alguém tinha cortado o cadeado com uma lima. Apalpei as bordas afiadas com os dedos. Um caminho de cimento cruzava a porta e se fundia com uma das pistas. A porta do hangar mais próximo também se achava aberta. Vi o Buick estacionado junto a ela. Pus-me a andar para ele através de uns duzentos metros de cimento aberto. Não havia nenhum outro movimento sob o céu pesado. Sentia-me pequeno e dispensável. O revólver que tinha na mão me brindava com um frio consolo. O relincho agudo e sibilante de um motor diesel sendo ligado rasgou o silêncio. Faróis dianteiros se acenderam dentro do hangar, que parecia uma cova. Pus-me a correr com a esperança de chegar ali antes de que o motor esquentasse. O caminhão saiu do edifício, arrastando seu enorme reboque de alumínio. Os faróis dianteiros se voltaram para mim. Um rosto branco brilhava na escuridão da cabine.

Enquanto o caminhão avançava a grande velocidade para mim, apontei cuidadosamente para ângulo inferior esquerdo do para-brisa e disparei duas vezes. As balas desenharam teia de aranhas no vidro, mas não o fizeram saltar em pedaços. Sem virar nem afrouxar a marcha, o caminhão continuou avançando e rugindo diretamente para mim. Quando já quase o tinha em cima, me joguei para um lado e me afastei correndo dele. Seus múltiplos pneus grunhiam em meus ouvidos. Alguma coisa puxou a perna de minhas calças e me fez girar. Aferrei-me com força ao ar e caí sobre o cimento como um saco cheio de areia. Deslizei pela superfície morta até o escarpado bordo da inconsciência e caí do outro lado.

Foi uma queda longa e em linha reta através das trevas de minha cabeça. Vi-me convertido em um astronauta de meia idade perdido entre as galáxias e com o combustível esgotado. Com uma habilidade e uma destreza infinitas pulei na cauda de um cometa e, montado nele, voltei para o sistema solar. As costas e um ombro me ardiam por causa da queda. Mas foi agradável voltar para casa. Levantei-me pela metade e olhei ao meu redor. Não havia nada para ver, salvo o cimento nu, o hangar aberto, o cupê abandonado junto a ele. De alguma parte e de todas as partes as cigarras me repreendiam com seus chiados. Pus-me de pé, procurei o revólver e o encontrei. Tive que percorrer um comprido trecho para voltar até o meu carro.

Entrei de ré pela porta aberta e levei o carro até o hangar. Os faróis dianteiros esfaqueavam as trevas de seu interior, se refletindo em um atoleiro de óleo onde estivera o caminhão. No hangar não havia nada exceto uma garrafa de Coke vazia, o pó de anos e anos acumulado contra as paredes, alguns rastros de pintura de alumínio nos ladrilhos de cimento do chão. Toquei com um dedo uma das gotas metálicas. Não estava seca de todo.

Saí do hangar e me aproximei do Buick. Era um carro novo, mas muito maltratado. Placa da Califórnia. Sobre o chão de borracha havia várias bitucas esmagadas, de cor marrom. Cheirei-as. Maconha. Um mapa de estradas dos estados do sudoeste se achava enfiado atrás da almofada do assento dianteiro. Peguei-o e retornei à estrada em meu carro.

O caminho asfaltado cruzava a estrada e se afundava nos contrafortes das colinas lá ao longe. Fiquei parado no cruzamento, com o motor em marcha, contemplando o negro horizonte montanhoso. Era um gráfico irregular de grandes esperanças e desastres repetidos. No outro lado da estrada havia um rótulo em branco e negro: PASSO DAS CRUZES. Tentei me pôr no lugar de Bozey. Se tinha virado à direita, em direção ao sul, sem dúvida encontraria um controle de estrada nos limites do condado. Para o norte, a estrada o levaria de volta à cidade. O mais provável era que tivesse pego o passo, de modo que fiz o mesmo.

A seis ou oito quilômetros do cruzamento, onde a estrada serpenteava, alta e estreita, entre os contrafortes das montanhas, cheguei a uma curva muito fechada e vi uma luz vermelha que se acendia e apagava. Um carro negro se achava estacionado em diagonal sobre o asfalto. Pisei no freio bem a tempo. Era o Mercury do xerife. Church avançou para mim com uma lanterna vermelha na mão esquerda e uma carabina na dobra do cotovelo do outro braço.

— Preciso deixar em paz Kerrigan e seus simpáticos amigos.

— Deixe-o e ponto. Não posso me responsabilizar por você se continuar se dando muita importância.
Boa noite.

Retrocedi para que pudesse manobrar com o carro. A última coisa que vi dele foi uma silhueta solitária de pé na estrada, junto ao seu automóvel.

Voltei a descer pelo passo e entrei na cidade. O resplendor das luzes era agora mais pálido, como se os fogos que a consumiam estivessem se apagando. Vários caminhões atrasados passaram pelo meu lado na direção sul, os faróis dianteiros como dedos longos e brancos que tentavam agarrar a manhã. Nenhum deles eu tinha visto antes. Certamente Bozey já teria saído do condado, pelo este ou pelo sul. Kerrigan já se acharia a caminho do México.

Errei no caso de Kerrigan. Seu conversível vermelho se achava na pista de cascalho em frente de seu motel. Tinha o motor ligado e seu escapamento azul cinza lançava baforadas de fumaça no ar. Estacionei e voltei andando até o conversível. Estava vazio. Desliguei o motor, joguei as chaves no bolso e puxei o revólver. Todas as casinhas do motel, menos uma, se achavam às escuras, mas havia luz no edifício principal. Filtrava-se por uma janela lateral e banhava a superfície verde da pequena piscina ovalada. Dei a volta à piscina para me aproximar pela parte posterior do edifício. A água parecia profunda e fria.

A luz era no escritório. A porta de trás estava entreaberta e eu entrei. O aposento tinha sido mobiliado recentemente com um par de cadeiras cromadas, uma escrivaninha de metal com superfície negra, feita de algum material composto, luzes fluorescentes no teto. Kerrigan se achava prostrado entre a escrivaninha e uma pequena caixa forte que estava aberta. A parte posterior da cabeça de Kerrigan também estava aberta. Sob a luz crua e eficiente pude ver a cor de seus miolos. Ao redor de sua cabeça o chão de cortiça se encontrava empapado de sangue. Levantei-lhe a cabeça puxando pelo cabelo curto e vi por onde tinha entrado a bala: entre os olhos. Parecia um buraco de calibre médio, provavelmente de trinta e oito. Os olhos cinzentos e triangulares estavam fixos em eterna surpresa. Coloquei-o de novo de cara para o chão e rapidamente revistei os bolsos. Ao longe uma sirene tecia uma tênue gaza de som por cima dos telhados.

Kerrigan não tinha carteira nem nenhum tipo de dinheiro. Não havia rastros do pacote que Bozey tinha entregue, nem em seus bolsos nem na caixa forte. Tirei o conteúdo desta: faturas, cheques anulados, o livro-caixa do motel. Ultimamente tinha perdido dinheiro. Em alguma parte do pátio, do outro lado, o motor de um carro tossiu até emudecer. O motor de arranque relinchou de novo, insistentemente. Deixei o morto e saí para o exterior seguindo o fio entrecortado de som. Vinha de uma das garagens abertas que davam ao beco detrás das casinhas.

O motor começou a rugir. Pus-me a correr para a boca do beco, meus sapatos de couro escorregando nos ladrilhos ao redor da piscina. Um carro esportivo pequeno, com a capota abaixada, saiu de ré da garagem aberta que havia na parte posterior da casinha iluminada, parou com um chiado de borracha sobre o cimento e partiu disparado para a estrada. O rosto de Jo Summer, sombrio e atento ao que fazia, era visível atrás do para-brisa. Levantei meu revólver.

— Pare ou atiro.

Então algo pesado e duro, alguma coisa que grunhia, me golpeou as pernas por trás. Caí para um lado do beco. O carro pequeno passou junto a mim, se esquivando, jogando terra no meu rosto. Um par de joelhos se chocaram contra a parte mais estreita de minhas costas. Um braço me rodeou o pescoço tentando me estrangular enquanto outro braço tentava me arrebatrar o revólver.

Agarrei-me à arma e a utilizei para golpear o cotovelo dobrado ao redor de minha garganta. O homem que estava sobre minhas costas soltou um grunhido de dor e afrouxou a pressão. Usando seu braço como

alavanca, consegui colocar um ombro debaixo de seu corpo. O homem devia pesar uns noventa quilos. Meus músculos rangeram quando me pus de joelhos. Joguei-o para frente por cima de minha cabeça e o segurei de costas no chão, com um braço debaixo de seu pescoço e o outro entre as pernas que se retorciam.

As pernas do homem estavam revestidas de couro negro e eu não gostei da cor de suas calças. Pareciam de cor oliva apagado sob a luz mortiça. Pareciam parte do uniforme de um agente do xerife. Uma voz sufocada, falando diretamente com meu ouvido, disse alguma coisa sobre me deter. Soltei-o, mas ao mesmo tempo apanhei o meu revólver e lhe aponte enquanto ficava de pé. Era o agente Braga, o primo de Tony Aquista. Seus dentes pareciam uma ferida luminosa em sua tez índia e a respiração assobiava entre eles como um escapamento de vapor.

— Dê-me o revólver.

— Parece que está mais seguro em meu poder, Braga. Os olhos vivos de obsidiana se deslocaram da arma para meu rosto e novamente para a arma.

— Entregue-me isso. Vi-o apontar com ele para a garota.

— Tentava detê-la. É da gangue que roubou o caminhão. Felicito-lhe por tê-la deixado escapar.

— Escute, sabichão de Los Angeles... Deu um passo para mim, movi o revólver e parou.

— Você me escute. É a garota de Kerrigan, e Kerrigan está deitado em seu escritório com os miolos pulverizados pelo chão.

— Foi o disparo que se ouviu? Você foi quem nos avisou?

— Não.

Seu rosto moreno se mostrava inexpressivo por causa do esforço de pensar.

— Maldito seja! Aqui há muitas coincidências. Você tem o costume de encontrar vítimas de assassinato?

— Estava seguindo Kerrigan. Se quer saber por quê, pergunte ao xerife. Expliquei para ela há uns minutos.

— Não me engana! O xerife está lá em cima, no passo, encarregado de um controle de estrada.

— Lá é onde falei com ele. E falando de coincidências, Church costuma fazer trabalhos que são mais próprios de seus agentes?

— Eu farei as perguntas. Deu outro passo para meu revólver, se apoiando na ameaça deste como um homem que caminha de rosto para o vento. — Digo pela última vez. Coloque o revólver no chão.

— Sinto muito, Braga. Preciso dele. Vou seguir a garota. — Você ficará aqui.

Agachou-se ao mesmo tempo que sua mão se movia para o quadril. Podia escolher entre lhe dar um tiro ou deixar que ele me desse um. Ou lhe bater com toda a energia, com a esperança de encontrar o ponto fatal de seu queixo. Encontrei-o. Caiu no chão de flanco, e ficou muito quieto, em posição fetal.

Ouvi um estalo nas minhas costas. A porta da casinha iluminada se abriu. Um jovem com o cabelo revoltado e vestido com um pijama de cor vermelha se pôs a andar para mim com passos que pareciam de sonâmbulo. Desvencilhei-me do corpo de Braga e saí a seu encontro.

— Quem é você?

— Allister Gunnison. Filho. Seu tom de voz fazia pensar no de um mordomo anunciando sua própria chegada a um enterro. — Você é o policial que chamei? Estou certo de ter ouvido um tiro.

— A que horas?

— Acredito que eram uma e quinze mais ou menos. Casualmente olhei o meu relógio de viagem quando o ruído me despertou. Então ouvi passos que corriam.

— Nesta direção, para o beco?

— Não, acredito que foram para a estrada, para o outro lado do pátio.

— De homem ou de mulher?

— Não saberia dizer. Não se via ninguém quando saí. Depois de lhe chamar da cabine telefônica,

voltei para meu quarto e tomei um sedativo. Temo que tenha adormecido como um tronco ou alguma coisa assim... Acabo de despertar há um momento. É que sou muito nervoso, muito nervoso, e meus nervos não suportam a excitação.

— Não é o único. O carro esportivo é seu?

— O MG? Sim, é.

— Não deveria deixar as chaves dentro. Roubaram-no.

— Valha-me Deus! Exclamou. — É terrível. Mamãe terá um belo desgosto. E preciso encontrá-la em Pasadena amanhã. Simplesmente precisa recuperá-lo para mim, agente.

Seus olhos míopes me enfocaram pela primeira vez, viram meu rosto, minha roupa em farrapos.

— Você não é... Você é policial? Levou uma mão à boca.

— Agente especial de Washington, disse. — Estamos vigiando-o há tempos por usar pijamas de cor vermelha. Ande com cuidado, Gunnison. Deixei-o mordiscando os nós dos dedos e fazendo conjeturas descabeladas.

Braga começava a se mover quando passei por seu lado Corri o resto da distância que me separava do carro. Ou ao menos fiz como se corresse.

Antes de chegar aos limites da cidade, me dei conta da inutilidade da perseguição. Jo tinha muita vantagem e não voltaria para nenhum dos lugares onde tinha estado. Em lugar de seguir adiante, fui ver a senhora Kerrigan.

Ouvia-se música na casa que ficava atrás da araucária: um diálogo nervoso entre piano e cordas. Tenham pena de mim, pedia o piano. Temos, diziam as cordas. Alguém desligou a música quando bati na porta. A senhora Kerrigan a abriu, mas sem tirar a corrente.

— Quem é?

— Archer. Sua voz e seu olhar eram vagos.

— Ah, sim, já lembrei... No motel.

— Precisamente venho dali. Seu marido sofreu um acidente.

— De automóvel?

— De arma de fogo.

— Dom? Está grave?

— Muito grave. Posso entrar?

Manuseando a corrente finalmente conseguiu desenganchá-la e se afastou para que eu pudesse entrar. Usava um penhoar de sarja azul e corte severo, com cós brancos. Debaixo dele suas pernas esbeltas apareciam envolvidas em náilon e sapatos.

— Não conseguia dormir, disse. — Acredito que tive uma premonição de alguma coisa ruim. Estive aqui sentada escutando Bartók. É como escutar o som de meus próprios pensamentos... Pensamentos das duas da madrugada.

Fechou a porta com um clique decisivo e fez um esforço para recuperar a serenidade de ânimo. Tinha os olhos levemente inchados, por causa das lágrimas ou da insônia.

— Também está ferido, senhor Archer.

— Eu não importo neste momento. Sobreviverei.

— Dom está muito mal?

— Tão mal como se pode estar.

— Deveria ir para o seu lado, não é? Dirigiu-se para o pé da escada, em seguida se voltou com a mão no corrimão. — Quer dizer que morreu?

— Assassinarão-no, senhora Kerrigan, disse. — E se fosse você, não iria para lá agora. Eles virão aqui.

— Quem?

— A polícia, os homens do xerife. Vão querer lhe fazer algumas perguntas.

Com movimentos indecisos cruzou a porta da sala de estar e se apoiou no braço do sofá, que era de seda branca, cambaleando um pouquinho como uma frágil árvore açoitada por rajadas de vento. Acariciou-se a testa com as pontas dos dedos. Pude ver as bonitas veias azuis de sua mão.

— Dê-me um momento, sim? Ainda tenho aquela música na cabeça. Não deveria tê-lo colocado, me sentindo tão vulnerável. Tenho a sensação de ter enviuvado duas vezes na mesma noite. Elevou a cabeça. — Como o mataram? Disse que a tiros?

Em seu escritório do motel, há uma hora se muito.

E suspeita de mim, é isso o que devo entender?

— Eu, não.

— Por que não?

— Digamos que porque eu gosto de seu rosto.

— Pois a mim, não, disse com a seriedade de uma menina. — Eu não gosto do meu rosto. Por força terá uma razão melhor que essa.

— Certo. Matou-o?

— Não. Com a voz mais severa e forte acrescentou: — Mas não se confunda: o que sinto não é nenhum tipo de dor. É confusão... Simplesmente confusão. Não sei o que devo sentir. Na realidade, não tenho muito sentimento. E não posso dizer que lamento. Dom não era um bom homem. E eu não sou uma boa mulher.

— Eu não falaria deste modo com a polícia. À mente policial gosta das pautas singelas, óbvias, e é provável que lhe pendurem a etiqueta de principal suspeita. De qualquer maneira, vai precisar de um álibi. Tem um?

— Para quando?

— Mais ou menos na última hora.

— Estive em casa. Isso é tudo.

— Só ou com alguém?

— Com ninguém. Estive escutando discos durante uma hora ou mais. Antes passei outra hora recolhendo minhas pérolas. Caíram na entrada. Quando as recolhi, joguei-as fora. Não lhe parece próprio de uma maluca jogá-las fora? Seus dedos voltaram para suas têmporas, que eram cavadas e tersas e delicadas como uma concha. — Dom estava acostumado a me dizer que estava ficando maluca. Você acha que tinha razão?

— Acredito que seja uma mulher boa que sofreu muito. Sinto que tenha que sofrer mais ainda. Toquei-lhe o ombro de sarja azul. Não cedeu sob minha pressão. Continuou sentada com o corpo rígido, piscando para conter as lágrimas.

— Não se compadeça. Não estou acostumada à compaixão. Quase preferiria que me acusassem de tê-lo matado. Provavelmente, então me sentiria menos vazia.

— E se foi? Negaria?

— Não acredito, disse lentamente. — A sinceridade é uma das poucas virtudes que ficam. Provavelmente a única.

— Por que se humilha tanto?

— Encarregou-se outra pessoa de me humilhar, um perito. Dom era um verdadeiro sádico quando queria. E queria frequentemente. Fechou os olhos com força durante um segundo. — Também eu era cruel. Ele não tinha toda a culpa. A verdade é que quando saiu daqui nesta noite... Dom me deixou nesta noite, senhor Archer, e pensei em matá-lo então. A cena me cruzou pela mente. Vi a mim mesma muito claramente, seguindo-o até a rua e lhe dando um tiro nas costas. Talvez o fizesse, tendo uma pistola. Mas teria sido completamente inútil, não é? Seus olhos se elevaram como luzes azuis e sombrias. — Quem o matou? Você sabe?

— É difícil dizer. Essa garota, a Summer, estava lá...

— Essa moreninha de olhar sujo que andava com o Dom? Assenti com a cabeça.

Fugiu em um carro roubado. Embora isso não prova que o tenha matado.

Seria uma ironia... Que ela o tivesse matado. Toda a situação parece irônica. Dom ia começar uma nova vida, como ele dizia. Vita nuova. Franziu os lábios ao pronunciar as palavras.

— Não é tão irônica como parece. Seu marido estava metido em negócios sujos. Isso o fazia candidato a uma morte violenta. A revelação a fez reagir, como eu esperava que acontecesse. Levantou-se bruscamente. — Dom misturado em assuntos turvos? Sem dúvida está errado.

— Não. Summer também estava metida nisto, se servir de consolo. Sabe, o do roubo do caminhão?

— Sim. O xerife esteve aqui nesta noite.

— O que queria?

— Não saberia dizer. Eu não estava na sala quando conversaram. Mas, pelo som de suas vozes, achei que estavam discutindo.

— Não ouviu sobre o que discutiam?

— Não. Quando Brandon... Quando o xerife Church ia embora, lhe perguntei o que acontecia. Então me contou do roubo do caminhão. — Deu-lhe a impressão de que suspeitava de seu marido?

— Não. Estava muito zangado, mas não disse nenhuma palavra sobre Dom, nem em um sentido nem em outro.

— A que horas chegou?

— Por volta das dez.

— Você e o xerife têm familiaridade?

— Sim, suponho que sim. Brandon é amigo de minha família há anos. Meu pai e o dele eram amigos íntimos.

— Imaginei que Church abrisse caminho na vida trabalhando, que tinha subido do fundo.

— Seu pai era barbeiro, se for a isso a que se refere. O que não impediu que meu pai fosse seu amigo. Ao falar do pai, houve uma mudança em seu rosto, que se endureceu ao mesmo tempo que se refinava. — Papai era um homem democrático e generoso. Contribuiu para que Brandon fosse para a universidade.

— Acha possível que este detalhe ajudasse o seu marido a ganhar a sua discussão com Church? Demorou uns instantes em captar o significado de minha pergunta.

— É óbvio que não. Brandon não se deixaria influir por considerações pessoais.

— Está certa disso?

— Completamente. Conheço Brandon.

— E aprecia-o?

— Eu não diria que aprecio. Duvido que alguém o aprecie. Mas sim, admiro-o pelo que tem feito. Respeito sua integridade.

— O que tem feito?

— Subiu desde quase o fundo, como você diz. Conseguiu se converter no melhor xerife que tivemos neste condado. E conheci os outros, adicionou. — Papai era juiz do supremo tribunal.

— Seu marido disse alguma coisa a respeito de sua briga com Church? — Não foi uma briga. Simplesmente discutiram. Não, Dom não me disse nada. É compreensível, estava implicado no roubo como você afirma.

Estava.

Não compreendo como pode estar tão certo.

— Falei com Summer nesta noite. Ela não sabia quem eu era, ao menos não soube durante um momento, e disse mais do que pensava dizer. Ela e seu marido, além de um homem chamado Bozey, estavam envolvidos no roubo do caminhão. Pode ser que tenha visto o tal Bozey com seu marido... Um criminoso jovem e ruivo, com olhos de cão raivoso. Usa uma jaqueta de couro, dessas de aviador.

— Não, nunca o vi.

Mas pareceu que ao lhe descrever Bozey a situação se tornou real para ela, possivelmente pela primeira vez.

— Não pode ser verdade! Dom esteve no motel comigo ontem.

— Todo o dia?

— A maior parte da tarde. Depois de almoçar saiu com a intenção de trabalhar nos livros. Em seguida ficou bebendo no escritório, bebia muito ultimamente.

— Está certa de que não saiu do escritório?

— Tão certa como se pode estar. Não fiquei ali sentada o observando, naturalmente. Mas estou

absolutamente certa de que não teve nada a ver com aquele assassinato.

— Teve muito a ver com ele, senhora Kerrigan. Estivesse ou não presente, foi um dos responsáveis.

— Quer dizer que Dom planejou um assassinato a sangue frio, por dinheiro? — Estou quase convencido de que planejou o roubo do caminhão. O assassinato fazia parte dele. Não vejo nenhuma forma de separar os dois crimes. Com uma espécie de temor reverencial disse:

— Não tinha ideia. Sabia que estava em apuros, mas não que fossem tão sérios. Deveria ter me isso dito, sussurrou para si. — Teria podido dispor da casa. Ou do que fosse. Interrompi as recriminações que estava fazendo a si mesma:

— Parece-me que neste caso há alguma coisa a mais que um assassinato por dinheiro. A morte de seu marido parece muito significativa.

— Acreditava que a garota... Jo Summer...

— É a suspeita lógica, certamente. Mas não sei. Pensavam fugir juntos. Ela estava apaixonada por ele.

— Apaixonada por ele?

— À sua maneira. Apaixonada por ele e da vida fácil que ele prometia.

Pensavam ir para a Guatemala e viver felizes ali para sempre e sempre.

— Como você pode saber? Seu rosto era uma máscara de dor.

— Ela mesma me disse. E não mentiu. Talvez estivesse sonhando, mas não mentindo. Foi a única coisa interessante que me disse. Parece um pouco complicado, mas o essencial é que Anne Meyer teve alguma coisa a ver com o roubo do caminhão. Tony Aquista lhe contou uma história sobre Anne Meyer que os fez mudar o plano original.

— Que tipo de história?

— Esperava que você pudesse me dizer isso senhora Kerrigan. A garota não chegou a me contar. Começou a suspeitar e escapou.

Abriu muito os olhos. Suas profundidades azuis e escuras não tinham fundo. Falando devagar e com cuidado, disse:

— Por que imagina que eu saberia de alguma coisa relativa a Anne Meyer? — Disse-me muitas coisas sobre ela no motel, antes que nos interrompessem. Queria que a localizasse e a seguisse, Lembra-se?

— Preferiria esquecer. Estava quase maluca de ciúmes. Agora já passou. Já aconteceu tudo. Não fica nada para que possa me pôr ciumenta.

— Quer dizer que lhe aconteceu alguma coisa?

— Quero dizer que meu marido morreu. Não se pode ficar ciumenta de um morto, não é? De qualquer maneira, estava errada. Ela não era a outra.

— Disse que tinha sido em certo momento.

— Sim, mas acabou. Enganei-me por culpa de alguma coisa que aconteceu na sexta-feira passada. Dom lhe ofereceu a cabana que temos nas montanhas para que passasse lá o fim de semana. Anne devia buscar as chaves e casualmente ouvi a transação. Sua voz adquiriu um fio cortante: — Dom não tinha nenhum direito de fazer isso. A cabana me pertence. Suponho que foi o que me desgostou.

— Onde fica a cabana?

— À beira do Lago Perdido. Foi construída há mais de vinte anos, quando edificaram a represa.

— Acha possível que a mulher ainda esteja lá?

— Não acredito. Dom disse que não. Ao não aparecer para trabalhar na segunda-feira, Dom pegou o carro e subiu até ao lago para ver o que a prendia lá. Mas ela não estava quando Dom chegou. Ao menos, ele disse isso.

— Deveríamos verificar. Há telefone na cabana?

— Não, não há nenhum telefone particular lá. É um lugar muito isolado.

— Eu gostaria que me desse permissão para ir lá e procurá-la.

— É óbvio. Se acreditar que servirá de alguma coisa. — Como se chega lá?

Deu-me instruções detalhadas. O lago ficava na ladeira ocidental da serra, a umas duas horas na estrada de montanha de Las Cruces.

— Vou lhe dar as chaves.

— Duplicatas?

— Não, há um único jogo.

— Então ela as devolveu?

— Não, Dom as devolveu na segunda-feira à noite. Ao que parece, ela as tinha deixado lá.

— Dom ficou ausente todo o dia?

— Sim. Não voltou para casa até muito depois da meia-noite.

— Mas sem ter visto a garota?

— Assim contou.

— Acredita que disse isso, e não é verdade?

— Não tenho a menor ideia. Perdi a pista de Dom há muitos anos. Não, não perguntei o que tinha feito durante todo o dia.

— O que você acha que faria?

— Não pensei em nada.

Saiu da sala e pouco depois voltou com duas chaves Yale e três menores, de cadeado, em um chaveiro.

— Aqui tem. Boa sorte. Disse:

— Possivelmente minha sorte será melhor se não falar disto com alguém.

Especialmente com alguém que tenha um cargo oficial.

— Refere-se a Brandon Church?

— Sim.

— Também teve problemas com ele?

— Isso é dizer pouco. Church odeia a morte. Pareceu-me um tipo razoável na primeira vez que o vi, e nos entendemos bem. Em seguida acabou. É seu amigo. Que mosca o picou?

— Não pretendo compreendê-lo. Sei que é um homem bom. Papai o tinha em grande estima.

Consegui desenhar um sorriso triste. — É possível que você em parte tenha a culpa do ocorrido entre os dois?

— Estou acostumado a tê-la, suponho.

— Possivelmente o incomoda que um desconhecido se intrometa. Brandon leva seu trabalho muito a sério. Não se preocupe, não lhe direi palavra sobre você. Ofereceu-me a mão. — Eu confio em você. Não sei exatamente por que... — Porque pode confiar em mim. Tenho boas intenções. Mas eu não sairia por aí confiando indiscriminadamente nas pessoas.

— Volta se referir a Brandon, não é?

— Temo que sim. Um homem bom que se corrompe... Não completei a frase.

Um motor de grande potência relinchava costa acima. Deteve-se em frente da casa. Kate Kerrigan se aproximou da janela.

— Falando de Roma... Olhei por cima de seu ombro. Church acabava de desembarcar de seu Mercury negro e subia os degraus de cimento. Braga o seguia com esforço, como uma gorducha esposa índia. Saí pela porta dos fundos no momento em que eles entravam pela principal.

Dirigi para o este através das montanhas. Quando me encontrava a vários quilômetros dos limites da cidade, alguma coisa se quebrou como uma cápsula detrás de meus olhos e pulverizou trevas por meu cérebro e intumescimento por todo meu corpo. Parei o carro no acostamento da estrada. Em alguma parte

das colinas, para o sudeste, o olho de ciclope do farol aéreo seguia esquadrihando o céu sem estrelas. Desejei ser feito de aço e acionado por eletricidade.

Continuei dirigindo devagar através das colinas até que cheguei a um acampamento de turistas. Aluguei uma casinha de um garoto de olhos enganosos e passei uma má noite lutando contra pesadelos em uma cama horrorosa.

O Lago Perdido era uma estreita extensão de água que se mantinha em seu lugar a mil e oitocentos metros, graças a uma represa de cimento metida na ranhura que havia entre duas montanhas. Era o meio da manhã quando à força, o motor reaquecido de meu carro alcançou o topo da última encosta e pude ver o lago além das árvores. Um vento frio vindo dos picos da serra turvava a placidez de sua superfície e sussurrava entre as árvores de folha perene.

O caminho asfaltado seguia os contornos da borda. Passei por diante de uma hospedaria para turistas, um restaurante e várias casinhas. Tudo estava fechado para o inverno. Ao chegar na metade da longitude do lago, que seria de oito ou dez quilômetros, vi um posto de gasolina que parecia aberto. Parei em frente das bombas, que se escondiam sob um pórtico de troncos sem desbastar, e fiz soar a buzina com insistência. Ao ver que não acontecia nada, saltei e dei a volta ao carro. Em uma das colunas do pórtico tinham pendurado uma nota escrita à mão:

“Precisei descer. Apanhe água ou ar segundo suas necessidades. Para a gasolina terá que esperar. Voltarei antes das 10 (da manhã).”

Enchi o radiador, que já há alguns momentos jogava nuvens de vapor, e segui meu caminho. A pouco mais do meio quilômetro do posto encontrei uma placa de madeira maltratada pela intempérie presa em um pinheiro na parte superior da estrada:

GREEN THOUGHT: CRAIG, LAS CRUZES.

Uma placa de metal, esta mais nova, se achava pregada embaixo:

J. DONALD KERRIGAN.

Enfiei o carro no atalho pedregoso.

A cabana se elevava em uma ladeira, cujas árvores a ocultavam da estrada. Era uma edificação grande, de um só andar, com uma galeria muito funda. Os troncos estavam cinzas por causa da idade. A sombra das árvores muito velhas caía sobre ela como uma antecipação do inverno.

Meus pés fizeram vibrar os tábuas do chão da entrada. As pesadas portinhas de madeira que emolduravam as janelas estavam abertas. Olhei o interior através da janela de vidros múltiplos que havia junto à porta e vi uma sala escura e profunda, de paredes revestidas de carvalho e vigas inclinadas no teto. Em frente da lareira de pedra, no outro extremo da sala, uma pele de urso se achava jogada no chão como alguma coisa que tivesse sido esmagada por um rolo compressor.

Abri a porta e entrei. O ar de dentro era gélido e saturado pelos rarefeitos vestígios de uma festa. Havia rastros de uma festa na sala principal. Um cinzeiro de latão sobre a mesinha de café se achava meio cheio de bitucas, a maioria delas com manchas de batom. Havia dois copos sobre a mesa, um deles com uma reveladora meia lua de carmim. Farejei-os sem tocá-los e adivinhei que tinham contido uísque, e do bom.

Aproximei-me da lareira e cutuquei as cinzas de madeira que havia. Estavam frias. Ao me levantar, notei alguma coisa que havia na pele de urso que fazia as vezes de tapete. Era um grampo de cabelo, de

esmalte, cor marrom. Revistei o tapete com os dedos e encontrei outro grampo. Os olhos de vidro do urso pareciam enfasiados. Seus dentes mostravam um sorriso lascivo e fixo.

Revistei os dormitórios. Havia uma espécie de camarote espaçoso com meia dúzia de beliches de dois andares instalados ao longo das paredes. A capa de pó que cobria o chão não tinha sido incomodada há semanas ou meses. Um dos dois dormitórios menores também mostrava sinais de não ter sido utilizado por muito tempo. O outro tinha sido ocupado mais recentemente. O piso estava varrido. Alguém tinha dormido na cama de madeira sem fazê-la depois. Arrumei um pouco os lençóis enrugados e entre elas encontrei um tubo de borracha.

Não havia roupas nem bagagem alguma no dormitório, mas achei vários artigos sobre a cômoda rústica. Uma lima de unhas dessas que as mulheres usam, um pote de creme facial aberto e meio seco, óculos de sol com hastes de tartaruga, várias grampos como as que acabara de descobrir na pele do urso. No banheiro contíguo encontrei um tubo de dentifício e uma escova de dentes, batom, uma garrafa de óleo de estrogênio. Correspondiam as coisas que faltavam no apartamento que Anne Meyer ocupava em Las Cruces.

A cozinha era um aposento alegre graças aos estampados de algodão e a nodosa madeira de pinheiro. Sobre o fogão de butano havia uma panela com restos de espaguete no fundo e muitas moscas. A mesa continuava posta para dois, embora os pratos estivessem sujos. Uma garrafa de vinho vazia se achava em seu centro.

Deixei a cozinha para as lânguidas moscas de outono e saí pela porta traseira. Havia um monte de lenha sob um tecido oleoso junto à parede de trás. Olhei debaixo do tecido e encontrei insetos negros. O forno de tijolo que havia no pátio estava vazio. Em um abrigo de troncos se viam amontoados os restos dos verões passados: cadeiras de praia, uma pequena caixa, equipamento de pescar. Procurei alguma coisa no abrigo. Nada. Entrei de novo na cabana pela porta da cozinha. Pareceu-me que o ar estava ficando mais espesso e escuro nos aposentos vazios. Na sala de estar vivi um momento de pânico. Pareceu-me que uma das árvores gigantescas ia desabar se sobre a casa. O temor irracional se esfumou rapidamente, mas me deixou uma sensação de desastre.

O urso de olhos de vidro diante da lareira apagada, as bitucas de cigarro com suas manchas de vermelho sangue no cinzeiro de brilho mortiço... Tudo isso parecia imensamente lúgubre. Saí. Fechei a porta com chave. Não o fiz para impedir que entrasse algum intruso, mas para que o desastre não pudesse sair. Filtrou-se pelas paredes e me seguiu caminho abaixo importunando os pesadelos que ocupavam o assento posterior de minha mente, ali onde o sexo e a morte se abraçavam.

Alguém tinha tirado a nota escrita a mão no posto de gasolina. A porta do pequeno edifício de pedra se achava aberta e por ela saiu uma mulher de cabelo cinza. Usava jeans e um alquebrado chapéu de feltro, um chapéu de homem, com uma mosca para pescar trutas metida na fita como distintivo.

— Olá. Quer gasolina?

— Ponha uns quarenta litros.

Dei-lhe as chaves e me pus ao seu lado enquanto manipulava a mangueira. Tinha o rosto quadrado e curtido pela intempérie e seus olhos pareciam tentar ver o que havia do outro lado de uma parede.

— Você é de L. A.?

— Sou.

— É o primeiro cliente que tenho hoje.

— A temporada já está muito avançada, não é?

— A temporada já terminou, se a isso se refere. Vou fechar esta semana e descerei da montanha antes que a neve chegue. O velho Mac do albergue é o único ser humano que fica aqui em cima durante todo o inverno. Eu lhe dou de presente. Pendurou a mangueira gotejando e leu o indicador. — São trinta e um quarto.

Dei-lhe uma nota de dez dólares: tinha trocado um cheque de viagem no lugar onde tinha passado a

noite: A mulher tirou o troco do bolso dos jeans.

— No verão temos muitos turistas aqui de L. A. O que o trouxe tão tarde?

— Só queria bisbilhotar um pouco. Suponho que vem muita gente das cidades do vale, não é?

— Certamente, sobem fugindo do calor. Vêm de todas partes... Fresno, Bakersfield, Las Cruces. Eu mesma vivo em Fresno durante o inverno. Meu filho está na universidade... No terceiro ano.

— Fico contente.

— Ralph é um menino excelente, disse a mulher, como se quisesse refutar algum argumento em sentido contrário. — Ele me aprecia, embora algumas pessoas não apreciem. Ralph sabe reconhecer uma boa mãe quando a vê. E tampouco tem medo de trabalho. Ajudou-me no posto durante todo o verão e durante todo o outono veio nos fins de semana. Ralph é um menino realmente muito bom.

— Agrada-me saber que há meninos assim. Estava me congozando com ela, mas também houve a casualidade de que o disse seriamente. — Em meu trabalho tropeço com muitos dos outros.

— Que tipo de trabalho faz?

— Sou detetive.

— Oh. Deve ser um trabalho interessante. O pai de Ralph... O senhor Devore era policial uniformizado, antes de que desse para... Outras coisas. Olhou-me com olhos duros e brilhantes por cima da bomba. — Procura alguém, amigo?

— Adivinhou.

— Aqui em cima não fica ninguém, excetuando a mim, o velho Mac, e os guardas florestais. O albergue já fechou para o inverno. Segui seu olhar através das árvores e vi os telhados pardos e bicudos do albergue no extremo superior do lago. A mulher voltou a me olhar com uma espécie de temor infantil nos olhos. — Não se tratará de Ralph, não é? Não terá feito nada ruim, não é?

— Trata-se de uma moça que se chama Anne Meyer. Tenho uma foto dela aqui. Ela entreabriu os olhos para examinar a foto instantânea da garota que ria na praia.

— Sim, disse. — Já me parecia isso. Sabia que não trazia nada de bom entre as mãos.

— Viu-a?

— Montes de vezes. Estava acostumado a subir por aqui com aquele mentiroso que se casou com a Katie Craig.

— Kerrigan.

— Esse! Um mentiroso e um mulherengo como nunca não vi. Sua boca ficou rígida e séria. — Por fim Katie decidiu se divorciar dele?

— Você é boa adivinha. Não era suficientemente boa, mas boa.

— Já era a hora, digo eu. Conheço Katie Craig desde que era uma criança. Era uma menina alegre e doce, só que, não sei por quê, nunca aprendeu a cuidar de si mesma. Não é minha intenção criticar o juiz. Era um homem maravilhoso e a culpa não foi dele. Suponho que não foi culpa de ninguém. Katie estava noiva de Talley Raymond de São Francisco, mas em seguida ele foi morto na guerra e ela ficou perdida. Casou-se com um homem que não lhe convinha, digo eu. Eu também sei o que significa se casar com um homem que não lhe convém. Seu grosso pescoço avermelhou. — Quando penso na idiotice de uma garota como ela casando com um homem como Kerrigan, me parte o coração. E em seguida ele apareceu por aqui e converteu a residência de verão do juiz em um, um... Um ninho de prostitutas, isso é o que é. O vermelho foi subindo lentamente para seu rosto por debaixo do bronzeado. — Estou falando muito. Baixou a vista para a foto e olhou-a com atenção, como se quisesse concentrar nela suas emoções.

— Quando viu esta mulher pela última vez?

— Na segunda-feira, me parece que foi na segunda-feira. Passou o fim de semana aqui em cima, a primeira vez desde há muito tempo. Acredito que foi a única vez neste verão. Surpreendeu-me vê-la aqui.

— Por quê?

— O senhor Kerrigan tinha uma nova amiguinha, por isso. Lançou um olhar de intolerância mais ou

menos para o albergue. — No verão passado foi diferente. Esta mulher subia com ele virtualmente todos os fins de semana. Já viu semelhante descaramento! Frequentemente me perguntava se Katie sabia.

Estive tentada a lhe escrever uma carta anônima, mas no final deixei correr.

— O que me interessa é este último fim de semana, disse.

— Pois, chegou na sábado na primeira hora da tarde, e me pediu água. Seu radiador estava fervendo. O meu também ficou fervendo, quando a vi. Estive a ponto de lhe dizer que encontraria água em abundância no lago e que podia se atirar de cabeça nele. Mas Ralph não teria gostado. Ralph estava aqui e sempre me diz que preciso manter boas relações públicas. Ralph tem este modo de pensar.

— Que tipo de carro dirigia?

— Um Chrysler conversível, de cor negra. Deus saberá de onde tirou o dinheiro para pagá-lo. O diabo sabe, isso é certo.

— Estava sozinha?



Para variar, sim. Mas muito arrumada e emperiquitada e eu me disse ao vê-la: “Vem se encontrar com um homem e não precisa se fazer de inocente comigo”. E era verdade.

— Kerrigan apareceu mais tarde?

— Ela não subiu aqui com a intenção de passar o fim de semana fazendo tricô. Vi-os juntos na segunda-feira. Ou melhor, ele esteve com ela na cabana todo o fim de semana. Eu tinha coisas melhores para fazer que espionar a ele e a essa piranha. Mas na segunda-feira à tarde, quando voltava de pescar, cruzei com eles na estrada. Estavam a caminho de albergue.

— Os dois? Kerrigan e Anne Meyer?

— Se assim se chamar. Ao menos, ele estava com uma mulher. Não lhe vi o rosto... Tinha posto um chapéu... Mas certamente era ela.

— Juraria? Pareceu pensar durante um momento.

— Claro que juraria, se Katie precisar para se divorciar.

— Está certa de que a mulher não era a própria senhora Kerrigan?

— Não. Reconheceria Katie mesmo que cobrisse a cabeça com um saco de batatas. Não era ela. Era esta. Agitou a foto no ar.

— Era ela quem dirigia?

— Não, era ele. Ela estava reclinada no assento com o rosto um pouco voltado para o fundo. Por isso não pude vê-la bem. Embora a verdade é que não perdi nada que valesse a pena ver. Disse:

— Senhora Devora... Seu nome se pronuncia assim, não?

— Isso mesmo.

— Esta mulher que viu no carro com o Kerrigan. Está certa de que estava viva? A surpresa lhe escureceu o rosto. Parecia um buldogue desconcertado.

— Que pergunta, amigo.

— Consegue respondê-la?

— Não com certeza, não. Não a vi se mover nem a ouvi falar, mas, certamente, não parecia morta. Supõe que morreu?

— Estamos na sexta-feira. Foi vista pela última vez na segunda-feira, a não ser que você tenha tornado a vê-la depois.

— Não, não a tornei a ver. O que aconteceu, pode se saber?

— Assassinato. Há uma epidemia de assassinatos em Las Cruces.

— Santo Deus! Jogou a mandíbula para frente e os dentes inferiores tiraram os poucos cabelos negros do lábio superior. — Possivelmente Ralph tinha razão, depois de tudo.

— Razão no quê?

— Sobre esse tipo que veio no sábado de noite. Bateu na porta por volta das dez, queria telefonar. Disse-lhe que não tínhamos telefone... O único que há aqui em cima pertence ao serviço florestal. O sem-vergonha não acreditou. Ficou furioso e levou como alguma coisa pessoal: um pouco relacionado com o fato de que ele era mexicano e por isso eu não queria deixá-lo entrar. Disse-lhe na cara, que não tinha nada contra os mexicanos. Tampouco me acreditou.

— Que aspecto tinha?

— Pois, a mim pareceu mexicano, embora não falasse como eles. Falava inglês muito bem, tão bem quanto eu. Mas tinha a pele escura e o cabelo negro, muito cacheado. E esses olhos negros que eles têm. Nunca vi olhos semelhantes na cabeça de um homem. Davam voltas nas órbitas como se o tipo estivesse maluco. Isso é o que pareceu ao Ralph também. Foi uma sorte que Ralph estivesse aqui. Virtualmente teve que o expulsar pela orelha.

— Disse que era um homem baixinho?

— Comparado com você ou com Ralph, sim. De estatura mediana. Muito bem formado, entretanto. Mas quase me pus a rir quando quis brigar com Ralph.

— O que disse?

— Alguma coisa sobre fazer uma ligação importante e se podia utilizar nosso telefone. Disse-lhe que não temos um. Ficou descarado, começou a me insultar. Foi então que Ralph interveio. Pegou-o pela gola da jaqueta e o levou de rastros até o carro. O tipo ia xingando Ralph em espanhol. Em seguida Ralph disse que menos mal que eu não entendesse espanhol. Mas Ralph não achou divertido. Ele podia fazer frente a esse tipo, sem problemas, mas outros o preocupavam. Disse que, em sua opinião, era um sujeito perigoso. Um psicopata, um caso limite, acredito que disse alguma coisa do gênero. Ralph é um estudante de psicologia realmente profundo. Disse que com frequência se nota nos olhos: aparece esse olhar vazio como se não houvesse ninguém em casa. Este tinha, certamente. Assim pode ser que seja quem você anda procurando.

O rosto se tinha transfigurado e aparecia aceso pela curiosidade.

— Encontrei-o ontem, se se tratar do homem que eu penso.

— E cometeu um assassinato?

— Viu-se envolvido em um.

— Quem é?

— Chama-se Tony Aquista —, respondi. — Voltando para segunda-feira à tarde, você disse que Kerrigan conduzia o carro da mulher para o albergue?

— Sim, senhor.

— O que me diz do velho de albergue?

— Refere-se ao MacGowan?

— MacGowan os viu depois de você?

— Não sei. Não falo com ele há um mês. A boca voltou a se fechar com força sobre si mesmo. — Desde que o velho permitiu que sua neta se amarrasse com Kerrigan. É um irresponsável, um velho tolo, isso é o que é.

— Ela é a nova amiguinha que mencionou antes? A garota de Kerrigan? — Foi às Las Cruces com ele no mês passado e não retornou. O que lhe parece?

— Parece-me que se chama Jo Summer. Errei?

— Josephine. Josephine MacGowan. Ele a chama Jo, sim, mas você se confundiu no sobrenome.

— Alguém se confundiu. O velho está lá neste momento?

— A menos que tenha trocado seus costumes. Nunca vai a nenhuma parte. Não acredito que desça da montanha mais de uma vez ao ano. Agradei pela informação e me dispus a subir no carro. — Ouça, amigo, o que aconteceu ultimamente em Las Cruces? Katie Craig está bem?

— Estava há umas horas. Mas seu marido, não. morreu.

— É a ele a quem assassinaram?

— Um deles.

— Katie não terá nada a ver com isso, não é?

— Não —, disse. — Não tem nada a ver.

— Graças a Deus! Sempre gostei de Katie, embora já faça um par de anos que não a vejo. Ensinei-lhe a matar moscas quando não era mais que uma menina de cabelo amarelo. Tinha os olhos luminosos por causa das velhas lembranças. — É terrível ver como passam os anos, e ver os sofrimentos que trazem para as pessoas. Sei como Katie sofreu.

— Eu, também.

O albergue era um extenso edifício de dois andares com fachada de madeira envelhecida e curtidas pelos elementos. As janelas tinham as portinholas fechadas e davam a impressão de dormitar ao sol. A montanha subia por trás dele e mais à frente, para o este, elevados picos estiravam suas cúpulas cortadas e brancas para a estratosfera.

Estacionei em frente da rústica galeria de troncos, e subi por um atalho de cascalho que conduzia à parte de trás. Um esquilo cinza saiu correndo ao ouvir o rangido de minhas passadas e se voltou para me olhar um par de vezes, para ter certeza de que me fixava nele. No ramo de um abeto vermelho um gaio azul piou para mim. Disse-lhe que moderasse sua linguagem.

Um homem de barba grisalha e macacão de mecânico apareceu do outro lado do abeto vermelho. Caminhava com movimentos lentos. Apoiando uma mão no tronco da árvore, elevou os olhos para o pássaro e lhe dedicou um sorriso que me permitiu ver que faltavam dentes.

— Não faça caso. Acha-se o dono do lugar.

O gaio ficou saltitando convertido em uma pequena fúria azul. Lançou-se sobre a cabeça cinza do homem, disparando rajadas de som. O velho o afastou a tapas, rindo com uma voz quase tão aguda e despreocupada como a do pássaro. Este voou até a árvore e ficou ali, se balançando como um adorno de cor azul forte em uma árvore de Natal.

— É o rei do castelo, disse, ou cantou, o velho. — E nós somos os sujos plebeus. Seus olhos era negros e brilhantes debaixo das sobrancelhas cinzas e descuidadas.

— Senhor MacGowan? Acariciou-se o pescoço com o canto da mão.

— Assim me chamo. Leva vantagem.

— Archer. Lew Archer. Sou detetive particular e trabalho com a polícia em um caso de desaparecimento.

— Desaparecimento? Falou a palavra com um leve acento escocês, importado há já muitos anos.

— Uma mulher desapareceu em Las Cruces.

— De que mulher se trata? Não será Josephine?

— Quem é Josephine? Um olhar de suspicácia que fazia jogo com seu tom de voz, enrugou a pele em torno de seus olhos.

— Não estou certo de que seja seu assunto, amigo.

— Esqueça então.

— Bom. Deixei a pergunta sobre Josephine pendente para outro momento. — A mulher desaparecida se chama Anne Meyer. Foi vista no fim de semana passado, pela senhora Devore, a do posto de gasolina. A senhora Devore pensa que talvez você possa me ajudar.

— A senhora Devore pensa montes de coisas. Embora nem a metade das que ela diz. O que isto tem a ver comigo?

Ela viu a mulher num carro com Kerrigan na segunda-feira na primeira hora da tarde. Foram nesta direção. Conhece Donald Kerrigan?

— Claro que conheço, disse sombriamente. — Sim, eu os vi na segunda-feira.

Passaram por aqui; foram estrada acima, para os currais.

— Pode descrever a mulher? Meneou a cabeça.

— Não me aproximei o suficiente para distinguir sua fisionomia. Acredito que era uma moça. Usava um traje de cor marrom escura e uma espécie de chapéu de verbena na cabeça. Parece-me que seu cabelo era escuro.

— Viu você tudo isto ao passar o carro?

— Não. Não disse tal coisa. Está me atribuindo uma coisa que não disse. Apoiou seus ombros encurvados no tronco da árvore e olhou para os ramos. Sua esquelética barba me apontou acusadoramente.

— Perdoe. Entendi mal.

— Certo. Vi passar esse Kerrigan no carro e a mulher que ia com ele... Interrompeu-se para tossir tampando a boca com a mão. — O que quero dizer é que casualmente tenho uma conta pendente com Kerrigan. Um assunto particular. Pensei: “Tenho aqui uma oportunidade de trocar umas palavrinhas com ele.” Não podia ir muito longe nessa direção: a estrada termina perto dos estábulos. Assim eu o segui. A pé. Demorei um bom tempo em chegar lá em cima. Não ando muito bem desde que quebrei o quadril. Houve um tempo em que podia subir correndo uma colina pequena como essa, sem sequer que me alterasse a respiração. Fui um grande alpinista em meus tempos de rapaz do outro lado da água.

Havia distâncias continentais em seus olhos e seu velho cérebro as estava cruzando em espiral. Mostrei-lhe a foto da Anne Meyer para fazê-lo voltar ao assunto.

— Era esta a mulher que estava com Kerrigan?

— Pode ser que sim, respondeu com calma. — Mas também pode ser que não. Já lhe disse que não me aproximei muito dela. Quando cheguei no alto da colina, por trás dos estábulos, vi-os através das árvores. Estavam no terreno baixo debaixo do reservatório, escavando um buraco.

— O que diz que faziam?

— Não precisa gritar, minha audição é perfeita. Digo que estavam escavando um buraco.

— Que tipo de buraco?

— Um buraco singelo e comum, no chão. Passou-me pela cabeça que possivelmente tinham caçado ilegalmente um cervo e o estavam enterrando. Pus-me a gritar dizendo que o deixassem, que estavam em uma propriedade particular. Suponho que deveria ter esperado, que deveria ter me aproximado silenciosamente deles. Mas nestes últimos anos, desde que vivo sozinho, me enfureço rapidamente.

— Especialmente com Kerrigan?

— De maneira que o conhece, não é? Deveria ter visto o pulo que deu quando me pus a gritar. Pôs-se a correr para o carro, com a mulher pisando nos seus calcanhares. Tinha estacionado do outro lado do reservatório, onde a estrada faz uma curva, de modo que não tinha nenhuma probabilidade de apanhá-los. De qualquer maneira, consegui uma boa pá graças aquilo. Um sorriso malicioso lhe enrugou o rosto, dando o aspecto de um garotão disfarçado com uma barba postiça. — Quer vê-la? — Preferiria ver o buraco. Podemos ir de carro até lá?

— Suponho que sim. Só que, eu aviso, não há muito para ver. Não é mais que um buraco. Claro que se você nunca viu um buraco... Deu uma risadinha aguda, de gaio.

— Diabo! Exclamei. — Estou metido em um.

Várias centenas de metros mais à frente do albergue a estrada começava a traçar curvas ascendentes, se estreitando até ficar reduzida a um caminho de terra cheio de buracos. Passamos por uma clareira banhada pelo sol onde havia estábulos e currais. Atrás deles a colina ficava muito íngreme, sua elevação acentuada por árvores altas que cresciam na sua beira em fileiras irregulares. Vi um reservatório, construído em madeira no alto de um andaime, no topo. Pus o carro em primeira e continuamos subindo para lá do estreito atalho. Parei o automóvel em um túnel verde que os ramos entrelaçados das árvores formavam.

— Ali em baixo, disse MacGowan.

Levou-me através de uma crista de granito que surgia da terra como uma costela quebrada e descemos para o terreno baixo. O buraco media mais ou menos um metro e oitenta de comprimento por

sessenta centímetros de largura. Sua forma fazia pensar no de uma sepultura, mas era menos fundo, uns trinta centímetros no máximo. A seu lado havia um monte de terra arenosa mesclada com areia. Ajoelhei-me e verifiquei com os dedos o fundo do buraco. A terra era firme, não era terra solta como a que teria sido usada para cobrir um buraco mais profundo.

— Já lhe adverti que não havia muito para ver, disse o velho atrás de mim. — Pergunto-me o que pretendiam aqueles imbecis. Desenterrar um tesouro?

Levantei-me e olhei para MacGowan.

— Quem escavava?

— Ela.

— Ele estava lhe apontando uma arma ou alguma coisa do gênero?

— Não, que eu visse. Pode ser que tivesse uma no bolso. Estava de pé justo aqui onde estou eu, com as mãos nos bolsos. O que fez é muito próprio dele, deixar que uma mulher se encarregasse do trabalho sujo. — Quando fugiram correndo, você diz que ele ia na frente?

— De fato. Via-se que estavam há anos sem correr. A mulher custava muito para segui-lo. De fato, caiu logo em seguida.

— Onde caiu?

— Eu mostrarei.

Subimos pelo lado oposto do terreno baixo, onde o atalho dava uma volta e se dirigia colina abaixo. MacGowan assinalou a sarjeta de pouca profundidade que havia a seu lado. Cobriam-na arbustos de camomila cujos ramos eram vermelhos e reluzentes como se acabassem de serem banhados em sangue.

Foi por aqui, disse. — Ele já estava no carro quando ela caiu. Não se incomodou em descer para ajudá-la. É um porco.

— Não tem muito afeto por Kerrigan, não é?

— Não, senhor. Não tenho. Não há nenhum motivo para que eu tenha.

— Qual era a conta que tinha pendente com ele?

— Eu não gosto de muito falar sobre isso. se trata de um assunto de família, relacionado com a minha neta. Não é mais que uma juvenzinha...

Viu que eu não escutava e se calou. Meus olhos tinham captado o brilho de alguma coisa entre as camomilas. Era o salto de um sapato de mulher, encravado na greta entre dois pedregulhos de granito. Da parte superior surgiam vários pregos reluzentes e dobrados. Apanhei-o com os dedos e vi que era um salto de altura média, com ponta de borracha e revestida de couro marrom e desgastado.

— Parece que perdeu um salto, disse MacGowan. — Caminhava de um modo estranho quando se levantou. Pensei que talvez tivesse machucado a perna.

— Aonde foram daqui?

— Só se pode ir em uma direção. Apontou para baixo.

Do lugar onde nos encontrávamos podia ver o lago por entre as árvores. O sol caía sobre ele como um maçarico enorme e silencioso. Aos pés do lábio branco da represa se ocultavam a central elétrica e o povoado da companhia. Mais à frente, as paredes cor púrpura do cânion desciam e se afastavam, se dissolvendo na distância branca e tórrida. Sob a colina do vale jazia Las Cruces, invisível aos nossos olhos. Parecia difícil imaginar lá da fresca altura do bosque, mas sabia que estava ali, com cinquenta mil pessoas torrando em suas ruas. Olhei o objeto de couro que tinha na mão e me perguntei qual das cinquenta mil pessoas seria ela.

Levei MacGowan para casa. Morava em uma casinha de cor cinzenta atrás do albergue. O telhado era bicudo, como um chalé suíço, e na porta principal tinha pintados alguns girassóis descoloridos. Tive uma surpresa quando me convidou a entrar e me ofereceu uma xícara de chá.

Pronunciou a palavra de uma forma peculiar, como se gostasse de dar um sabor ao Velho Mundo. Também havia alguma coisa de Velho Mundo em sua sala de estar, que aparecia abarrotada de móveis antigos, de cor tabaco. Vários exemplares atrasados da Punch jaziam sobre a mesa, ao lado do rádio de pilhas. As paredes eram adornadas com recortes da Illustrated London News e umas quantas fotos antigas.

Uma delas era uma foto instantânea ampliada em que se via um homem musculoso, em mangas de camisa, que rodeava com um braço a uma mulher. Esta usava um chapéu para se resguardar do sol. Os dois se achavam de pé em frente de uma casa de madeira pintada de branco, sorrindo um para o outro. Embora a casa fosse feia e parecesse uma caixa de sapatos, e as duas pessoas insuficientemente vestidas, havia alguma coisa idílica na cena. Os sorrisos tinham uma inocência de antes da guerra. Examinei-as com maior atenção e vi que o homem era MacGowan, sem barba e na flor da vida. O velho saiu coxeando da cozinha.

— A chaleira não demorará a ferver. Sente-se.

— É muito amável.

— A amabilidade é dela. Não faço mais que dar boas-vindas a uma visita. Há meses que não recebia nenhuma e a vida aqui é muito solitária desde que minha mulher morreu. Assinalou a ampliação com o polegar. — Aí nos tem, fotografados há vinte e cinco anos. Nem sempre fui uma espécie de ermitão como agora.

— Passa todo o inverno aqui sozinho?

— Sim.

— Eu não poderia suportar a solidão.

Sentou-se rigidamente em uma velha poltrona feita com um tecido felpudo, que expeliu uma nuvenzinha de pó sob seu peso. Parte do pó se viu apanhado pela luz que entrava pela janela e formou redemoinhos como ouro fervendo.

— Há distintos tipos de solidão, senhor... Como disse que se chamava?

— Lew Archer.

— Distintos tipos de solidão, repetiu. — A que você mesmo cria é a melhor. Produz certa satisfação viver sozinho, não precisar de ninguém mais, especialmente quando se é velho. Olhe, um homem se cansa de dar tombos pelo mundo. Fiz um monte de coisas em meu tempo, embarquei no Glasgow, marinheiro de primeira, cultivei trigo em Manitoba, procurei prata em Nevada e cobre nas minas de Traverse. Fui porteiro em São Berdoo antes de vir aqui para cima. Mas a cidade nunca deixou de ser a minha. Estava acostumado a voltar para Traverse quase à cada ano para passar férias.

Parece-me que nunca tinha ouvido falar de Traverse. Fica na Califórnia? — Sim, perto da fronteira com Nevada. Voltou a assinalar a foto instantânea ampliada. — Essa foto foi tirada em Traverse nos velhos tempos, quando havia lá mais de mil almas. Agora é só uma cidade fantasma, ficaram os edifícios, nada mais, e a maioria deles está desmoronando. A mina esgotou, compreende? A última vez que estive

lá, há três ou quatro anos, não havia nem um só ser humano vivo. Sorri pensando no passado.

— Tinha mais família além de sua esposa? Perguntei, desejando voltar para o assunto de sua neta.

— Tinha um filho, respondeu. — Mais ou menos da idade de você tem agora. Matou-se em um acidente em Terminal Island. Livrou-se de que o mobilizassem, porque trabalhava no estaleiro e em seguida foram e o mataram de qualquer maneira. Embora eu estivesse há muito tempo sem vê-lo quando morreu. Casou-se com uma garota filipina e eu não gostei muito.

Sua mente girou sob a luz e o vento cambiante de seus próprios sentimentos:

— Não foi culpa de Jo que se convertesse em uma cabecinha maluca. Sua mãe voltou a casar... Desta vez com outro filipino... E a deixavam brincar de correr pelas ruas de Long Beach quando deveria estar na escola.

— Está me falando de sua neta?

— Sim. Agora mora em Las Cruces. Por acaso a conhece?

— Pode ser que sim, respondi como não lhe dando importância. — Como se chama?

— Não lembro seu nome de casada, mas se faz chamar Jo Summer a maior parte do tempo. Deve ser como um nome artístico, porque quer ser cantora profissional. Talvez a terá ouvido cantar nesse clube noturno de Las Cruces... O Golden Slipper, não é?

— Não, mas a conheço. Inclinou-se para frente na poltrona desvencilhada.

— O que acha do lugar em que trabalha? É um tugúrio de má sorte, não é?

— Temo que sim.

— Disse isso mesmo a ela, comentou. — Disse-lhe que nenhuma mulher casada e jovem deveria aceitar um emprego em um bar público como esse. Ao menos, se o chefe for um sujeito como Kerrigan. Mas não quis me escutar. Sou muito velho e ela é muito jovem, e não podemos falar um com o outro. Ela me tem por um velho imbecil. Pode que seja, mas estou preocupado com ela, não posso evitar. Estava bem quando a viu?

Não tive necessidade de responder. A chaleira emitiu um ruído e passou a assobiar. MacGowan entrou na cozinha. Enquanto ele preparava o chá, tentei pensar em alguma coisa para lhe dizer. Preparou-o negro e amargo, igual aos meus pensamentos.

— É um bom chá, foi o que eu disse finalmente.

Como resposta piscou por cima de sua xícara inclinada. Era uma peça de louça decente, decorada com um antiquado desenho de flores de cor rosa e ouro.

Depositou-a com suavidade na mesa que tinha a seu lado.

— Deveria ouvi-la cantar. Não essa coisa que chamam de jazz, isso que canta no clube noturno, a não ser algumas das velhas canções, *Annie Laurie*, *Comin' through the Rye*. Fiz cantá-las para mim quando veio me visitar.

— Quando foi isso?

— No mês passado. Subiu por volta dos primeiros dias de setembro, e trouxe o seu marido com ela. Seus olhos negros se cravaram em meu rosto. — Também conhece o seu marido? Não me lembro do seu nome.

— Como é?

— Eu não gostei nada do seu aspecto, se tiver que dizer a verdade. É um moço ruivo... — Bozey?

— Justo! Assim se chama. Conhece-o, não é?

— Não muito bem.

— Que tipo de cara é? O rosto tinha escurecido, se afundando sobre os ossos. — Vou dizer lhe por que pergunto. Não se comportava como um marido jovem deveria se comportar durante sua lua de mel.

— Era sua lua de mel?

— Disseram isso. Embora eu tivesse minhas dúvidas. É um pensamento desagradável, mas duvidei que estivessem casados como Deus manda. Ele não a tratava com o respeito devido.

— Davam-se bem?

— Não tenho ideia.

— Vê as marcas que tenho no rosto?

— Precisaríamos ser cego para não vê-las. Não quis fazer nenhum comentário sobre elas.

— Pois foi Bozey que me fez estas marcas.

— Seriamente? Com seus punhos de ferro? Comigo aconteceu algo parecido. — Não teve oportunidade, disse a MacGowan com expressão severa. — Dei-lhe uns chutes antes que pudesse me fazer uma sacanagem. Mas durante uns minutos a situação ficou delicada. O que aconteceu?

— Naquele dia eu estava fazendo a limpeza, no dia que ele partiu. Os dois tinham saído, não sei para onde, e abri sua mala para ver se tinham alguma coisa que precisasse ser lavada. Peguei uma de suas camisas sujas e encontrei uma pistola envolta nela, uma automática, e um par de punhos de ferro. Não achei nenhuma graça. Procurei um pouco mais e encontrei dinheiro no fundo da mala.

— Dinheiro?

— Isso mesmo. Um monte de dinheiro, envolto em jornais velhos. Notas grandes se por acaso fosse pouco. Tinha milhares de dólares. Não encontrei sentido à coisa... Um sujeito são como ele e nem sequer podia se permitir passar a lua de mel em um hotel. De maneira que quando voltaram lhe perguntei sobre o dinheiro. E os punhos de ferro. E a pistola.

— Foi muito valente perguntando tudo isto.

— Não se preocupe, tomei precauções. Carreguei o rifle de caçar cervos e o deixei sobre os joelhos enquanto falava com ele. Parecia ter vontade de me matar, mas o rifle o obrigou a reprimi-la.

— O que lhe disse?

— Pois não disse muita coisa. Limitou-se a me lançar vários insultos, entrou no dormitório, pegou a mala, meteu-a no carro e se foi. Jo não queria que ele fosse embora, mas não lhe fez o menor caso. Deixou-a plantada. Suponho que não a pode culpar por se ter envolvido com o Kerrigan depois disso. Uma expressão de desconcerto lhe enrugou a testa. — Mas agora você me diz que topou com Bozey?

— Mais ou menos.

— É assaltante ou um pouco parecido?

— Um pouco parecido. Bozey lhe disse alguma coisa sobre sua vida anterior?

— Não muito. Só estive aqui um par de dias. Mas me deixe pensar. Mencionou o Novo México uma ou duas vezes, fanfarronou um pouco sobre as relações que tinha em Albuquerque.

— Que tipo de relações?

— No mundo dos negócios. Parece-me que disse alguma coisa sobre o negócio de bebidas. Mas sabia que era um mentiroso, de modo que não lhe dei muita atenção.

— Sem dúvida você fez perguntas a Jo sobre ele depois que Bozey foi embora.

— Sim, mas ela não sabia muito. Disse que o tinha conhecido uma semana antes, em Los Angeles. Tentei convencê-la de que não convinha voltar com ele. Moveu-se nervosamente. — Suponho que será melhor que vá vê-la outra vez. — Pode ser que tenha feito uma viagem comprida. Olhou-me com expressão interrogativa. — Olhe, senhor MacGowan, que tal anda de saúde? Tem o coração em boa forma? Golpeando o peito, ele disse:

— Tudo funciona bem aqui dentro. Por quê?

— Sua neta está em apuros.

— Jo em apuros? É grave?

— Sim. Procuram-na pelo roubo de um carro e porque é suspeita de assassinato. Ontem à noite deram um tiro no Kerrigan. Eu a vi sair correndo do lugar onde aconteceu.

Durante longo momento permaneceu em silêncio. Os minutos passaram zumbindo como moscas moribundas nos cantos do aposento. O corpo de MacGowan parecia se encolher na poltrona.

— Esteve me tirando um sarro, disse finalmente. — Por que não me disse isso antes?

— Não quis machucá-lo.

— Machucar? Torceu sua boca barbuda. — Sabia que Jo ia se meter em confusões. Fiz o quanto pude para impedi-la. Fui a Las Cruces e tentei que se livrasse de Kerrigan, de Kerrigan e dessa cidade dele. Quando se viu tanto mundo quanto eu vi... Moveu as mãos para os lados, em um gesto brusco e cego que fez com que a xícara se espatifasse contra o chão. Ajoelhei-me e comecei a recolher os caquinhos. Pensei que era o menos que podia fazer. Inclinando-se sobre mim, disse com voz débil:

— Assassinou-o?

— Não sei.

— Disse que roubou um carro. Por que tinha que roubar um carro? Eu lhe teria dado dinheiro, tudo o que tenho.

O que o faltava era um meio de transporte, e faltava naquele momento. Possivelmente se propunha vir a vê-lo. Elevei os olhos para ele. Meneou lentamente a cabeça de um lado a outro. — Pois não veio.

Acabei de recolher os pedacinhos brancos, coloquei-os no pires, que continuava intacto, e deixei tudo sobre a mesa. MacGowan agarrou um fragmento translúcido e o aproximou da luz.

— Era a última peça que restava do jogo. Compramos no ano que nos casamos, na loja da Hudson's Bay Company em Winnipeg. Ah. Voltou a jogá-lo no pires. — Mas de nada servem as lamentações. Obrigado pela chatice que teve, moço. Houve outro silêncio. — O que aconteceu ao marido, se for mesmo o seu marido?

— Também procuram pelo Bozey, mas ele fugiu. Roubou um caminhão carregado de uísque. O motorista morreu.

— Outro assassinato?

— É. Tem alguma ideia de onde Bozey possa estar? Ou Jo?

— Nenhuma. Levantou-se da poltrona e ficou me olhando. — O que me diz dessa mulher que desapareceu, a que perdeu o salto? Onde entra ela em tudo isto?

— Essa é a pergunta que devo responder. Uma das perguntas. — Fiquei em pé e comecei a andar para a porta. — Vou voltar para Las Cruces. Quer que o leve?

— Agradeço muito, mas vou em meu próprio carro. Preciso de uma oportunidade para pensar. Preciso também de um pouco de tempo para assimilar tudo isso.

— Se Jo aparecer por aqui, me avisa? Pode me localizar por meio da senhora Kerrigan.

— Não estou certo de que apareça —, disse. — Pode ser que sim e pode ser que não. De qualquer maneira, não voltará por aqui, não voltará para mim.

Abriu-me a porta. O sol feroz lhe arranhou o rosto.

Retornei através do silencioso verde e seguindo a estrada que bordeava o lago. Ao passar diante da cabana de Kerrigan, vi o conversível vermelho estacionado junto à entrada do atalho. A senhora Kerrigan me fez gestos frenéticos por trás do para-brisa. Estacionei meu carro junto à estrada e me aproximei do dela. Estava muito bem vestida e polida: seda negra, chapéu negro e luvas negras. Excetuando os olhos e a boca, em seu rosto não havia nem rastro de cor.

— Não esperava vê-la, disse.

— Sally Devore me disse que você estava aqui. Sabia que tinha de passar por aqui ao voltar. Estive esperando.

— Por isto? Tirei o chaveiro do bolso e lhe dei. As chaves tilintaram nervosamente em sua mão enluvada.

— Não vim por isso, disse. — Mas já que estou aqui, gostaria de ver a cabana. Quer subir comigo?

— Eu não entraria se fosse você.

— Ela está lá? Bati na porta sem obter resposta. Está escondida lá dentro? — Não. Não está por aqui. Anne Meyer se perdeu de vista, como disse seu marido.

— Mas ele me mentiu ao me falar da segunda-feira. A senhora Devore os viu juntos na segunda-feira.

— Ao que parece, foi assim. Também o velho MacGowan do albergue os viu. Pegou-os no bosque, fazendo uma coisa muito estranha. Um leve rubor lhe tingiu o rosto.

— Estavam fazendo amor?

— Nada disso. Ela estava escavando um buraco no chão. Seu marido estava olhando.

— Um buraco? Não entendi.

— Tampouco eu. Importa-se que entre no carro?

— É óbvio que não. Entre, por favor.

Afastou-se para um lado do assento, me deixando lugar atrás do volante. Mostrei-lhe o salto de couro.

— Reconhece isto?

Pegou-o e o levantou para que a luz batesse nele.

— Acredito que sim. A quem pertence?

— Diga-me você.

— A Anne Meyer?

— É uma conjectura ou tem sabor de ciência exata?

— Não posso estar absolutamente certa. Acredito que usava sapatos desta cor quando a vi na sexta-feira passada. Onde o encontrou?

— No bosque. Ao que parece, perdeu-o quando MacGowan os afugentou.

— Entendo. Deixou cair o salto em minha mão como se estivesse infectado. — Por que diabos estariam escavando um buraco no bosque?

— Não os dois. Só ela. Ele estava ali parado, observando-a. Isto expõe muitas perguntas e uma única resposta possível. Ouvi falar de assassinos sádicos que levam as suas vítimas para algum lugar solitário e as obrigam a escavar sua própria sepultura. Se ele pensava em matá-la...

Mas é incrível. As palavras estalaram em sua boca. — Dom não seria capaz de fazer uma coisa

assim.

— Você me disse que era um sádico.

— Não quis dizer que fosse deste modo. Disse em um sentido geral. Vi que se agarrava com força na maçaneta da porta como se estivéssemos dobrando uma curva a grande velocidade.

— Eu, também. É só uma possibilidade que pensei. Ofereci-lhe um cigarro, que ela rechaçou, e acendi um para mim. — Viu-o na segunda-feira à noite quando voltou para casa?

— Sim. Era muito tarde, mas ainda estava acordada.

— Disse-lhe alguma coisa?

— Não me lembro. Não. Eu estava na cama. Dom não se deitou. Ficou sentado, bebendo. Em seguida ouvi-o rondar pela casa durante muito tempo. Por fim tomei um remédio para dormir. Sua mão se transferiu da maçaneta da porta para o meu braço. — Como pode dizer que a matou? Nem sequer sabe se ela morreu.

— Não, mas os sinais são ruins. Se não morreu, onde está?

— Pergunta-me isso? A pressão de sua mão quase me machucava. Seus olhos eram de um negro azulado, trágico. — Não pode acreditar que eu a matei.

— Isso é verdade. Não posso. Não pareceu acreditar na minha negação. — Na segunda-feira fiquei o dia todo em casa. Posso provar. Uma amiga minha esteve comigo toda a tarde. Veio almoçar e ficou até quase a hora de jantar. Sabe quem era?

— Não importa. Não tem que provar nenhum álibi para mim.

— Mas posso provar, quero provar. Era Marion Westmore... A esposa do promotor do distrito. Estávamos planejando os jogos para a Liga de Jovens. Parece que se passou muito tempo, quatro anos em vez de quatro dias. E que forma mais idiota de passar uma tarde.

— Você acha?

— Sei agora. Agora tudo me parece idiota. Teve alguma vez a sensação de que o tempo parou? De que está vivendo em um vazio, sem futuro nem passado?

— Tive uma vez, disse. — A semana depois que minha esposa me deixou.

Mas não durou. Tampouco durará em seu caso. Superará.

— Não sabia que teve esposa.

— Faz muito tempo já.

— Por que o deixou?

— Disse que não podia suportar a vida que eu levava. Que eu dava muito para outras pessoas e não dava o suficiente a ela. E acredito que de certo modo tivesse razão. Mas na realidade a coisa se reduzia a que já não estávamos apaixonados. Ao menos, um de nós não estava.

— Qual?

— Prefiro não falar disso. Exumar cadáveres é um passatempo muito desagradável.

O desprezo a fez ficar em silêncio durante um momento. Olhou para o lago, que reluzia entre as árvores, como fragmentos cansados do céu.

Suponho que procurei isso, disse. — Você foi amável comigo, ontem à noite e de novo hoje. Não posso evitar de me perguntar se se trata simplesmente de uma técnica. É esta a sua tática profissional, senhor Archer? Sua versão psicológica do terceiro grau? Na pergunta havia suficiente verdade para fazer que estremecesse.

— Estou jogando tão limpo quanto posso com você. Não nego que estive tentado de utilizar as pessoas, de jogar com seus sentimentos, de empurrá-las de um lado a outro. São os ossos do meu ofício.

— E você não tem tais ossos?

— Tenho. O sorriso cambiante de Jo Summer continuava revoando borrado atrás de meus olhos. — Meu ofício é um ofício sujo. O mais que posso fazer é me vigiar e tentar continuar tão limpo o quanto

puder. Eu tinha a sensação de que ela me colocara no alvo, assim mudei o rumo da conversa: — O que a trouxe por aqui, se pode se saber?

— Não sei com certeza. Possivelmente simplesmente queria vê-lo outra vez.

Evitou me olhar. — É ruim que uma mulher faça esta confissão a um homem?

— Ruim? Você me escandaliza, Katie.

— Não. Não ria de mim. A coisa não tem nem pingo de graça. Brandon Church me assustou quando falei com ele ontem à noite... Esta manhã.

— Foi desagradável com você?

— Não exatamente. Não me acusou de nada. Mas estava tão diferente... Não se parecia em nada com homem a quem eu conhecia. Apenas parecia me conhecer, me tratou como uma desconhecida. Perguntei-me se estaria drogado ou ficando maluco. E em seguida o outro, o agente hispano-americano...

— Braga?

— Sim. Sal Braga. Ouvi que ameaçava matar você. Disse que atiraria assim que lhe pusesse a vista em cima. E Brandon nem sequer procurou acalmá-lo.

Brandon não disse nenhuma palavra.

— Provavelmente gosta do projeto.

— Mas por quê? O que está acontecendo a todos nós?

— Esse é meu problema. Eu gostaria de lhe fazer umas quantas perguntas mais.

— Sobre Brandon? Era uma pessoa que eu acreditava conhecer. Parece que não conheço ninguém, na realidade.

— Sobre seu marido e Anne Meyer, se se sentir capaz de falar sobre eles.

Respondeu depois de uma pausa, empregando um tom neutro:

— Não me importo.

— Certo. Continuavam apegados um ao outro?

— Não acredito. Há meses me disse que tinha se separado dela. Acredito que por uma vez disse a verdade. Quando os vi juntos no motel não se comportavam como se... Sua voz se desvaneceu.

— Como se ainda fossem amantes? Moveu a cabeça afirmativamente.

— Tem alguma ideia de por que romperam, caso tenham rompido não é? — Suponho que ele se cansou dela... Cansava-se das mulheres com muita facilidade. Ou ela se cansou dele. Havia um brilho de malícia em seus olhos. — Ela era tão libertina quanto ele.

— Mas continuaram sendo amigos depois de se separar?

— Pareciam ser. Ela continuou trabalhando para Dom, até a semana passada.

Diz que era libertina. Sabe muitas coisas sobre ela?

— Sei muitas coisas sobre Anne. Tantas, que até sinto lástima por ela, quando não sinto por mim mesma. Conheço-a desde que íamos juntas à escola. Anne tinha má reputação inclusive então.

— Na escola?

— Sim, começou jovem. Era uma das que ficavam malucas pelos meninos, muito bonita e muito amalucada. A culpa não era totalmente dela. Cresceu terrivelmente às pressas. Já era uma mulher feita antes de fazer quinze anos. E nunca teve uma vida caseira decente. Sua mãe tinha morrido e seu pai era uma besta, uma verdadeira besta.

— Dá a impressão de tê-los estudado.

— Papai os estudou, disse surpreendentemente. — Estava preocupadíssimo com Anne e sua família, e me falou disso. Era juiz do tribunal de menores além de ser do supremo, de modo que conhecia bem todos os pormenores do caso. Depois de que acontecesse aquilo, precisou decidir o que tinha de fazer com Anne.

— O que aconteceu? Fugiu ao meu olhar.

— Seu pai a atacou.

— Quer dizer o que eu penso?

— Sim.

— Como é que Meyer não está em San Quentin?

— Porque Anne se negou a depor contra ele no tribunal. É óbvio, ela era a única testemunha, assim não puderam acusá-lo de nada. Mas tinham suficientes motivos para afastá-la dele, para tirá-la de sua casa. Papai pensava fazê-la ingressar em um lar de adoção, mas em seguida não foi preciso. Brandon se casou com a irmã da Anne... Brandon estava na seção de menores naquele tempo... E os dois a acolheram em sua casa. Viveu com eles vários anos e parece que deu bom resultado. Não houve mais problemas com Anne, quando menos não mais problemas relacionados com a lei.

— Até agora.

De repente se voltou na cadeira e olhou atalho acima para a cabana escondida. O corpo voltado pela metade, se recortando contra a luz, desenhava uma bonita linha que tirava a respiração.

— Não quer subir à cabana comigo?

— Para quê?

— Para ver em que estado se encontra. Decidi vendê-la.

— É melhor que não entre nela.

— Por quê? É que o corpo da Anne está?...

— Nada disso. Simplesmente não gostaria de ficar lá dentro. De fato, é preferível que volte a me dar as chaves.

— Não entendo por quê. Mas tirou o chaveiro da bolsa e me entregou. — Para que as quer?

— Entregarei as autoridades se conseguir encontrar um policial honrado em Las Cruces. Sem dúvida você conhecerá alguns, se seu pai foi juiz.

— Acreditava que Brandon era um deles. Continuo acreditando que é, quando for ele mesmo. Mordeu o lábio. — Por que você não vai até o Sam Westmore?

O promotor do distrito?

— Sim. Sam e Marion são meus melhores amigos. Pode confiar em Sam Westmore. Mas voltou a se agarrar a maçaneta da porta, como se precisasse dela para não se afastar da realidade. — Mas não correrá algum perigo se voltar para a cidade?

— Não sei. Será interessante descobrir. Com voz baixa e clara disse:

— Você é um homem valente, não é?

— Valente não. Simplesmente teimoso. Eu não gosto que os canalhas fiquem soltos. Se permitíssemos, acabariam ficando donos de tudo. — Você não vai permitir, não é?

Sua voz era sonhadora, quase infantil. Os olhos de cor violeta estavam muito abertos e úmidos. Fecharam-se. Segurei sua cabeça entre as mãos e lhe beijei na boca. O chapéu caiu, mas não fez menção de recolhê-lo. Sua cabeça se apoiou em meu ombro como um pássaro dourado com as plumas encrespadas. Seu peito se apoiou no meu e pude sentir o movimento acelerado de sua respiração.

— Se antes não me pararem, Katie.

— Como sabia que me chamo Katie? Há muito tempo que ninguém me chamava de Katie.

Não respondi. Uma explicação apenas estragaria o momento. Mas terminou de qualquer maneira. Notei que ficou rígida e se separou de mim. Quando tentei alcançar de novo sua boca, voltou a cabeça para o outro lado.

— Deus! Exclamou asperamente. — Preciso de alguém que me vigie, não é? Já o adverti que não se compadecesse. Estou disposta a chorar sobre qualquer ombro que me ofereçam.

O conversível vermelho me seguiu montanha abaixo. E eu continuava lembrando o sabor de sua boca.

Encontrei Meyer em um cubículo de seu armazém, sentado sem fazer nada ante uma escrivaninha cheia de faturas. Olhou-me no rosto como se ao vê-lo seus avermelhados olhos doessem.

— O que aconteceu?

— Cortei-me ao me barbear.

— Com o que se barbeava, com uma colheitadeira mecânica? Começava a pensar que tinha me deixado plantado. O que não seria má ideia, se tiver que ser justo. Brand quer que o tire do caso.

— E?

— E nada. Não aceito ordens de ninguém que está onde está graças ao meu dinheiro. Meyer se inclinou para frente, se apoiando nos braços, o rosto como a face cinzenta de uma velha raposa. — Só que, se fosse você, eu não faria nada mais que pudesse incomodá-lo. Não convém ser ruim com Brand.

— Tampouco eu sou o que se diz um cordeirinho.

— Pode ser que não. Olhou ironicamente meu rosto lesado. — Mas você não é o xerife. Onde tinha se metido?

— Estive no Lago Perdido.

— Por que teve a chatice de ir lá? Passei todo o dia tentando localizá-lo, e não sou o único. O promotor do distrito quer vê-lo. Enquanto você dava passeios pelo campo, o caso foi evoluindo. Lembra-se do Buick que abandonaram na base aérea...?

— Certamente. Fui eu que o denunciou.

— Pois seguiram a pista até um vendedor de carros de Los Angeles. Esse ruivo... Como se chama?

— Bozey.

— O tal Bozey comprou-o em uma loja de carros usados no início de setembro. Pagou em dinheiro, com uma nota de quinhentos dólares e algumas menores. Quando o vendedor foi depositar o dinheiro em seu banco, o caixa identificou as notas.

— Dinheiro roubado?

— Roubadíssimo. Parte de um ataque que um banco de Portland sofreu no mês de agosto passado. O banco de L. A. tinha uma circular da polícia do Oregon com o número das notas. Foi um assalto dos grandes, mais de vinte mil paus no total.

— Bozey atacou um banco e levou vinte das grandes? Meyer assentiu com sua peluda cabeça.

— Oferecem uma recompensa de dois mil dólares pelo ruivo. Sem dúvida isso fará que você fique esperto. Caso isso seja possível. Pode se saber por que subiu ao lago? Pensava pescar um pouco, empregando assim o tempo que me pertence?

Estive a ponto de sair deixando-o com a palavra na boca. Ms uma coisa me deteve: precisava passar mais tempo com Meyer.

— Pode chamá-lo de pescar. Apanhei alguma coisa. Depositei o salto desgastado sobre a mesa. — Pertence a sua filha Anne?

O fez girar entre os dedos, cuidadosamente, como se o salto possuísse uma sensibilidade feminina.

— Não tenho ideia se é de Annie ou não. Nunca me fixei no que usam as mulheres. De onde o tirou? Disse-lhe. — Mau sinal para Annie. Fez rodar o salto sobre a mesa como um dado deformado. — O que você acha?

Apoiei-me em um tamborete de contador que havia junto à parede e acendi um cigarro.

— Tenho a intuição de que estava escavando uma sepultura. Possivelmente para ela mesma ou para outra pessoa.

— Quem é esta outra pessoa? Kerrigan?

— Kerrigan, não. Kerrigan estava fiscalizando o trabalho.

— Não encontro sentido. Tem certeza que era Annie quem estava com ele? — Tenho um par de testemunhas. Nenhum deles a identificou positivamente, mas acredito que a única coisa que fazem é ser prudentes. Se este salto for de sua filha, o caso fica resolvido.

Pegou o salto da mesa desordenada e arranhou o queixo com os pregos do extremo. O ruído me atçou os nervos.

— Pode ser que Hilda saiba.

Pegou o telefone e discou um número. Na parede de madeira compensada que tinha às suas costas a ponta de um antigo lema sobressaía debaixo de um calendário novo, de cores fortes, desses em que há fotos de garotas com pouca roupa:

Casei-me com uma mulher, mas acabou.

Compre um bom cão, meninos, e terão um amigo eterno.

Meyer falou pelo microfone:

— Olá, Brand. Hilda está aí? O telefone grasnou negativamente. — Sabe onde está?

A voz do xerife ficava desnaturalizada ao passar pelos fios, mas continuava sendo reconhecível:

— Não, não sei. A voz desceu de tom e perdi o resto do que disse. Meyer foi escurecendo o rosto enquanto escutava.

— Pois pessoalmente, acredito que está cometendo um grave engano, e assim lhe direi se a vir.

Pousou o auricular. — Brand diz que Hilda o deixou. Colocou seus vestidos em uma mala e saiu de casa.

— Disse por quê?

— Não. Mas sempre soube que nunca se deram muito bem. Antes que parasse de falar disso, Hilda dizia que ele a tratava cruelmente. Havia um sorrisinho estranho na boca de Meyer, metade de angústia e metade de zombaria. O parentesco político estava acostumado a ser como uma faca de dois gumes.

— Cruelmente?

— Não quero dizer que lhe batesse, ao menos não lhe batia em lugares públicos. Crueldade mental, disso ela se queixava. Deve ser um autêntico tártaro, porque conseguiu que ela tentasse se matar.

— Tentou se matar?

— De fato. Tomou um punhado de pílulas para dormir, pouco tempo depois do casamento. Brand procurou dissimular, disse que tinha sido um acidente, mas eu descobri a verdade por Annie. Annie vivia com eles naquele tempo.

— Por que tentaria se matar?

— Imagino que lhe tornava a vida impossível, que ela não conseguiu suportá-lo mais. Não sei. Nunca entendi mulher nenhuma, e muito menos as minhas próprias filhas. Jamais consegui conversar com elas. Se eu disser negro, elas dizem branco... Sempre foi assim.

Seu sentimentalismo cru e desesperado me deprimiu. No pequeno e sórdido escritório fazia um calor sufocante e me deu a impressão de que estava há horas preso nele.

— Onde acredita que Hilda esteja?

— Não tenho ideia.

— Poderia tentar descobrir se está em sua casa. — Sim, disse com um tom de dúvida.

Voltou a discar um número. No outro extremo da linha o telefone ficou chiando como um grilo cansado.

— Hilda? É você? Que diabos está fazendo aí?... Não, aguarde um momento. Quero falar consigo. E Archer tem alguma coisa que quer lhe mostrar. Vamos para aí agora mesmo.

Segui seu Lincoln através da cidade e estacionei no meio-fio junto ao seu depósito particular de sucata. A casa parecia ainda mais feia sob a luz do dia, uma casa amarela e descascada com janelas cegas, em volta de eucaliptos que pareciam cabelos verdes e desordenados. Se Hilda Church tinha trocado seu casamento por aquilo, seria porque seu casamento estava realmente muito mal. Hilda nos abriu a porta de chapa metálica. Meyer olhou-a da cabeça aos pés e passou bruscamente ao seu lado sem dizer palavra.

— Como vai, senhor Archer?

— Poderia estar melhor. Ou pior. E você?

— Perfeitamente, obrigado. Mas tinha cara de ter tido uma má noite. Seus olhos verdes estavam sombrios e a pele tinha uma cor azulada debaixo deles. Sorriu com falsa alegria. — Entre, por favor.

Enquanto me levava à sala de estar, observei que andava com passos vacilantes. Fez-me pensar em uma garota jovem se movendo desajeitadamente dentro de um corpo que tinha ficado grande, ameaçada pelas afiadas arestas do mundo. Sentei-me no velho sofá em frente da lareira. Alguém tinha tirado as cinzas. Toda a sala estava varrida e organizada. Meyer não se deu por informado disso. Hilda olhou-o com expressão de recriminação, secando as mãos nervosas e brancas no avental.

— Estive limpando a casa, papai. Meyer respondeu sem olhá-la:

— Não há necessidade de que fique aqui e limpe a casa. Ficará melhor se voltar para sua casa e cuidar de seu marido.

— Não penso em voltar, repôs ela com secura. — Se não me quiser aqui, procurarei outro lugar, como Anne.

— Anne é outra história. Não tem vínculos permanentes e vive de seu próprio trabalho.

— Eu posso fazer isso também. Se você não me quiser em sua casa. — Não é isso. Se está decidida a ficar aqui, por mim está bem. Mas o que vão pensar os outros?

— Quem são outros?

— A gente da cidade. Fez um gesto impreciso. — Todo o povo que votou a favor de Brand. Não causa bom efeito... Desfazer a família em um momento como este.

— Eu não tenho família.

— Poderia tê-la se quisesse, ainda não é muito velha.

— O que você sabe disso? Disse ela com voz entrecortada. — Não penso voltar e não voltarei. Ponto. Trata-se da minha vida.

— E da vida de Brand também. Está destruindo-a.

— Ele mesmo a destruiu. Pode fazer com sua vida o que lhe dê a vontade. Eu não lhe pertencço, nem a ele nem a ninguém.

— Nunca tinha falado desta maneira. Meyer parecia desconcertado.

— Brandon nunca se comportou desta maneira.

— Mas o que fez?

— Não me atrevo a falar disso. Tenho vergonha. As lágrimas nublaram os olhos dela. — Sempre foi atrás, de Anne e de mim, para que viéssemos para casa e cuidássemos de você. Agora que vim, não se sente satisfeito. Você não gosta de nada do que eu faço. — Não diga tolices.

Meyer quis lhe acariciar um ombro, mas ela se afastou. A mão, falta de prática, ficou revoando no ar durante um trêmulo instante, em seguida caiu a um flanco. Levantei-me, esperando romper a cansativa tensão que havia entre eles.

— Senhora Church, eu gostaria que visse alguma coisa que eu trouxe. Apanhei o salto talismânico. — Seu pai pensa que talvez possa identificá-lo.

Aproximouse de uma das janelas e levantou a persiana. A luz caiu sobre sua cabeça e seus ombros, galvanizando seu cabelo castanho. Olhou o objeto de couro que tinha na mão.

— Onde o encontrou?

— Nas montanhas perto do Lago Perdido. Sua irmã tinha um par de sapatos desta cor?

— Sim, acredito que sim. De fato, me consta que tinha. Cruzou a sala até a mim, com movimentos torpes por causa da agitação. — Aconteceu alguma coisa a Anne, não é? Diga a verdade.

— Oxalá soubesse. Se este salto for dela, na segunda-feira passada estive no bosque com Kerrigan, escavando um buraco no chão.

— Pode ser que escavasse sua própria sepultura, apontou Meyer lugubrememente.

— Acha que ela morreu, senhor Archer?

— Não quero assustá-la sem necessidade, mas seria uma boa ideia que esperássemos o pior. Assim qualquer surpresa será um alívio.

Olhou de novo o salto que apertava com a mão. Ao abrir esta, vi que os pregos tinham lhe deixado sinais vermelhos na palma. Tampou a boca com ela e fechou os olhos. Durante um segundo pensei que ia chorar. Seu corpo se balançou um pouco, mas pesadamente, como uma estátua de mármore que cambaleasse sobre seu pedestal por causa de um tremor de terra. Mas não caiu, e seus olhos se abriram outra vez.

— Isso é tudo? Ou há mais? — Perguntou.

— Encontrei também isto na cabana que Kerrigan tem no lago. Mostrei-lhe os três grampos de cor marrom que tinha recolhido da pele do urso.

— Anne sempre carregava grampos deste tipo. Meyer olhou-os por cima do ombro de sua filha.

— Caíam por toda a casa. De modo que passou o fim de semana com Kerrigan, não é?

— Duvido. Mas havia um homem com ela. Tem ideia de quem podia ser? Pai e filha se olharam sem dizer uma palavra. — Tony Aquista esteve lá em cima no sábado passado à noite.

— O que Tony fazia no lago? Perguntou Meyer.

— Pode ser que ele fosse o homem. Estiveram muito apegados há um tempo, mais apegados do que você imagina.

— Não posso acreditar. O rosto da Hilda havia ficado rígido e branco. — Minha irmã não queria vê-lo nem de longe.

— Isso é o que você acha, disse Meyer. — Não havia forma de saber o que Annie tinha metido na cabeça. Você convenceu a si mesma de que era uma santinha imaculada, mas eu sei de sobra o que era na realidade. Era uma... Sempre teve a cabeça cheia de vento. E brincou com Tony como brincou com outros, até que Tony começou a ser muito para ela.

— Não é verdade. Hilda se voltou para mim. — Não faça caso do meu pai. Anne nunca teve a cabeça cheia de vento. Na realidade, era muito inocente para seu próprio bem. Jamais pensou que podia se ver envolvida em... Algum escândalo. Meyer soltou um suspiro:

— Inocente! Já andava atrás de calças antes de cortar as tranças... Calças de qualquer tamanho, de qualquer cor. Mas, se a peguei nesta casa, aqui mesmo, nesta sala... Dei-lhe uma surra para acabar com isso.

O rosto da Hilda estava pálido e reluzente, excetuando os pedaços de crepom escuro debaixo dos olhos. Com voz medida disse:

É um velho porco e mentiroso. Meyer ficou branco como um morto.

— Assim sou um velho porco e mentiroso, é?

— Sim, e direi por quê. Anne gostava muito de você. Estava ciumento dos meninos, ciumento de sua própria filha...

— É uma maluca. Olhe que falar assim diante de um estranho, jogando lama em seu pai!

A voz se estrangulou em sua garganta. A mão subiu como empurrada por um impulso espontâneo, e a esbofeteou com força.

— Não, papai.

Interpus-me entre eles. A emoção o sacudia do mesmo modo que um terrier sacode um trapo. De

repente o soltei. Desabou sobre o sofá, flácido como um cadáver, mas respirando de forma audível pela boca. Fiquei de pé ante ele.

— Quem matou a sua filha, Meyer?

— Não sei —, disse com voz desfalecida, de velho. — Nem você está certo de que morreu.

— Estou bem certo. Você mesmo a matou?

— Errou de cabo a rabo. Está tão louco quanto ela. Eu não tocaria nem em um cabelo da cabeça de Annie.

— Tocou uma vez. E eu se fosse você, não sairia atirando palavras como “louco” por aí. Às vezes voltam como um bumerangue.

— Com quem falou?

— Com uma pessoa que conhece seus antecedentes e sabe o que fez com Anne.

Levantou-se trabalhosamente, a cabeça cambaleando sobre o pescoço peludo.

— Isso foi há dez anos. Então era jovem, não sabia me dominar. — Sua voz adquiriu um marcado tom de autocompaixão. — A culpa não foi toda minha. Ela andava de um lado a outro da casa sem roupa. Brincava comigo como fazia com os outros. A coisa chegou a tal extremo, que não havia maneira de tirá-la do meu quarto. Não pude me conter. Você não sabe o que sente alguém depois de tantos anos sem mulher.

— Vá procurar uma toalha para secar as lágrimas, velho. Não me venha com choramingo. Um homem que fez o que você fez é capaz de cometer um assassinato.

Moveu a cabeça violentamente, de um lado a outro, como se sobre ela se instalassem galinhas invisíveis dispostas a passar ali a noite.

— Já passou, já passou tudo. Nunca mais voltei a pôr as mãos sobre Annie.

— E a pistola que disse que tinha dado a ela? Esta história é verdade, Meyer? — Claro que sim. Juro. Cruzou-se o peito com um dedo, e o gesto pareceu obsceno. — Dei-lhe um velho revólver de polícia que guardava em casa. Aquista a tinha assustado, compreende? Se alguém a matou, terá sido Aquista. É lógico, não lhe parece?

— Então, quem matou Aquista?

— Eu não fui. Se acreditar que matei o meu próprio motorista, você está maluco. — Seus olhos avermelhados subiram até o meu rosto e se endureceram. — Ouça, amigo, eu não gosto disso. Eu não gosto nada de tudo isso. Você trabalha para mim, não?

— Eu me demito.

— Acho melhor. Agora suma da minha casa. — Comecei a andar para a porta. — Aguarde um minuto. Deve-me cem dólares. Quero que me devolva.

— Me processe.

Tentou se levantar e caiu de costas no sofá. Sua respiração era rápida e ruidosa. As extremidades se moviam convulsivamente. Olhei ao meu redor procurando Hilda. A porta metálica se fechou de repente.

Saí atrás dela, desci os degraus e atravessei a grama sem cortar. Voltou a cabeça e viu que a seguia; então começou a correr. Ao chegar na borda do solar, enredou os pés no mato. Caiu de joelhos, encolhida, o cabelo cobrindo o rosto, a nuca branca e nua exposta a um machado desconhecido e fatal. Levantei-a rodeando-a com um braço para ajudá-la a manter o equilíbrio.

— Aonde vai?

— Não sei. Não posso ficar aqui com ele. Tenho medo. Seus seios se agitavam contra mim como animais presos em uma rede. — É um homem malvado e me odeia. Odiou as duas desde que nascemos. Lembro-me do dia em que Anne nasceu. Minha mãe estava morrendo, mas ele ficou furioso com ela. Queria um filho. Gostaria de ver morta a mim também. Fui uma estúpida voltando aqui.

— Por que deixou o marido, senhora Church?

— Ameaçou me matar se colocasse os pés fora de casa. Mas qualquer coisa seria melhor que permanecer lá.

Levantou os olhos e em seguida seu olhar se moveu para o outro lado do solar cheio de chassis enferrujados. Mais à frente do solar, na rua, um sedã negro dobrou a esquina e parou perto do meio-fio, bruscamente. Vi o Stetson branco saindo do assento do motorista.

— É o Brand. Seu corpo ficou mole contra meu flanco, como se os ossos tivessem se dissolvido em terror ácido.

O xerife cruzou o solar caminhando rigidamente sobre pernas longas como êmbolos. Fui ao seu encontro. Ficamos cara a cara no atalho estreito.

— O que está fazendo com minha esposa?

— Será melhor que o pergunte a ela.

— Pergunto a você. Suas mãos estavam abertas, apoiadas nos flancos, mas tensas e trêmulas. — Disse-lhe que não se aproximasse dela. Também disse que deixasse este caso.

— Sua ordem não funcionou. Continuo nele, e continuarei.

— Veremos. Se acha que pode fazer caso omissos das minhas ordens, atacar os meus agentes, e ficar impune... Seus dentes cortaram a frase. — Vou lhe dar a escolher agora mesmo. Saia do meu condado antes de uma hora ou fique e o acusarei de um delito grave.

— O condado lhe pertence, não é?

— Fique e descobrirá.

— Já ouvi tudo isto, Church. Cada vez que tropeço com você, vem com um plano novo e brilhante para me fazer deixar o caso. Sou lento de entendimento, mas quando uma coisa como esta continua e continua sem parar, começo a suspeitar um pouco. Só um pouco.

— Não me interessam suas suspeitas.

— Certamente interessarão ao promotor do distrito, a menos que seja um tipo tão azedo como você. Se parecer que todo o governo deste condado é igual, irei mais acima. Levantou o olhar para o céu branco, coloidal. — O que o faz pensar que pode me falar desta maneira?

Havia alguma coisa histriônica na pergunta. Suspeitei que sua vontade estava dobrando sob a pressão, que sua integridade já havia se quebrado.

— O fato de que você é um farsante. Você sabe. Eu sei. Sua esposa sabe. Uma linha clara emoldurou

sua boca, uma linha quase tão branca e definida como se fosse riscada à giz.

— Quer me obrigar a matá-lo?

— Não tem coragem para isso.

Seus lábios se distenderam, deixando a descoberto dentes nos quais rebrilhavam as lembranças douradas de sua infância pobre. Seus olhos se afundaram de uma vez e escureceram. Observei-os esperando ver um sinal. O ombro direito desceu. Agachei-me e seu punho passou ao meu lado voando como uma abelha, me picando a orelha ao passar. Perdeu o equilíbrio e deu um tropeção, se expondo a receber um soco esquerdo na mandíbula ou um direito no estômago. Atirei-lhe o direito. Seu estômago era como uma prancha de madeira escondida debaixo da roupa. Bloqueou a minha esquerda com seu antebraço direito e contra-atacou com um soco de esquerda. Pegou-me na têmpora e me fez girar como um pião.

Hilda Church se achava agachada na borda do solar como um animal aterrorizado. Tinha os olhos muito abertos e vazios e a boca também aberta em um grito silencioso. Voltei-me para Church cobrindo o rosto. Seus punhos passaram por debaixo de meus cotovelos e fizeram com que eu dobrasse sobre mim mesmo. Respondi com um golpe de baixo para cima que lhe virou o rosto para o céu. O chapéu caiu no chão. Deu vários passos para trás, cambaleando, e desabou. Rodou pelo chão, ficou em pé e voltou a se lançar contra mim.

Sua esquerda encontrou meu estômago, em seguida meu nariz. Com muita dificuldade consegui ver que flexionava o corpo da cintura e me lançava um direito. Caí ao chão. Coloquei-me de joelhos e senti como seu punho voltava a explodir no meu rosto. Um calor líquido apareceu em um olho e tingiu a luz do dia. Levantei-me e fui para ele com a cabeça agachada, me lançando como um touro contra seu flanco esquerdo. Baixou a guarda e aproveitei para lhe dar um soco na mandíbula com a direita. A dor do impacto fez com que uma descarga elétrica me percorresse o cotovelo. Seu perfil impreciso girou para um lado, tingido de vermelho.

Medi-o com a esquerda e pus todo o meu peso atrás de um curto gancho de direita. Caiu de costas contra um modelo T sem rodas. Desta vez demorou para se levantar. Seus pés se arrastavam na erva murcha. A gravidade atrapalhava seus braços. Gostaria de debochar de sua guarda descuidada e acabar com ele. Em vez disso, imobilizei-o, em parte porque estava vencido e em parte porque a mulher gritou atrás de mim:

— Parem! Têm que parar!

Continuei imobilizando os braços dele. Seu rosto parecia uma caveira recoberta de pergaminho. A cicatriz da têmpora estava vermelha e pulsava. Lutou para se soltar, fechando os olhos por causa da dor que lhe produzia o esforço. Meu sangue caiu sobre ele, se mesclou com o dele e tive meu primeiro pensamento claro desde que a briga começou. Um de nós ia matar o outro.

A fúria voltou a se apoderar dele. Golpeou-me com um joelho e virou para trás, se livrando do meu abraço. Cambaleou para um lado, com os pés entre as ervas daninhas, e se apoiou no carro sem rodas, tentando recuperar o equilíbrio. O mundo parecia ter ficado paralisado. Vi que Church se apoiava no chassi do carro, as árvores imóveis sob o calor sem brisa, as montanhas por trás das árvores fantasmagóricas e bidimensionais sob a bruma. Sua mão se moveu para o quadril em um gesto mecânico e espasmódico.

O medo percorreu todo meu corpo como uma faísca lacerante. Trazia uma arma no bolso. Não tentei puxá-la. Era a única coisa que ele precisava para dizer que tinha agido em defesa própria. E ele era a lei. O quarenta e cinco que havia em sua mão apontou para mim. Seu silêncio, um silêncio que parecia se arrastar com ele, era pior que qualquer palavra. Se tinha chegado na minha hora, o momento e o lugar pareciam apropriados, sob o céu branco de um vale, na metade de um caso que nunca resolveria. Rios de suor frio corriam por debaixo de minha roupa e as gotas de sangue de meu queixo foram contando os segundos. A mulher avançou e deu uma volta ao meu redor.

— Brand. Este homem me ajudou. Não tem más intenções. Por favor.

As mãos da Hilda se estenderam para a arma, obrigando-a a descer. Aproximouse mais a ele e recostou o rosto em seu ombro.

— Por favor. Que não haja mais mortes.

Ele pousou os olhos sobre a cabeça da Hilda como se nunca a tivesse visto antes. Pouco a pouco seus olhos começaram a ver com clareza.

— Não haverá mais. Sua voz soava grave, gutural. — Vim para levá-la para casa, Hildie. Quer vir comigo? Ela assentiu com a cabeça, se apoiando nele como uma boneca obediente. — Suba no carro, então. Irei em seguida.

— Não haverá mais problemas? Promete? — Não haverá mais problemas. Prometo.

Voltou a embainhar a arma azul na cartucheira. Seus corpos se separaram gradualmente como uma célula gigantesca que estivesse se dividindo. Hilda andava com lentidão, aturdida, pelo caminho que levava à rua. O xerife a seguiu com o olhar até que a viu sentar no assento dianteiro do carro, com a porta fechada. Em seguida recolheu seu chapéu e ficou escovando-o com a manga enquanto se voltava para mim:

— Estou disposto a esquecer isto se você também estiver.

— Pois eu não estou.

— Comete um engano.

— Você comete seus enganos e eu cometerei os meus.

— Maldito seja, Archer! Não podemos colaborar?

— Nas condições que lhe conviriam, não. Vou ficar em Las Cruces até que este assunto termine. Tente me acusar de alguma coisa e lhe jogarei um par de acusações de minha própria colheita contra você.

— Por exemplo?

— Não cumprir com seu dever. Conspirar com criminosos.

— Não. — Alongou uma mão para meu braço. — Você não compreende.

Retrocedi para que não pudesse me alcançar.

— Direi o que compreendo. Estou tentando resolver dois homicídios e alguma coisa está impedindo isso. Alguma coisa que se parece com a lei e fala como a lei, mas não cheira como a lei. Ao menos, não cheira como a lei em meu nariz. Cheira a carne de zumbi. Um zumbi que recebe o dinheiro do público, senta atrás de uma mesa no tribunal e finge ser um funcionário.

— Sempre cumpri com meu dever. Mas falou sem convicção. Sua raiva se voltou para dentro e seus grunhidos corroídos estavam mordendo a si mesmos. — O que fez você ontem à noite, quando aquele caminhão saiu do condado?

Não respondeu. Ficou olhando o chão entre os dois, em seguida deu meia volta e começou a andar para o carro, tropeçando um pouco. As costas de sua jaqueta estava rasgada. Tinha uma mancha de terra na copa do Stetson. Sob a luz difusa seu corpo projetava uma sombra tênue e vacilante.

Procurei um médico e fiz com que me desse oito pontos no rosto. O doutor pareceu levar como uma coisa comum e normal e não fez nenhuma pergunta. Entretanto, quando terminou o seu trabalho me pediu vinte e cinco dólares em dinheiro. Era um médico desses, e eu era um paciente desses. Ao sair de seu consultório senti um impulso, um forte desejo de subir no carro e sair de Las Cruzes para não voltar mais. Não tinha nenhuma razão convincente para ficar. Assim cruzei a cidade em direção ao tribunal em companhia de meu complexo messiânico.

O edifício de cimento branco tinha uma torre e estava rodeado de canteiros cuja grama era tão verde como a erva artificial que os coveiros usam para ocultar o significado de seu trabalho. Sobre a entrada principal um baixo-relevo da justiça com os olhos enfaixados dava o rosto ao sol. Muito por cima de sua cabeça os ponteiros de ferro do relógio da torre assinalavam três e meia. Uma escada subia até o escritório que o promotor do distrito tinha no segundo andar. Na sala de espera, uma gorda loura com olhos de delegado me inspecionou de trás das barricadas de seus seios. Depois de tomar nota do meu nome e consultar pelo interfone, me escoltou até a sala particular do promotor, que ficava no fundo de um corredor. Era uma sala grande e cheia de sol, com um mínimo de mobiliário. Uns quantos toques humanos suavizavam sua luminosa impessoalidade: a fotografia de uma moça bonita sobre a escrivaninha, prateleiras cheias de livros, nem todos de leis, um par de litografias de Dom Freeman nas paredes.

Os promotores de distrito com os quais tratei, se dividem em três tipos principais. Um é o tipo amável, ligeiramente gordinho, que fracassou, ou quase, ao trabalhar como advogado particular e acabou no tribunal, adulando as pessoas que o colocaram ali. Outro é o advogado jovem e promotor que utiliza o cargo como trampolim para alcançar um cargo mais importante ou ganhar mais dinheiro trabalhando particularmente. O terceiro tipo, não tão facilmente encontrado como antes, é o funcionário público que preferiria viver em uma comunidade limpa, agradar um amigo e ver sua foto publicada nos jornais.

Westmore parecia pertencer à segunda categoria. Ofereceu-me um cigarro que ele mesmo acendeu, aproveitando a oportunidade para estudar meu rosto. O dele era magro, de ossos proeminentes e aspecto ambicioso até roçar o ascetismo. Estava usando óculos sem armação e coroadado por uma escova de cabelos prematuramente grisalhos que pareciam coluninhas de limagens de ferro. Depois de me aproximar uma cadeira, sentou atrás de sua mesa.

- Você é um personagem escorregadio, senhor Archer.
- Sinto muito. Tive que percorrer muito terreno.
- Parece tê-lo percorrido a quatro patas. Sua voz era severa e inteligente, com algumas fios de ironia. — Para falar a verdade, estava pensando seriamente em assinar uma ordem de busca e captura.
- Sob que acusação?

Há várias possibilidades. Resistência a um agente da lei, por exemplo. Em Las Cruzes essas coisas não são muito engraçadas. Sua boca mostrava uma expressão afetadamente decorosa.

- Refere-se a Church?
- Refiro-me ao agente Braga.
- Braga recebeu o que estava querendo. Possivelmente estaria procurando a garota se não estivesse brigando comigo.

— Braga se encarregou disso, agora. Entretanto, eu se fosse você, não me meteria em becos escuros. E não o aconselharia que tentasse de novo, com Braga ou com qualquer outro homem do departamento do xerife. Se você não está na cadeia é por uma só razão. Porque denunciou aquele carro no aeroporto. — Church reconheceu que eu o tinha encontrado?

— Naturalmente. O xerife reconhece o mérito de quem tiver. E o Buick era o que nos faltava para ter uma pista que nos levasse a Bozey.

— Assim Meyer me disse. Por isso noto que ainda não pegaram o Bozey. — Não, ainda não. Mas recebi um teletipo depois de falar com Meyer. A ficha de Bozey é longuíssima, vai desta parede à outra. Westmore pegou um papel amarelo e o esquadrinhou. — Furtos ainda quando estava na escola primária, vários roubos de automóveis nos anos seguintes: levar armas ocultas, ataques. É a progressão de costume. Contando um ano em Preston, estive entre as grades durante sete dos últimos onze anos.

— De onde é?

— Do lado oeste de Los Angeles. Mas já foi preso em cinco estados do oeste. A última condenação foi por dirigir um caminhão para uma gangue de contrabandistas de bebidas no Novo México. Saiu em julho e transferiu seu campo de operações para o noroeste. — O banco de Portland, roubou sozinho?

— Que se saiba, foi um trabalhinho individual. Quando menos, ele foi o único a entrar no banco.

— E levou vinte mil dólares?

— Vinte e dois mil e tantos. Para desgraça dele, não pôde gastá-los. Fizeram uma lista completa das notas roubadas e a têm feito circular por toda a costa e por todo o sudoeste. A compra desse carro em Los Angeles parece que foi sua única tentativa importante de passar uma parte do dinheiro. Conseguiu o carro, certamente, mas o tiro saiu pela culatra. Teve que fugir de Los Angeles com a polícia pisando em seus calcanhares. Saíram de um hotel da Rua Maior menos de uma hora antes que a polícia chegasse lá.

— A garota estava com ele?

— Hospedaram-se como marido e mulher. O senhor John Brown e senhora.

Um sorriso torcido apareceu na comissura da boca.

— Quando saíram de Los Angeles?

— Há seis semanas, em três de setembro. Roubou o banco de Portland no dia quinze de agosto. De três de setembro até ontem se perdeu de vista por completo.

— Não de todo, aponte. O promotor me dirigiu um olhar penetrante.

— Continue, se é que sabe alguma coisa mais. Acabo de lhe fazer confidências. Agora toca a você.

— Sabe onde fica o Lago Perdido, senhor Westmore?

— Sei. Tenho uma casinha lá. Por quê?

É um dos pontos focais do caso. Bozey e Summer ficaram escondidos lá durante vários dias em princípios de setembro. E foi lá também aonde Anne Meyer foi vista pela última vez... — O que faz ela no assunto?

— Está metida no meio. Ignoro que esforços estão se fazendo para localizá-la. Se já não tiver feito, sugiro que dê um alarme geral.

— O xerife deu ontem à noite. Até momento, não tivemos resposta.

— Acredito que deveria centrar a busca no Lago Perdido.

— Você terá algo para pensar assim?

— Sim. Dei-lhe o salto e as chaves da cabana e uma vez mais contei minha história.

O promotor me escutou com impaciência, dando golpezinhos sobre a mesa com uma mão inquieta, como se pudesse sentir os segundos que foram escapando por debaixo dos dedos.

— Pode ser que MacGowan esteja mentindo. Não parece fantástica sua história?

— É tão descabelada como a vida. Se a inventasse, teria procurado alguma coisa mais crível. Além disso, eu vi o buraco.

— Pode ser que ele mesmo o escavasse. E tem motivos para mentir, se é o avô da Summer.

— MacGowan nem sequer sabia que a garota estava em apuros quando me falou dos coveiros.

— Parece que, pelo menos, o convenceu.

— Interrogue-o você mesmo.

— Penso em fazer isso. Entretanto, quero que você faça uma declaração. — Para isso vim.

Conectou o interfone e pediu que enviassem um estenógrafo do tribunal. Um homem de ar distinto e cabelo branco entrou no escritório com uma pesada máquina de estenotipia e a instalou junto à mesa. Enquanto seus velozes dedos foram tomando nota de minha declaração, Westmore ficou andando de um lado a outro do escritório.

O xerife interpretava um papel puramente convencional em meu relato. Se Westmore fosse um homem diferente, possivelmente eu teria falado claro. Mas Westmore era muito afável e não confiava em sua afabilidade. Tinha mais poder que o xerife, mas eu não podia saber com segurança como o utilizava. Na metade de meu recital, chamaram-no e precisou sair da sala. Voltou com os olhos brilhantes, muito agitado. Depois de que o estenógrafo partiu, me falou por quê.

— Acabo de conversar com alguém do serviço de informação do Departamento de Rendas Internas. Esta manhã lhes fiz chegar os livros de Kerrigan. Não tiveram tempo de fazer uma análise completa, mas já estão certos de que estava extorquindo o governo.

— Evasão do imposto de renda?

Sim, e há vários anos. Ganhou muito dinheiro com seu bar nos finais dos anos quarenta, dinheiro que não declarou como renda.

— Aonde foi parar o dinheiro? O promotor encolheu seus ombros estreitos, embainhados em pano listrado.

— Las Vegas, Tanforan, Caliente... Um ano depois de comprar o Golden Slipper, começou a ter dois jogos de livros. Ao que parece, fez com a conivência de Anne Meyer. Ela era a secretária e sua contadora naquele tempo. O governo está há vários meses tentando encontrar provas concretas contra eles. Disseram-me que pensavam fazer Kerrigan e Meyer comparecer ante o grande júri.

— Não admira que ele tentasse partir. Westmore assentiu solenemente com a cabeça.

— Donald Kerrigan estava nas últimas, financeiramente, moralmente e sob todos os pontos de vista. Até seu casamento tinha naufragando. Acabo de falar por telefone com Kate Kerrigan. Em certo sentido, ele teve mais sorte que ela. Porque se livrou.

— Ela não?

— Se o governo insistir em levar o caso adiante, não. Kate assinava as declarações conjuntas de impostos, claro que sem saber que ele as tinha falseado. Mas provavelmente poderão lhe tirar tudo o que restou.

Pensei em Kate Kerrigan, ainda aprisionada pelas consequências de uma escolha desacertada que tinha feito sete anos antes.

— Não parece muito duro para ela?

— Nada acontecerá se eu puder evitar. Kate é uma mulher que têm sofrido muito e tem suportado tudo como uma santa, sim, como uma verdadeira santa.

Não discuti, embora santa não fosse a palavra justa.

— Também eu gosto dela.

— Alegria-me ouvi-lo dizer isso. A propósito, perguntou por você. Quer vê-lo quando tiver terminado aqui.

— Está em casa?

— Em casa, sim. Há alguma coisa que não disse a ela, e que não quero que ninguém lhe diga, a ela ou a outra pessoa. Olhou-me com certa expressão dúbia.

— Não passará de mim.

— Bem, é alguma coisa que concorda com sua ideia de que a Meyer ocupa um lugar central neste

caso. Segundo seus cheques anulados, Kerrigan esteve lhe pagando mil dólares mensais durante o último ano.

— Um salário muito grande para uma diretora de motel.

— É mais dinheiro do que Kerrigan tirou do negócio.

— Chantagem?

— Parece a hipótese lógica. Dinheiro para que se calasse, provavelmente alguma coisa relativa às suas armações com o imposto de renda. Fosse o que fosse, lhe deu um motivo poderoso para assassiná-la. Isso encaixa com suas ideias?

— Ao menos no momento.

Westmore se aproximou da janela e ficou um momento de pé junto a ela, de costas para mim. Ao se voltar, a luz do sol arrancou brilhos de seus óculos.

— Suponhamos que Kerrigan matou Anne Meyer na segunda-feira e que, em seguida, se desembarçou do corpo. Sabia que iriam encontrá-lo antes ou depois, e que ele seria o suspeito óbvio. Sem dúvida também sabia que o Departamento de Rendas Internas estava se preparando para acusá-lo. Assim decidiu voar, levando todo o dinheiro que pudesse reunir.

— E a Summer.

— É óbvio. Essa garota é o agente catalítico da reação. Ela pôs os seus dois homens, Bozey e Kerrigan, em contato e os fez tramar um plano para se apoderar de um carregamento de bebidas. Bozey tinha vinte mil dólares que não podia gastar. Kerrigan tinha as relações que lhe permitiriam encomendar as bebidas e preparar o roubo da mesma por Bozey. Até tinha um esconderijo temporário na base aérea. Bozey lhe pagou todos estes serviços com dinheiro roubado.

— Dinheiro que Kerrigan tampouco teria podido gastar.

— Evidentemente, isso Kerrigan não sabia. Extorquiram-no. Bozey utilizava à garota como isca para pescá-lo. O jargão da vadiagem soava estranha, pronunciada com o acento educado de Westmore.

— Pode ser, disse mas ela levou a sério. Estava apaixonada pelo Kerrigan. O promotor elevou as sobrancelhas.

— Como sabe?

— Por sua forma de falar. Além disso, eu os vi juntos.

— Não lhe parece uma prova bastante subjetiva?

— Sim, mas não podemos ignorá-la. As pessoas são humanas. Isso inclui as garotas que estão em Corona e às garotas que vão para lá.

— Não vamos discutir. Seu rosto havia ficado rígido, se transformando em uma máscara oficial. Era um burocrata, embora fosse muito a contragosto. — Em qualquer caso, é cúmplice de um assassinato. Sabemos que Bozey matou Aquista.

— Sabemos com certeza?

— Estou convencido de que assassinou os dois, Aquista e Kerrigan. As balas que os mataram saíram da mesma arma. Dê uma olhada na ficha de Bozey. Que não tenha matado antes é pura casualidade. Estava disposto a matar por esse carregamento de uísque. Para ele o uísque era melhor que o dinheiro, melhor que o tipo de dinheiro que tinha. Neste país ainda há estados em que o bom uísque de contrabando constitui uma mercadoria valiosa.

— Novo México é um deles. Os índios das reservas pagam-no a preço de ouro.

— Não tinha me esquecido. Temos vigiadas todas as estradas que saem do estado. Quando tentar cruzar a fronteira com esse caminhão jogaremos a rede.

E então teremos um pacote preparado para ele.

— Será um pacote feito com papel de seda.

— O que tem o papel de seda? Perguntou secamente.

— Que se rasga com facilidade. Disse que Aquista e Kerrigan foram assassinados com a mesma arma.

— De fato. Danelaw fez um bom trabalho com as balas. A de Kerrigan ficou em pedaços ao se chocar com o osso do crânio, mas restou o suficiente para fazer uma identificação positiva. Saiu do mesmo cano de revólver que a bala que encontramos no peito de Aquista.

— Que tipo de cano?

— O de um revólver trinta e oito. Danelaw acha que provavelmente era um velho revólver da polícia.

— Se os seus dados de balística estão certos, Bozey fica descartado. Ele não matou Kerrigan.

— Pois eu digo que o matou.

— Aguarde um instante. Pense no que isso significa. Significa que dirigiu o caminhão pela estrada da base aérea até o motel, em um momento em que todos os policiais do condado o andavam procurando. Estacionou o caminhão roubado na frente do motel, entrou e deu um tiro no seu cupincha. Que motivo podia ter que justificasse o risco?

Westmore se inclinou sobre a mesa, apoiando seu peso nos dedos estendidos; sua pose era muito própria de um promotor.

— A morte de Kerrigan eliminou uma testemunha contra ele, uma testemunha que seria perigosa assim que descobrisse que o dinheiro que tinha lhe pago não serviria para nada. Além disso, Kerrigan estava a ponto de fugir com a garota de Bozey.

— A hipótese não fica de pé, disse. — Bozey tinha o que queria e já estava levando. Não ia voltar atrás simplesmente para ter a satisfação de ver voar os miolos de Kerrigan. E se não cometeu um assassinato, tampouco cometeu o outro... Sempre e quando Danelaw saiba do que está falando.

— Confio plenamente em Danelaw. E afirmo que Bozey cometeu ambos os assassinatos. Ou, se não foi ele, matou Aquista e em seguida deu o revólver a garota para que o usasse contra Kerrigan.

— Isso é muito improvável.

— Ao contrário. Estas duas hipóteses são as únicas possíveis que encaixam nos fatos. Há certa lei de economia na interpretação de provas. — De falsa economia se não se levarem em conta todos os fatos.

Dirigiu-me um olhar severo, de homem acostumado a interrogar testemunhas de defesa.

— Há mais provas das que você tenha conhecimento e que eu ignore?

Devolvi-lhe o olhar, com uma expressão tão inocente quanto possível. Não era o tipo de homem que alguém podia chegar a conhecer em uma hora, ou em um ano. Pensei que seria duvidoso que um homem do brilhantismo e da distinção de Westmore tivesse alguma coisa a ver com algum trambique do tribunal. Mas às vezes a política supera o sexo no que se refere a criar estranhos casais.

Levantei-me e andei até a janela. No jardim uma equipe de detentos de confiança estavam podando os arbustos do tribunal. Eu não sentia o menor desejo de ser um deles. Em alguma parte que eu não conseguia ver, uma ideia zumbia como um inseto apanhado no calmo âmbar da tarde.

— Deduzo que sabe de alguma coisa, disse o promotor, que tinha se colocado junto a mim.

— Nada de concreto.

— Vamos, fale de uma vez. Não tenho tempo a perder.

— Meyer me contou uma história sobre uma arma. Não estou certo de ter acreditado nisso. O significativo é que foi ele quem puxou o assunto.

Possivelmente tentasse explicar o seu desaparecimento.

— Que tipo de arma?

— Um revólver trinta e oito, da polícia. Diz que o emprestou para a filha Anne no outono passado. Que ela pediu uma arma para se proteger de Tony Aquista.

— Aquista?

— Meyer diz Isso. Possivelmente minta.

— Não o entendo... Acreditava que você trabalhava para Meyer.

— Não mais. Entre nós se interpôs uma coisa que aconteceu há dez anos.

Isso foi antes de sua época?

— Nada disso. Estou há quase quinze anos exercendo aqui.

— Então, provavelmente lembrará do caso. Meyer foi acusado de atacar a filha mais nova.

— Lembro-me, disse com acento lúgubre. — Mas não chegou a comparecer ante um tribunal, entretanto. A garota estava muito assustada para acusá-lo. E suponho que Meyer tocou algumas molas. O melhor que o juiz Craig pôde fazer, foi declarar que a casa de Meyer não era lugar apropriado para uma menor de idade e lhe tirar a garota das mãos.

— Que reputação tem Meyer, além disso?

— Entendi que era um tipo cuidadoso nos seus primeiros anos. E ouvi dizer que seu primeiro capital conseguiu transportando bebida para contrabandistas mexicanos nos anos vinte. Isso foi antes da minha época.

— O xerife não tem cuidado quando escolhe seus parentes políticos.

— Um homem não se julga pelo seu sogro, disse Westmore com voz severa. — Church sabia de tudo referente ao velho quando se casou com Hilda. O que mais lhe importava era liberar ambas as moças da influência de Meyer. Ele mesmo me disse isso numa noite, enquanto tomávamos um par de copos.

— A família tem dinheiro, não é? O rosto do promotor se endureceu.

— Se tenta pescar o que eu estou imaginando, é melhor que recolha sua linha. O xerife não se interessaria pelo dinheiro. Trabalha dezesseis horas por dia por menos do que eu cobro. Church se apaixonou pela filha de Meyer e se casou com ela. Nada mais. Church faz o que ele acha correto, sem prestar atenção às consequências.

— Alegria-me saber, disse, acariciando a atadura que cobria um lado do meu rosto. — Pode se dizer o mesmo do agente encarregado das identificações, Danelaw?

— Temo que não o compreendo.

— É possível confiar que Danelaw não mudará os fatos, levem aonde levarem?

— Absolutamente.

— Embora levem ao seu próprio departamento?

— Não pode estar falando de Brandon Church. Pensei que estava pisando em terreno perigoso, assim retrocedi um pouquinho.

— Isso é o que você imagina. Os olhos de Westmore lançaram brilhos como um par de cabeças de prego e sorriu geladamente.

— Danelaw quer ser xerife mais que qualquer outra coisa do mundo. — Em tal caso, mande-o a casa de Meyer. O velho tem uma galeria montada para tiro no porão. Pode ser que Danelaw encontre mais balas do trinta e oito como as que encontrou em seu trabalho. E, claro, também pode ser que não encontre nenhuma.

Encontrei Kate Kerrigan me esperando no carro.

— Temia não encontrá-lo, disse quando abri a porta. — Vim de táxi. O senhor MacGowan telefonou da central elétrica.

— Perguntando por mim?

— Sim, agora está a caminho de minha casa para ver você. Não foi muito explícito, mas acredito que é alguma coisa a respeito da neta. Disse-me que não falasse com ninguém de sua ligação, exceto a você.

Subi ao carro e pus o motor em marcha. A escola acabava de abrir as portas de suas jaulas. A poucas quadras do tribunal uma avanço de bólidos tinha tomado a rua de assalto e atrás dele partia um exército irregular de garotos de jeans e garotas bonitas com as pernas ao ar. Algumas das garotas teriam mais ou menos a idade de Jo. Perguntei-me o que seria o que a separava delas, onde estaria a diferença. Kate mudou a direção de meus pensamentos.

— E pensar, disse, — Que eu era uma destas meninas, há menos de dez anos. A mais afortunada. Papai ainda vivia, eu era a rainha da escola e o capitão da equipe de futebol me levou ao baile. Achava que tudo ia ser maravilhoso, durante o resto de minha vida. Por que ninguém me avisou?

— Ninguém avisa.

— Deixaram que eu vivesse em um mundo de sonho, disse com amargura. — Deixaram que acreditasse ser especial, que jamais poderia me acontecer algo de ruim. Sabe quem acreditava ser? A Dama de Shalott, olhando o mundo num espelho. E então o espelho se quebrou. Você conhece o poema? — Também li quando estava na escola.

Ficamos em silêncio durante o resto do trajeto até sua casa. Não havia sinais de MacGowan, e Kate me pediu que entrasse e esperasse ali. Na sala de estar fazia frio mesmo tendo recebido a luz do sol durante todo o dia. Nas paredes gorjeavam ainda os ecos da discussão que eu tinha escutado às escondidas. Kate jogou o chapéu negro e as luvas sobre uma cadeira e me indicou que sentasse em outra.

— É pior ainda do que pensava. Sam Westmore lhe contou?

— Um pouco.

— Dom me deixou com menos que nada. Sam diz que possivelmente terei que pagar o imposto de renda dos vários anos que Dom não pagou. Eu nem sequer sabia disso.

— Não acontecerá nada se Westmore ganhar o processo. É um bom amigo, não é?

— Sempre acreditei que fosse.

— Mas e se acontecer? O que fará se ficarem com o resto de sua propriedade?

— Ficarei sem nada.

— Tão ruim é essa perspectiva?

— Não sei o que dizer. Ainda não comecei a pensar nisso.

— Pois faça-o agora mesmo. Do que tem tanto medo? É jovem, bonita e inteligente. Sua mão sem anel fez um gesto de impaciência.

— Não posso responder a essa pergunta. Hoje, não. Obrigado pela boa intenção, de qualquer maneira.

— Não vejo nenhum motivo para que chore a sua perda. Ele fez um favor a você ao levar um tiro. Possivelmente fez outro ao gastar seu dinheiro. Olhou-me como se tivesse dúvidas sobre minha

prudência. — Pode-se saber o que quer dizer com tudo isso?

— Que voltará a casar...

— Nunca.

— Sim, voltará a casar. E terá uma oportunidade melhor de encontrar um marido honrado, não outro Kerrigan. Neste estado há vários rapazes que andam atrás do dinheiro fácil, parasitas que vão em enxame aonde há dinheiro. Conheci mil Kerrigans.

— Tantos assim?

— Dê uma volta por Beverly Hills, Santa Bárbara ou Santa Mônica e verá dois ou três deles em cada quarteirão, conduzindo seus Jags e seus Caddies.

— E todos eles são... Casados?

— Alimentam-se das mulheres. Enquanto as mulheres possuírem três quartas partes das propriedades deste país, haverá homens que tentarão lhes tirar, e conseguirão. Você pertence a maior das associações secretas de mulheres que há nos Estados Unidos: a das garotas acomodadas que se casam com quem não devem e vivem a se lamentar. É o corpo de auxiliares femininos da irmandade da pensão alimentícia. Olhou-me com expressão aturdida.

— Vive em um mundo terrível, não é?

— O mundo real.

— Como suporta?

— Não investindo meus sentimentos em quem não merece. E você?

— Eu não o suporto. Isso é óbvio, não é? Sou uma garota educada e delicada... Deu um tom de ironia à frase, — Que esperou muito tempo para crescer. Crescer parece difícil... Não é estranho que tão poucas pessoas consigam Uma funda ruga de preocupação apareceu entre suas sobrancelhas e, trocando de tom, acrescentou: — Dom não era tão ruim como você acha. Esforçava-se sinceramente, ao menos se esforçou durante um tempo. A culpa de que não soubesse dirigir o dinheiro não era inteiramente dele. Eu deveria ter ajudado. Poderia ajudá-lo, de muitas maneiras. Não fui uma boa esposa para ele. Precisava mais do que eu podia dar.

— Precisava mais do que qualquer um podia dar.

— Você diz palavras muito duras nesta tarde.

— Sinto muito. Conheci um monte de Kerrigans, como disse. Nascem com um vazio ali onde deveriam ter o coração. Ou acontece alguma coisa quando são meninos. O caso é que neles não há nada exceto fome, um buraco faminto que não consegue encher.

— Como uma mulher?

Ficou de pé, ruborizada e cheia de confusão, e se aproximou da janela. Ao fim de um momento, se dirigindo a mim ou à cidade que não a escutava, disse:

— Não conseguiria fazer pior, não é? Quando penso no que era meu pai... Um homem respeitado neste vale. Meu avô fundou a universidade de Las Cruces, em terrenos que ele mesmo doou. E eu os traí. Seu dinheiro não é a única coisa que esbanjei. Também esbanjei sua reputação, tudo o que representavam, todo o passado. Virou-se e seus olhos percorreram o aposento bonito e ártico. — Não parece justo, não parece possível, que consegui destruir tanto com um só erro.

— Não está destruído e você tampouco está. Os farsantes como Kerrigan não podem destruir as pessoas e as coisas verdadeiras.

— Não podem?

Voltou a me dar as costas. Com o cabelo luminoso solto sobre o pescoço, parecia uma moça jovem e esbelta. Parecia difícil acreditar que tivesse passado por sete anos de casamento desastroso e que uma pistola a deixara viúva. Aproximei-me dela.

— Sua vida não acabou, está recomeçando.

— Acho que não poderá me consolar com filosofia barata... Não, me perdoe pelo que acabo de

dizer. Você foi amável comigo desde o começo.

— Pareceu-me fácil, Kate.

— Dom dizia que eu não era uma mulher. Sou uma mulher, não é verdade?

Obriguei-a a se virar segurando-a pelos ombros e a abracei. Deu-me sua boca. Apertando os lábios contra os meus, disse:

— Sinto que tenham lhe feito mal, Lew. Por favor, não volte a se arriscar.

— Não me arriscarei. E isto não é nada.

— Sericamente sou uma mulher? Você... Se sente atraído por mim?

Não consegui responder a sua pergunta com palavras... Ao cabo de um momento, disse:

— Sinto-me como a viúva de Éfeso.

— Eu digo coisas duras e você está carregada de alusões literárias. Mas continue. Parece muito educativo.

— Está debochando de mim.

— E por que não? Atraiu minha cabeça para seu ombro branco e torneado e me sussurrou ao ouvido:

— Tenho-o feito se sentir homem, Lew? Sim?

— Já me sentia homem antes. E continuo me sentindo homem.

— Está fanfarroneando.

— Certo, estou fanfarroneando. Aqui ninguém pode me ouvir salvo você, e não se importa.

Pôs-se a rir. Na calçada se ouviram alguns passos irregulares, se arrastando,. A campainha da porta soou.

MacGowan tinha feito a barba. Seu rosto aparecia dobrado como papel lustroso de embrulhar sob um velho chapéu cinza. Usava um puído terno de sarja azul e uma gravata preta. Tirar a barba tinha envelhecido-o, mesmo colocando roupa de domingo e descido ao vale de carro.

— Josephine veio me ver, depois de tudo, disse. Saí e fechei a porta atrás de mim.

— Está no lago agora?

— Não, já foi embora outra vez. Passou o dia todo percorrendo o deserto de um lado a outro, procurando Bozey. Estava esgotada. Tentei fazê-la ficar comigo, mas se negou. A única coisa que queria de mim era que lhe dissesse como se chega a Traverse.

— A Traverse?

— Ao que parece, ali é onde Bozey está. Josephine foi buscá-lo.

Apoiou-se no marco da porta, esgotado pelo esforço de falar claro. Passei-lhe um braço pelos ombros para que se tranquilizasse. Seus ossos eram magros como um espantalho.

— Ela lhe disse?

— Não disse que ele estivesse ali; isso eu imaginei. Quando passaram uns dias comigo em setembro, ele se mostrou muito interessado nesse lugar... Deveria ter pensado nisso antes, quando falei com você. Fez-me muitas perguntas sobre Traverse.

— Que tipo de perguntas?

— Onde ficava e como se chegava lá.

— E você o que disse?

— Naquele momento não vi nada de mal em lhe dizer. Traverse fica do outro lado de Baker, no lado de Nevada. Terá que sair da estrada ao chegar a um povoado que se chama Yellow Ford e dali viajar uns dezesseis quilômetros através das montanhas até chegar a Traverse. É um verdadeiro deserto, essa região.

— As estradas são transitáveis?

— É isso o que Bozey queria saber. Disse que gostaria de fazer uma excursão por ali, acampar. Sim, a estrada é transitável... Ao menos era da última vez que estive lá. A maior parte dela foi aberta na rocha sólida, com explosivos.

— Acha possível que tenha ido para lá com um caminhão grande?

— Não vejo por que não. Construíram-na de modo que suportasse equipamento pesado.

— E diz que Jo vai para lá neste momento?

— Certamente. Pediu-me que desenhasse um pequeno mapa para saber como se chega lá.

— Quer desenhar um para mim?

— Não. Mostrou seus dentes amarelos ao sorrir com tristeza. — Vou com você, filho. Meus pés já não são tão rápidos como em outros tempos, mas ainda posso atirar se for necessário. Não tentei dissuadi-lo.

Quando descii à rua depois de me despedir de Kate, MacGowan tinha tirado um rifle da parte posterior de seu Ford modelo A. Era um rifle de caça, de médio calibre, com mira telescópica. Colocou-o cuidadosamente no assento traseiro do meu carro e em seguida se sentou diante dele.

— Por que decidiu vir até mim?

— Acredito que você é um homem justo. Fala como se fosse. Vou me arriscar para ver se também se comporta como um homem justo. — Farei todo o possível.

Virei para o sul na avenida, à caminho dos limites da cidade. Anoitecia e nas casas começavam a se ver luzes. As montanhas jaziam como gigantescas mulheres cobertas de véus, se recortando sobre o verde do este. Algumas estrelas dispersas começavam a se cravar nas bordas da noite. A voz de MacGowan surgiu da escuridão crescente:

— Josephine tem vivido entre ladrões. Não podia ficar sentado sem fazer nada. Deveria tê-la visto hoje, toda suarenta e desgrenhada, com o rosto sujo e esse olhar assustado nos olhos. Quase não a reconheci.

Paramos no Barstow para comer sanduíches e tomar café, além de que revisassem os pneus. O ar ficava mais frio à medida que a noite avançava. A uma hora mais ou menos de Baker, outras montanhas se elevavam sobre o horizonte. Sobre elas as estrelas formavam agora brancos cachos. Um quantas luzes brilhavam a seus pés, como excrementos luminosos cansados do céu. As montanhas vinham para nós seguindo o terreno plano. De repente nos encontramos com que as tínhamos visto quase em cima de nós, apagando um lado do céu. MacGowan rompeu um comprido silêncio:

— Já chegamos a Yellow Ford.

O povoado consistia em uma loja dessas em que vendem de tudo ou quase, um posto de gasolina, algumas casas de madeira, vários barracos de papelão, o escritório fechado de um corredor de bens em volta de quilômetros de bens desocupados. No posto de gasolina um rótulo de lona anunciava “Exposição de Cascavéis Autênticas e Outros Répteis: Pare e Veja os Monstros de Deserto”. Um homem de camisa quadriculada vermelha saiu do posto quando parei o carro perto das bombas.

— Gasolina. O homem ligou a bomba.

— Quer ver as serpentes enquanto espera? Tenho uma de quase metro e meio de comprimento.

— Estou procurando outro tipo de animal.

— Um Lagarto? Meu lagarto morreu.

— Um homem. Descrevi Bozey. Houve uma pausa longa e desértica.

— Não o vi esta semana, disse finalmente.

— Mas viu?

— Se se tratar do mesmo jovem ruivo, sim. Veio colocar gasolina um par de vezes no mês passado e ficou um momento conversando.

— Com que carro?

— Um cupê Buick. MacGowan me deu uma ligeira cotovelada.

— É ele.

— Onde se hospedava?

— Não disse. Em alguma parte das montanhas. Assinalou-as com um gesto do braço. — A primeira vez que veio comprou um saco de dormir e um fogão de campanha na loja que há ao outro lado da rua. Disse que estava procurando urânio, mas se notava que não tinha nada de buscador. Era incapaz de distinguir o mineral de ferro do cobre.

Fechou a bomba e se inclinou sobre a porta aberta. Seus olhos esclarecidos pelo sol olhavam através das rugas de seu rosto de couro.

— Fez com que eu ficasse um pouco nervoso no final. Senti uma sensação estranha. Na última vez que veio, pensei que possivelmente tinha a intenção de me roubar. Mas não me roubou.

— Quando foi isso?

— Por volta de meados da semana passada. Após não o vi mais. Pode se saber o que fazia por aqui?

— Esconder-se.

— Para a polícia não achá-lo?

— Poderia ser. Disseram-me que passou por aqui na primeira hora desta manhã, dirigindo um

semirreboque grande, de alumínio. Por acaso o viu?

— Não. Não abro até as oito.

— Possivelmente viu uma garota. Uma moreninha muito bonita em um MG esportivo.

— Sim, passou por aqui há um par de horas. Sem parar. MacGowan se inclinou para a porta.

— A estrada de Traverse está aberta?

— Que eu saiba, sim. Ainda não nevou por lá. Agora que estou pensando, deve realmente estar aberta. Um caminhão subiu lá hoje.

— Um caminhão de alumínio? Perguntei.

— Um caminhão azul, muito grande, parecia desses que transportam móveis. Subiu ao redor das quatro da tarde. De dia pode se ver parte da estrada daqui. Enquanto eu pagava a gasolina, acrescentou:

— Se pensam subir para Traverse nesta noite, tomem cuidado com os desmoronamentos. Faz um par de anos que não a limpam. Agradei e seguimos nosso caminho.

MacGowan tinha o corpo inclinado para frente, como se com isso pudesse aumentar a velocidade do carro.

— Josephine está lá. Não há dúvida.

Não seria a única.

Durante os primeiros quilômetros, a estrada era reta e lisa. Em seguida começava a virar e a se retorcer sobre si mesma. A superfície estava cheia de buracos e me vi obrigado a diminuir a marcha. Mais ou menos na metade da subida, as rodas de meu carro se enfiaram em um buraco cheio de areia, aos pés de um aterro que ameaçava desmoronar de um momento a outro. Do outro lado da estrada o terreno formava um precipício escarpado que caía sobre um cânion. Diante de nós outro desmoronamento aparecia cheio de sulcos sob a luz dos faróis. Parei o carro e desci. MacGowan ficou no assento da frente.

A areia cobria mais da metade do caminho. Em seus bordos havia rastros de uns pneus grandes: o rastro de um caminhão grande. Ao examiná-los mais perto com minha lanterna, encontrei dois jogos de rastros de pneus, um deles sobreposto parcialmente ao outro. Ambos eram recentes. Levantei-me sentindo como o coração me golpeava as costelas. Em alguma parte das negras alturas que ficavam sobre minha cabeça um som leve, como um gemido, rasgou o silêncio. Não me movi. O som cresceu em meus ouvidos. Era o motor de um carro que descia a montanha.

Uma luz lançou brilhos contra o céu, definindo um contraforte rochoso que havia diante de nós. Voltei para meu carro e apaguei os faróis. Não tínhamos tempo de tirá-lo do meio. Apanhei a pistola e me escondi atrás da porta dianteira. MacGowan pegou o rifle.

Faróis dianteiros projetaram seus compridos fochos por cima do cânion, em seguida voltaram para a estrada e bateram em meus olhos. O pequeno carro esportivo apareceu dando saltos pela curva, fazendo soar a buzina. Em seguida os freios fizeram seu trabalho. O veículo fez várias esses, derrapou de lado até se meter na areia e ficou por um triz de cair montanha abaixo. Jogada por cima da porta baixa, a pessoa que o dirigia caiu de bruços sobre o meio-fio e ficou imóvel.

— É Josephine, disse MacGowan.

Corri para o seu lado e iluminei o seu rosto com a lanterna. Rios gêmeos de sangue desciam por seu lábio superior. Nos olhos havia uma expressão fixa, fruto da comoção, mas a garota estava consciente. Tentou se levantar pela metade, mas foi inútil. Apoiei-a com um braço. Sua carne era muito macia, preenchendo uma armadura frágil, pois a moça parecia não ter ossos.

— Estou ferida, anasalou.

Limpei-lhe o sangue dos lábios e então vi que tinha o vestido rasgado até a cintura. O corpo aparecia cheio de machucados e que não eram fruto da queda. MacGowan desembarcou do carro e começou a subir trabalhosamente pela encosta. Com uma dureza que não sentia, disse à garota:

— Todas as prostitutas acabam ferindo antes ou depois. Não deixa de ser justo, já que ganham a vida fazendo mal a outros.

— Em toda minha vida não fiz mal a ninguém.

— O que me diz de Tony Aquista?

— Não sabia nada de Tony. Falo seriamente, amigo.

— E Kerrigan?

— Dom já estava morto quando cheguei lá. Eu não o matei.

— Então, quem foi?

— Não sei. Bozey tampouco sabe. Precisava me encontrar com ele, íamos fugir juntos, ele e eu.

Já estavam passando os efeitos da comoção. Os olhos começavam a se mover e a recuperar o brilho. Uma lágrima solitária deixou um rastro luminoso em seu rosto. Decidi dar uma de malandro:

— E o dinheiro que Bozey deu a Kerrigan?

Não respondeu. Mas sua cabeça se movimentou sobre meu braço, involuntariamente, e a extremidade do olho se moveu para o carro esportivo. Atrás de mim, MacGowan disse:

— Josie, está bem?

— Claro. Estou maravilhosa. Tudo é maravilhoso. Sua língua bicuda percorreu o lábio superior. — Avô?

Deixei-a com ele e me pus a revistar o dois lugares. Havia um pacote no chão, atrás do assento do motorista, um pacote de forma retangular, feito com papel de jornal e amarrado com uma corda suja. Rasguei o envoltório. Estava cheio de dinheiro, notas de cinquenta, de cem e de quinhentos, todas novas. O papel de embrulho era um exemplar do Oreganian de Portland, com data do mês de agosto passado. Recolhi o pacote, meti-o na caixa de aço em que levava as provas e o guardei tudo no porta-malas do meu carro. Dinheiro e maconha, o material com que se elaboram os sonhos. Jo já tinha levantado, se apoiando nos braços de MacGowan. Miava como uma gatinha, uma gatinha molhada em um mundo chuvoso:

— ...Fizeram um círculo ao meu redor. Quebraram umas garrafas, se embebedaram e fizeram sexo em turnos comigo. Uma vez e outra e outra. Sua voz subiu a saltos as oitavas do desespero. O rosto do velho parecia de granito perto do cabelo emaranhado de sua neta.

— Vou matá-los. Quantos são?

— Três. Vieram de Albuquerque para apanhar o uísque. Deveria ter ficado consigo, avô. MacGowan franziu o cenho com expressão de dor e desconcerto.

— Porque o seu marido Bozey não fez nada?

— Bozey não é meu marido. Teria impedido se pudesse, suponho. Mas lhe tiraram a arma e lhe deram uma surra. Pus uma mão em seu ombro estremeado.

— Continuam lá em cima, Jo?

— Sim, estavam carregando o caminhão quando fugi. Têm o outro caminhão escondido no antigo quartel de bombeiros.

— Me mostrará onde.

— Não quero voltar lá.

— Tampouco vai querer ficar aqui sozinha.

Olhou o meu carro, em seguida olhou para um extremo e outro do caminho como se sua longitude imersa em trevas fossem os anos de sua vida, passado e futuro. Sem dizer uma palavra, sentou no assento dianteiro. Manobrei o carro pelo estreito espaço que ficava entre o dois lugares esportivo e a beira do precipício. MacGowan acariciava o rifle que tinha sobre os joelhos. Jo permanecia sentada entre os dois com os olhos cravados no nada.

— Matou Kerrigan pelo dinheiro? Perguntei.

— Não. Não. Fui me encontrar com ele e encontrei-o banhado em seu próprio sangue. Sua voz era monótona, sem esperança.

— Por que fugiu?

— Porque iriam pensar que eu o tinha matado. Como você pensa. Mas não teria sido capaz de fazer isso a Dom Kerrigan. Amava-o. MacGowan cuspiu ao vento. Disse:

— E então pegou o dinheiro.

— Sim, peguei o dinheiro. Tinha direito a pegá-lo. Dom estava morto e de nada poderia lhe servir. Estava jogado no chão do escritório. Peguei um carro e fui procurar Bozey. A única coisa que eu queria era fugir.

— E vinte mil dólares. Bozey disse que pegasse o dinheiro e se reunisse com ele?

— Não, nada disso. Eu acreditava que iria com Dom. Nem sequer estava certa de onde Bozey se encontrava.

— Isso é verdade. Já lhe disse, apontou MacGowan. Jo elevou o rosto para me olhar.

— Por que não me deixa ir embora? Não fiz nada, exceto pegar o dinheiro. Ele simplesmente estava ali no chão. Sua voz se animou. — Fique com você. Por que não? Ninguém saberá. O avô não dirá a ninguém.

MacGowan fez um ruído que tanto podia ser um soluço como um bufido de repugnância. Disse:

— O dinheiro não serve de nada. Não sabia? O dinheiro era roubado e Bozey não podia gastá-lo. Roubou-o de um banco de Portland e a polícia tinha uma lista das notas. Ninguém poderá gastá-lo, em nenhum lugar. Ou acaso já sabia de tudo isto?

— Não acredito. Bozey não faria uma coisa assim.

— Pois fez. Estava extorquindo Kerrigan. O dinheiro era marcado.

— Você está maluco, disse.

— Seriamente? Pense, Jo. Acha que Bozey arriscaria vinte dos grandes em um negócio como este, se os vinte servissem de alguma coisa? Ninguém arriscaria.

Permaneceu calada durante um momento. Notava-a a meu lado e quase sentia o funcionamento de sua mente pequena e tenebrosa. Sua personalidade violada estava se fechando outra vez, dura e tensa e defensiva como um punho.

— Se isso for verdade, me alegro de que tenham lhe dado uma surra. Mereceu. Fico contente de que tenham tirado a parte dele.

Continuamos subindo para o topo, cuja silhueta negra se destacava do céu estrelado. Pus o motor em segunda, mimando-o para que não parasse, ziguezagueando pelo caminho para evitar os buracos e os desmoronamentos.

— Jo?

— Ainda estou aqui. Não fui a lugar nenhum.

— Ontem à noite disse que escolheram-na para que fizesse com que Aquista parasse o caminhão, que em seguida alguma coisa os fez mudar o plano. O que foi?

— Dom não queria que me arriscasse, disse com certo orgulho.

— Que mais havia?

— Fez um favor a um amigo seu. Em seguida este seu amigo fez um favor a ele.

— Parando o caminhão e matando Aquista?

— Parar o caminhão foi a única coisa. Dom não pensava em matar ninguém. Este amigo o enganou.

— Quem era, Jo?

— Dom não mencionou nomes. Disse que quanto eu menos soubesse, melhor. Queria que eu não estivesse em perigo se o plano saísse errado. — Era Church? O xerife? Não respondeu. — Meyer? Tampouco respondeu. — Qual foi o favor que Dom fez ao seu amigo?

— Pergunte a Bozey. Por que não pergunta a ele? Bozey estava metido no assunto. Foi ao deserto com Dom, na segunda-feira à noite.

— O que fizeram no deserto?

— É uma história muito longa. Não acharia interessante. MacGowan cacarejou como uma galinha.

— Não esconda nada agora, querida. Deveria contar toda a verdade.

— Diz que conte toda a verdade. A risada da moça estava a um passo de ser histérica. — Não tive nada a ver com isso. Estou limpa. A única coisa que sei é o que eles disseram.

— Quem?

— Tony, e em seguida Dom.

— O que Tony lhe disse no domingo à noite?

— Dom me disse que não contasse a ninguém. Embora imagino que já não importe mais, agora que

morreu. Tony seguiu Anne Meyer até o Lago Perdido na sábado. Ela estava na cabana de Dom com algum homem, e Tony andou espiando pelas janelas. Isto não faz muito sentido. Nada do que Tony fazia tinha.

— O que viu?

— O de costume, imagino. Músicas celestiais.

— Quem era o homem que estava com ela?

— Não disse. Parece que tinha medo de me contar. O assunto o transtornou, compreende? Era louco pela Anne, e quando olhou pela janela e a viu morta no chão... — Viu-a morta?

— Assim me disse.

— No sábado à noite?

— No domingo. Voltou a subir para o lago no domingo. Olhou pela janela e ali estava ela, kaputt. Ao menos, esta é a história que me contou.

— Como soube que estava morta?

— Não sei. Não o interoguei como se fosse um promotor. Tive uma ideia maluca, que talvez ele mesmo a tenha matado. Era suficientemente maluco para fazê-lo.

— Alguém mente, Jo. Anne Meyer estava viva na segunda-feira. Seu avô a viu com Kerrigan na segunda-feira na primeira hora da tarde.

— Não estou certo de que fosse ela, disse MacGowan.

— Tem de ser. Aquele salto era do seu sapato. Certamente Aquista se equivocou. Talvez só imaginou que estivesse morta. Não estava bêbado no domingo?

— Sim, disse Jo. — Mas não imaginou. Dom subiu ao lago na segunda-feira, depois que eu lhe contei, e o corpo estava lá, tal como Tony dizia.

— E agora onde está?

— Em algum lugar do deserto. Dom colocou o corpo em seu carro, levou-o para o deserto e o deixou em algum lugar. — Esse foi o favor que fez ao seu amigo?

— Suponho que sim. Mas disse que precisava fazer, precisava tirar o cadáver da garota da cabana. Tinha medo de que lhe jogassem a culpa de sua morte.

— Em que lugar do deserto a deixou?

— Não tenho a menor ideia. Eu não estava lá.

— Mas Bozey estava?

— Sim. Seguiu Dom até o deserto e o trouxe de volta em seu carro.

Chegamos ao topo da montanha e a deixamos para trás. Aos nossos pés o vale transbordava de trevas, se vendo estradas ao longe com relâmpagos de luz. Cortei o motor e continuei dirigindo o carro com o motor parado e às escuras, utilizando o freio de pé para controlar a velocidade. O silencioso carro serpenteou por uma pronunciada pendente até que chegamos a um lugar onde esta se endireitava ao mesmo tempo que se convertia na rua principal de Traverse. Parei o veículo no extremo da rua, em frente de um restaurante extinto cujas janelas tinham sido destruídas e tampadas em seguida com tábuas. Anódinas estruturas de madeira apareciam esparramadas pelas ladeiras, algumas delas esmagadas pelas neves de invernos passados. Mais acima, montes de escória das minas esgotadas imitavam as montanhas que nos rodeavam por todos lados.

A uns quatrocentos metros debaixo de nós, no extremo mais afastado da cidade deserta, um espaçoso portal retangular vomitava luz branca. Dois homens entravam e saíam do espaço iluminado, transportando caixas que carregavam para a parte posterior de uma caminhonete grande que se achava estacionada na rua. Andavam de um lado a outro com o automatismo cansado de almas perdidas trabalhando nas minas do inferno.

— São eles, sussurrou Jo. — Não quero me aproximar mais.

— Nem eu permitiria isso. Quantas armas têm?

— Acredito que todos estão armados. Um deles, que chamam de Faustino, tem uma metralhadora.

— Mau assunto. Será melhor que vá para o beco. se esconda atrás de alguma coisa, para o caso de acontecer alguma coisa. MacGowan, seu rifle está carregado?

— Não se preocupe.

— Que tal anda de pontaria?

— Há um par de semanas, cacei um gamo há quase quatrocentos metros. Se fosse de dia, acredito que poderia atirar daqui.

— Espere dez minutos, até que eu cheguei lá embaixo. Então abra fogo. Mas guarde um par de balas. Provavelmente tentarão fugir. Este caminho é a única saída, não é?

— Exceto para as cabras.

— Se algum deles escapar, você se joga atrás do carro e procure detê-los. Atire dentro de dez minutos.

— Não tenho relógio.

— Conte até quinhentos, devagar. Entendido?

— Sim.

Desceu do carro e se estendeu no caminho. Jo desapareceu no beco que havia perto do restaurante abandonado. Comecei a andar colina abaixo com a pistola na mão, me grudando aos edifícios. Eram carapaças de negócios desaparecidos, uma barbearia, uma sorveteria, alguns armazéns. Seus únicos clientes eram esquilos e coiotes, silenciosos nas sombras desiguais. A altitude e o silêncio me zumbiam nos ouvidos como a quinina.

A uns cem metros da luz me pus de joelhos e apoiei os cotovelos no chão. A posição me trouxe o aroma da cordite, dos lança-chamas e da carne queimada, na verde e sangrenta primavera de Okinawa. Continuei meu caminho de gatinhas pelo meio-fio fragmentado, de um portal a outro. O tempo já quase

estava acabando. A luz saía pela porta aberta e dupla de um edifício de madeira situado do outro lado da rua. Sobre a porta um cartaz dizia que o edifício era um quartel de bombeiros.

O caminhão de Meyer estava lá dentro com os faróis acesos e as portas posteriores abertas. A traseira espaçosa se achava quase vazia. Os dois homens descarregavam já as últimas caixas e as passavam a um terceiro homem, encarregado da caminhonete azul. Estavam nus de cintura para cima, suarentos. Um deles era corpulento e moreno, o peito, as costas e os braços cobertos de um pelo negro encaracolado. O outro era alto, de nariz bicudo, olhos pálidos e olhar vago. Pude ver a tatuagem azul que fizera em seu branco antebraço. Carregou uma caixa na caminhonete e, soltando um grunhido, se voltou para seu companheiro:

— O que terá sido dela?

— E alguma vez teve o bastante?

Suas vozes eram levemente confusas; seus movimentos, um pouco incertos. O homem moreno terminou de carregar uma caixa na caminhonete e se reclinou nela. Apoiei o cano do meu revólver na maltratada calçada e apontei na metade da sobrelanceira negra e única que cruzava seu rosto. Um punho invisível golpeou o flanco da caminhonete. Fiz fogo antes de que o som do disparo de MacGowan baixasse repicando do alto da colina. Um dos olhos do homem moreno se rompeu como uma ágata marrom. Com o olho que restara percorreu a escuridão salpicada de luz, começou a correr para mim com pernas trêmulas, caiu de joelhos e em seguida desabou de bruços, como Tony Aquista.

O homem alto entrou correndo no edifício. Saiu muito mais devagar, passo a passo, empunhando uma metralhadora Thompson. A arma cuspiu uma língua de fogo para mim ao mesmo tempo que ele dava uma risadinha. Disparei muito às pressas e falhei. As balas rápidas costuraram a parede atrás de mim, caindo mais perto. A morte tagarelava nos meus ouvidos. O segundo e o terceiro disparo de MacGowan ressonaram rua abaixo. O homem alto voltou sua cabeça de abutre e parou de me apontar com a metralhadora. Apontei lentamente para a sua cintura e fiz fogo duas vezes. O homem deu dois passos para trás e tossiu. A metralhadora caiu ao chão com um som metálico. A caminhonete começou a se mover. Por cima do ruído do motor, o homem gritou:

— Me espere, porco filho da...!

Recolheu a arma e começou a correr com o corpo dobrado para frente, segurando o ventre com uma mão aberta. Atirou-se na parte posterior da caminhonete no momento em que esta passava na minha frente. Esvaziei o carregador contra ela. As quatro rodas passaram por cima do homem que jazia na rua, alterando a forma de seu corpo, e fugiram rua acima, o ruído de seu motor cada vez mais forte. O rifle de MacGowan voltou a falar, três vezes. Não parou a caminhonete azul, que chegou ao fim da rua e seguiu correndo para o topo da colina, empurrando seu inquieto arado de luz.

Bozey saiu do quartel de bombeiros quando eu estava carregando de novo o revólver. Caminhava como um homem cego e velho, com as pernas muito separadas e os braços estendidos. Tinha o rosto torcido e rasgado, os olhos também inchados além de fechados.

— Mike... Clincher... O que aconteceu? Tropeçou com o homem convexo no chão, se ajoelhou ficou sacudindo o corpo sem vida. — Mike? Levante-se.

Seus dedos apalparam a estranha forma do corpo. Soltou um uivo de coiole, um só, e se afastou do corpo, se arrastando. Andei até ele. Ao ouvir meus passos, se agachou, assustado. Através de seus dentes quebrados, balbuciando, disse:

— Quem está aí? Estou cego. Estes canalhas me cegaram. Agachei-me ao seu lado.

Elevou o rosto cego, choramingando. Com os dedos separei as pálpebras. Os globos dos olhos apareciam injetados de sangue, mas não vi nenhuma lesão. Olhou-me através de pequenas frestas.

— Quem é você?

— Já nos vimos. Duas vezes.

Grunhiu ao me reconhecer e tentou lutar comigo. Mas seus movimentos eram lentos e sem força.

— Não é capaz de reconhecer de que já teve o bastante, moço?

Peguei-o pela suja gola de pele da jaqueta, obriguei-o a levantar e o revistei. Não estava armado. Mas encontrei minha carteira no bolso do quadril e, além disso, usava meu relógio. A esfera estava destruçadada. Afrouxei-o um pouco e o tirei do pulso dele. Não resistiu. Tinha perdido a vontade de brigar. O cabelo comprido e vermelho caía por sobre o seu rosto macilento como asas sem forças para voar. Baixou os olhos para o corpo que tinha a seus pés, em um atoleiro de sangue quase coagulado, e piscou.

— Então se encarregou do Faustino.

— Era um tipo descuidado.

— E os outros?

— Fugiram na caminhonete.

— Quer saber onde os encontrará? Solte-me e o levarei lá.

— Não será necessário. Não conseguirão voltar para o Novo México.

— Já sabe quem são, não é? Seu tom era de decepção.

— Se forem a gangue para quem levou o carro de Albuquerque, sim.



Sim. Deu uma cusparada vermelha no cadáver. Ao vê-lo, tinha recuperado a confiança em si mesmo e passou a ter vontade de falar. — Meu engano foi voltar e trabalhar com um bando de idiotas. Sou ladrão de ofício, dos que fazem as coisas muito bem. Trabalho sozinho. Mas Faustino me ofereceu vinte e cinco das grandes pelas mil e duzentas caixas. E deixei que ele me metesse nisto. A voz lhe tremeu de santa indignação. — Quando pedi a minha parte... A mercadoria vale quase cem das grandes neste território... Ele me ameaçou com uma metralhadora e disse aos seus cupinchas que me pagassem em espécie... Deveria ter adivinhado.

Seus dedos percorreram os contornos pouco familiares de seu rosto.

— Quase preferiria que não tivesse se carregado do Faustino. Gostaria de me encarregar eu mesmo.

— Não vai estar em circulação. Só poderá exterminar os percevejos da cama de sua cela na cadeia.

— Pode ser. Onde tem sua base, policial? Las Cruces?

— Em Los Angeles.

— Polícia do estado?

— Particular.

— Não me venha com brincadeiras. Para quem trabalha?

— Para mim mesmo.

— Muito interessante. Sorriu de um modo impudico, com uma astúcia estúpida. — Possivelmente você e eu possamos fazer um trato.

— O que tem para negociar?

— Se dissesse, já não o teria. Mas direi uma coisa. Poderia ser alguma coisa importante, amigo, uma dessas oportunidades que só se apresentam uma vez na vida. Você e eu poderíamos ser donos de Las Cruces, abrir a cidade e explorá-la em proveito próprio.

— Quem a explora agora?

— Ninguém. Isso é o vergonhoso do caso. Há montes de dinheiro na cidade, mas nem um pingão de animação. Nós poderíamos dar.

— A lei local não se oporia?

— Isso deixe comigo. Estava se deixando levar por sua ambição de psicopata. — Só que, não posso agir de uma cela. Se me levar para lá, desperdiçará a maior oportunidade que jamais teve na vida.

— Oportunidade para quê? Para me extorquir como ao Kerrigan? Isso o fez calar, mas não durante muito momento.

— Certo. Tirei do Kerrigan. E daí? Ele estava a ponto de me roubar a garota. Ela disse que queria alguma coisa com mais classe. Assim eu devia lhes pagar a lua de mel? Mas isto é diferente. Não é nenhuma fraude.

— Será porque você quer.

— Escute. Tocou-me o peito com as mãos. — Eu sei de alguma coisa que ninguém mais sabe. Podemos falar disso e convertê-la em algo grande, você e eu juntos.

— Qual é essa informação especial que tem?

— Somos sócios?

— Antes preciso saber o que estou comprando. Por que o xerife permitiu que saísse ontem do condado?

— Eu não disse que ele me permitiu sair do condado.

— Que estrada tomou?

— Diga-me isso você, que sabe tudo.

— A do passo, a que sobe pelos contrafortes. Seus olhos eram diminutas ranhuras brilhantes, feitas com uma faca, nas lâmpadas azuis de suas pálpebras.

— É preparado. Nos daríamos bem. Eu gosto dos tipos preparados.

— Tem alguma coisa que possa comprometer o xerife, Bozey?

— Pode ser que sim.

— Alguma coisa que Kerrigan lhe contou?

— Kerrigan não me contou nada de nada. Deduzi eu sozinho.

— Alguma coisa a respeito da Anne Meyer?

— É rápido em entender. Encontraram o corpo, não é?

— Ainda não. Onde está, Bozey?

— Um momento, não tão depressa. Você e eu temos um trato?

— Se você quiser. Se vou dizer minhas condições, me mostre onde está o corpo e farei o que puder para que tenha uma oportunidade. Saiba ou não, já está a caminho da cadeia. O promotor do distrito tem um bom pacote preparado para você por assassinato... — Eu não matei ninguém.

— Isso não será de nenhuma ajuda. Com o seu histórico, tem todos os números para que pague pelas duas mortes, a da Aquista e a de Kerrigan.

— Mas se tão somente soube que se encarregaram do Kerrigan quando Jo me contou! Se nunca estive a menos de meio quilômetro do... Como se chama... Tony Aquista!

— Isso é com o promotor. Ele lhe contará uma história diferente, e é nele em quem vão acreditar. Irá parar na câmara de gás por estes assassinatos, a não ser que alguém intervenha e o evite. Coopere comigo e farei todo o possível para demonstrar que você não os matou. Passará uma longa temporada à sombra, mas não deixarei que lhe deem uma ração de gás se puder impedir.

Olhou ao seu redor com expressão de angústia e cravou os olhos no horizonte negro e espinhoso. Seu sonho impossível de poder e dinheiro acabava de se desvanecer, deixando-o nu, reduzido a um garotinho no gigantesco mundo. Do outro lado do penhasco um chiar de pneus culminou com o estrondo comprido e reverberante de um choque e uma explosão, ambos amortecidos pela lonjura.

— O que foi isso?

— Seus amigos de Albuquerque. Ao menos, assim espero. Olhou-me com olhos penetrantes, surpresos, aspirando o ar pelas fossas de seu nariz quebrado.

— É bastante duro.

— Quando preciso.

— Por que foi você a me dar uma oportunidade? Jamais alguém me deu uma oportunidade. Como sei que você me dará?

— Não saberá até que tenha. É um risco que precisará correr. Não é um risco muito grande, depois

dos que correu ultimamente. Para seu próprio bem, deve me ajudar a encontrar o corpo. Penso que quem a matou, fosse quem fosse, também matou os outros.

— Pode ser que tenha razão.

— Quem foi, Bozey?

— Se soubesse, diria, não? Mas mostrarei onde ela está. Kerrigan a deixou no carro dela, em um pequeno cânion que há perto de Double Mountain.

Obriguei-o caminhar pela rua. Jo estava sozinha no assento dianteiro do meu carro.

— Olhe por onde! Exclamou Bozey. — Uma reunião de família. A garota não o olhou. Um aura de áspera ira a envolvia.

— Onde está seu avô, Jo?

— Subiu ao topo. Há um momento ouvimos um estrondo, como um choque. O avô pensou que talvez a caminhonete azul tenha saído da estrada.

— Eu também ouvi.

Abri a porta da esquerda e ordenei a Bozey que se sentasse entre o Jo e eu. A garota se separou dele.

— Preciso viajar ao lado disto? Depois da sacanagem asquerosa que nos fez, a mim e ao Dom?

— Não seja assim, disse Bozey. — Kerrigan conseguiria fazer aparecer o dinheiro ao sul da fronteira.

— Não quero ouvir. É um asqueroso estelionatário. Espero que o prendam e joguem a chave no mar.

Subimos a costa. MacGowan estava lá em cima, apoiado em seu rifle e respirando agitado.

Muito abaixo, nas profundidades do cânion, vi um redemoinho de chamas vermelhas e amarelas.

MacGowan se aproximou coxeando do carro.

— Parece que isto é o fim para eles. Suponho que não viram o dois lugares à tempo.

— Não se perdeu nada de bom, grunhiu Jo.

— Não deveria falar assim, Josie. Não mostra o devido respeito pela vida humana.

— Eu também sou humana, não é? E eles em nenhum momento mostraram o devido respeito pela “minha” vida humana.

MacGowan subiu ao carro e se sentou atrás. Descemos pelo comprido caminho que ia descendo. O carro esportivo estava com as rodas para o ar como um escaravelho metálico morto. Os sinais negros de pneus assinalavam o lugar onde a caminhonete tinha derrapado até se precipitar no profundo abismo. O veículo continuava ardendo trezentos metros mais abaixo.

Entre os aromas débeis e longínquos de petróleo e álcool em chamas, voltei a captar o cheiro ruim de Okinawa.

O céu ficou branco como a cal de um extremo a outro, em seguida se acendeu como as cores de uma máquina caça-níqueis. O sol apareceu em meu espelho retrovisor como uma moeda luminosa que a máquina acabasse de expulsar repentinamente. O deserto camaleônico se juntava ao firmamento e as árvores se inclinaram loucamente para frente, recebendo o amanhecer com a cabeça. Pensei que se aquele lugar tinha um deus, devia ser um deus solitário e bárbaro, atormentado por lembranças de cor, aborrecido pelo drama gigantesco e desumano das estrelas, o amanhecer e o crepúsculo. Olhei de esguelha o rosto adormecido de Bozey, um rosto inchado e descolorido. Tinha a cabeça reclinada sobre o ombro de Jo. Ela estava acordada, olhando-o.

Empurrei a alongada sombra do carro para o oeste, atravessando a planície, me sentindo tão cansado, que tinha que recorrer constantemente à minha força de vontade para não tirar o pé do acelerador. Quando divisei o passo de Tehachapi sacudi Bozey até que acordasse e escutei as instruções que me dava com voz apenas inteligível. A estrada lateral se desviava para a esquerda uns quantos quilômetros mais à frente. A separação descia até um cânion oculto e ia se estreitando até ficar transformada em caminho para o gado.

O chão do cânion estava imerso nas sombras. Quatro águias ratoeiras de aspecto andrajoso davam voltas por cima dele. Ao ouvir o ruído do motor, fugiram para o brilho superior do céu. Em um lugar onde o leito de um arroio serpenteava entre os matagais, ao pé da pendente, se encontrava um conversível negro.

— Lá está, disse Bozey.

Deixei Bozey sob o rifle de MacGowan e cruzei o cascalho até o carro abandonado. A parte dianteira estava vazia; o porta-malas, fechado com chave. Um gato montês deixara os rastros de suas patas no pó da carroceria. Voltei para meu carro em busca de uma alavanca. Da profundidade da máscara grotesca de seu rosto, os olhos de Bozey me seguiram interrogativamente. MacGowan expressou a pergunta com palavras:

— Não está lá?

— Vou forçar o porta-malas.

Forcei-o e ali estava, deitada com os joelhos encolhidos sobre o peito, como uma menina em um útero de ferro. Havia uma mancha de sangue em seu vestido de verão. Calçava sapatos de cor marrom, muito apropriados para andar. E a um deles faltava o salto. Inclinei-me para frente e olhei o rosto dela. As lágrimas me acumularam atrás dos olhos e quase me cegaram. Não porque me importasse com ela. Nunca tinha visto Anne Meyer, exceto em uma foto instantânea, rindo de frente para o sol.

Raiva era o que sentia, raiva contra a impotência da morte e contra minha própria impotência. Sobre minha cabeça, as águias ratoeiras descreviam círculos irregulares como coveiros bêbados. O olho vermelho e louco do sol aparecia por cima da borda do cânion.

O cadáver da Anne Meyer jazia em uma mesa de aço inoxidável. A pele era branca como o marfim, excetuando as pontas dos seios, o buraco debaixo do peito, as duas longas incisões que riscavam uma curva dos ombros até um ponto situado um pouco mais abaixo do esterno. Um patologista de idade mediana chamado Treloar estava trabalhando na pia que havia ao fundo. Limpou seus instrumentos e em seguida os foi depositando de um em um no escorredor: um bisturi e uma faca grande, uma serra para cortar ossos, uma serra vibradora elétrica. Os instrumentos rebrilhavam sob a glacial luz fluorescente. Treloar se voltou para mim enquanto tirava as luvas de borracha:

— Disse que queria me fazer algumas perguntas.

— Recuperou a bala? Assentiu com a cabeça, com um sorriso de profissional. — É a primeira coisa que procurei. Tive que empregar raios X para encontrá-la. Perfurou o coração e se alojou entre as costelas perto da coluna vertebral.

— Posso dar uma olhada?

— Entreguei a Danelaw há uma hora. É de calibre trinta e oito, sem sombra de dúvida. Mas Danelaw precisará utilizar seu microscópio de comparação para verificar se saiu do mesmo revólver.

— Quanto tempo está morta, doutor?

— Poderei lhe dar uma resposta mais precisa quando tiver oportunidade de obter umas quantas amostras. Assim de repente, diria que uma semana, dia mais, dia menos.

— Um mínimo uns seis dias?

— No mínimo.

— Hoje estamos no sábado. Então, assassinaram-na no domingo passado.

— No domingo passado no máximo.

— E não é possível que a tivessem visto viva na segunda-feira.

— Totalmente impossível. Vou dizer o mesmo que disse a Westmore. Estou cientificamente certo, inclusive sem as amostras. O orgulho profissional lançava faíscas atrás de seus óculos. — Já fiz mais de quatro mil e trezentas autópsias, aqui e no estrangeiro.

— Não ponho em dúvida a sua competência, doutor.

— Já sei. Sua testemunha mentiu ou estava errada. Westmore acredita que mentiu.

— Sabe onde está Westmore neste momento?

— Parece-me que aqui no hospital. Tente na urgência... Ali estão costurando o seu prisioneiro.

Treloar voltou a se aproximar da pia para lavar as mãos. Comecei a andar para a porta. Abriu-se antes de que eu a tocasse. O ar deslocado e frio bateu no meu rosto e Church entrou na sala. Passou pelo meu lado sem se fixar em mim. A única coisa que via era a mulher que jazia sob a luz. Inclinou-se ante o extremo inferior da mesa. Treloar olhou por cima de seu ombro.

— Onde tinha se metido, Brand? atrasamos a autópsia tudo o que podíamos atrasá-la.

Church não lhe deu atenção. Tinha os olhos sérios e brilhantes, concentrados na mulher. Pareciam estar presenciando uma revelação, olhando diretamente o interior do calor branco do centro das coisas.

— Está morta, Anne. Falou-lhe como se estivesse se dirigindo a um animal, ou a um menino muito pequeno para falar. — Está morta de verdade, Anne.

Treloar olhou-o com curiosidade e avançou uns passos enquanto secava os dedos com uma toalha.

Church não se dava conta de nada. Estava sozinho com a mulher, oculto na intensidade de seu sonho. Pegou um dos pés da morta entre as suas duas mãos e ficou a esfregá-lo com suavidade, como se quisesse esquentá-lo, lhe devolver a vida. Treloar retrocedeu até a porta e me fez um gesto com a cabeça. Saímos ao corredor e a porta se fechou nas nossas costas, silenciosamente. Treloar assobiou baixo.

— Já haviam me dito que estava apaixonado pela cunhada. Mas não acreditava que estivesse tanto. Sorriu torcidamente, sobressaltado. — Um cigarro?

Disse que não com a cabeça. Do outro lado da porta metálica se ouviam sons roucos e entrecortados: a dor seca de um homem, um nome de mulher repetido para ouvidos surdos.

— Com sua permissão, disse Treloar. — Preciso fazer uma ligação.

Afastou-se rapidamente, a bata branca ondeando atrás dele.

Westmore se achava apoiado na parede junto à porta da sala de urgência. Seu rosto parecia mais magro e mais cinza e tinha os óculos sujos. Ao me ver endireitou o corpo e ajeitou seus estreitos ombros.

— Bom dia, disse com uma espécie de formalidade agressiva. — Posso perguntar onde esteve? — Fui dormir um par de horas.

— Mais do que eu pude fazer. Deixou um bonito rastro de destruição... Você e seu amigo, o velho da montanha.

— Parecia o indicado. Não pode só ficar olhando quando tem que se ver com bandidos armados.

Mas me sentia mais compungido do que estava disposto a reconhecer: umas chamas vermelhas tinham brilhado ao longo de meus sonhos matutinos.

— Sinto ter que lhe dizer mas já o adverti, disse. — Ao que parece, seu bendito MacGowan é um mentiroso, depois de tudo.

— MacGowan errou e nada mais. Nunca disse que tivesse identificado a mulher positivamente. O que não entendo é como o salto foi parar lá. Corresponde a um sapato de Anne Meyer, não é?

— Sem nenhum tipo de dúvida. Mas parece óbvio que alguém o pôs ali deliberadamente.

— MacGowan viu quando o perdia.

— Fala isso. O mais provável é que ele mesmo o pusesse ali e que deixasse que você o encontrasse. Tenho-o retido como testemunha importante.

— E a garota?

— Está na sala de custódia. Vou interrogá-la mais tarde. Acima de tudo, quero interrogar Bozey. Com as provas que temos, se mostrará disposto a confessar tudo.

— Assim então o caso está resolvido, empacotado e bem empacotado com uma fita azul, não é?

— Sim, graças a você.

— Não me agradeça. Não quero ter nada a ver com o assunto tal como está agora. Olhou-me com expressão de surpresa através dos sujos vidros de suas lentes. — Preciso lhe fazer uma pergunta, senhor promotor do distrito. Uma pergunta hipotética. Elevou as mãos em atitude defensiva, meio na brincadeira. — As perguntas deste tipo me dão medo. Às vezes duram três ou quatro horas. Vi isto na sala do tribunal.

— Esta é curta e singela, e não tão hipotética. Suponhamos que um de seus camaradas no governo do condado estivesse fazendo fachada para delinquentes ou algo pior. Que atitude você adotaria?

— Negativa, certamente. Meteria o camarada na cadeia.

— E se ele dirigisse a cadeia?

— Deixe de rodeios. Está se referindo a Brandon Church.

— Sim. Deveria interrogá-lo em vez de Bozey.

Apoiou uma mão dura e branca em meu braço.

— Está bem mesmo, Archer? Passou dois dias muito agitados e...



Não pensava em dar referências, mas se quer comprovar o meu trabalho, ligue para o escritório de seu colega em Los Angeles.

— Já fiz isso, disse. — Disseram-me, entre outras coisas, que às vezes você foi um tipo bem difícil.

Cria inimigos. O que não me surpreende, se tiver de confessar.

— Os inimigos que eu crio não merecem ser outra coisa. — É questão de opinião.

— Danelaw encontrou alguma coisa no porão de Meyer?

— Algumas balas. Agora está trabalhando nelas. Estou esperando o relatório dele. Mas for o que for, não posso utilizá-lo contra Church. Ele não é responsável por nada que Meyer faça ou fizesse. Em seus olhos havia hostilidade e sua voz era metálica. — Tem alguma prova contra o próprio Church?

— Nada que possa ser apresentado ante o grande júri. Eu não posso investigar os seus movimentos nem interrogá-lo. Você pode.

— Pretende que suba no mesmo ramo que você? Está muito lá em cima, sabe? Se alguém o cortasse, a queda seria tremenda.

— Eu gosto de estar lá. Permite-me ver a totalidade deste podre condado com olho de pássaro.

— Este condado está limpo, para ser um condado. Church e eu estamos há anos trabalhando juntos para limpá-lo. Você não conhece Church, nem sabe o que tem feito por esta comunidade. A voz de Westmore tremia de sinceridade. — Brandon Church é um autêntico idealista prático. Se houver no vale um homem de cujo caráter eu esteja seguro, esse homem é o xerife.

— Um homem pode mudar. Às vezes o caráter se altera por causa do calor.

Vi como aconteceu a Church. Olhou-me com olhos de ansiedade.

— Disse alguma coisa a ele?

— Disse tudo, ontem à tarde. Tirou seu revólver e por pouco me dá um tiro. Acredito que teria me matado se sua esposa não o tivesse impedido.

— Jogou estas acusações no rosto dele? Movi a cabeça em sentido afirmativo. — Pois dificilmente posso culpá-lo por desejar matá-lo. Onde está agora? Você sabe?

— Na sala de autópsias, com a cunhada.

Westmore virou e se afastou de mim, caminhando para o final do corredor, onde parou ante a porta metálica. Ficou olhando-a durante um momento e finalmente bateu com o punho. A porta se abriu bruscamente. Church saiu da sala. Westmore lhe disse alguma coisa que me escapou. Church o afastou para um lado com um amplo movimento do braço e começou a caminhar pelo corredor para mim. Seus olhos estavam cravados em alguma coisa que havia além das paredes e sorria ferozmente. De um empurrão abriu a porta de saída e a cruzou. O rugido do motor de seu carro partiu a manhã e se perdeu na distância. Westmore seguiu-o lentamente, caminhando com a cabeça baixa como se a utilizasse para abrir passagem entre obstáculos invisíveis. Sua boca aparecia torcida por efeito da pressão interna.

— Se pudesse interrogar Church, que perguntas faria?

— Quem matou Aquista, Kerrigan e Anne Meyer.

— Não insinua que foi ele, não é?

Não. O que digo é que ele sabe alguma coisa sobre esses assassinatos, alguma coisa que oculta. Ontem à noite deixou que Bozey escapasse com o caminhão de Meyer.

— Bozey disse isso?

— Virtualmente. Tem medo de dizer claramente.

— Dissesse o que dissesse, não pode utilizar Bozey para fazer mal a um homem com Church.

— Vi Church no passo ao redor da uma da madrugada. Desmobilizou os agentes que montavam guarda no controle de estrada e ele mesmo ocupou o posto, o que é muito estranho... Westmore elevou uma mão com gesto rígido, de promotor.

— Está se contradizendo. Church não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Se estava no passo à uma, não pôde matar Kerrigan. E você sabe com segurança que Bozey seguiu essa rota?

— Não sei nada com segurança.

— Suspeitava. É óbvio que Bozey tenta fabricar um álibi falso. Disse:

— Você tem seus ganchos de ferro cravados em um jovem delinquente profissional e está amarrando tudo para fazer um pacote pesado e pendurá-lo do pescoço. Já sei o que se costuma a fazer nestes casos, mas eu não gosto. O que temos diante não é simplesmente um delito profissional. É um caso complicado em que estão envolvidas várias pessoas, tanto profissionais como amadoras.

— Não é tão complicado como você quer apresentá-lo.

— Pode ser que não seja, quando conhecermos as respostas. Mas ainda não as conhecemos.

— Acreditava que para você a resposta era Church.

— Church tem me desconcertado. E penso que a você também, embora não queira reconhecer. Não o defenderia se não tivesse uma razão para isso.

— Não defendo. Não precisa que o defendam.

— Não suspeita nem um pouco dele? Já viu como reagiu ante a morte da Anne Meyer.

— Ela era sua cunhada. E Church é um homem emotivo.

— Diria que é um homem apaixonado?

— Pode se saber aonde quer chegar?

— Ela era alguma coisa mais que cunhada. Eram amantes. Não é verdade? Com gesto cansado o promotor passou os dedos pela fronte.

— Ouvi dizer que havia alguma coisa entre eles. Mas isso não prova nada. De fato, deixa ainda mais improvável que ele tivesse alguma coisa a ver com sua morte.

— Mas não descarta um crime passional. Talvez a tenha matado empurrado por ciúmes.

— Já viu o rosto de dor que tem.

— Sim, eu vi. Os assassinos sentem dor como qualquer outra pessoa.

— De quem poderia ter ciúmes?

— Penso em várias pessoas. Aquista é uma delas. Andava atrás dela há tempos e estive no lago no sábado à noite. Isto poderia explicar o que aconteceu a Aquista. E o poder que Kerrigan tinha sobre Church e também a morte de Kerrigan.

— Church não matou Kerrigan e você sabe.

Possivelmente alguém o fez por ele. Tem muitas armas às suas ordens, armas dispostas a disparar.

— Não, disse Westmore com uma voz tão seca e aguda, que soou como um grito de dor. — Não posso acreditar que Brand seja capaz de mandar matar alguém.

— Pergunte a ele. Se for um policial honrado, ou se ficaram vestígios de honradez, dirá a verdade. Inclusive é possível que você lhe faça um favor. Neste momento sua vida é um inferno. Dê-lhe uma oportunidade de desafogar antes de que as chamas o abrasem.

— Está muito certo de sua culpa, disse Westmore, agora sem elevar a voz. — Eu não estou.

Mas parecia estar profundamente dividido dentro de si mesmo. A luz artificial que refletiam as paredes verdes do hospital dava a seu rosto uma palidez fantasmal. A luz do corredor trocou repentinamente. Ao me virar, me encontrei ante o médico que não tinha conseguido salvar a vida de Aquista. Tinha aberto silenciosamente a porta da urgência.

— Já pode levá-lo, senhor Westmore. Ou quer interrogá-lo aqui mesmo? — Não. Diga que saia. Westmore parecia zangado com o mundo.

Bozey saiu pela porta. Entre as bandagens que lhe envolviam a cabeça, seu único olho visível se virou freneticamente para a saída. O policial que estava atrás dele levou a mão à capa do revólver. Bozey captou o movimento e se afundou na resignação. Westmore ficou na cabeça da procissão indo para a morgue, e eu me pus na cauda.

Um a um, Treloar foi tirando os cadáveres de seus compartimentos com portas de vidro e mostrando os seus rostos. O de Aquista aparecia pálido e chupado; o de Kerrigan, veemente e imperturbável. Anne Meyer já tinha envelhecido na morte.

— São cadáveres muito bonitos, disse o doutor. — Seus órgãos estavam em excelente forma, até o último deles. É uma lástima que tivessem que morrer.

Dirigiu a Bozey um olhar de leve recriminação.

— Para que me trouxeram aqui? Westmore respondeu:

— Para ver se melhora sua memória. Como se chama e que idade tem? — Leonard Bozey. Vinte e um anos de idade.

Sem endereço. Sem ocupação. Sem nenhuma esperança.

— Quando viu este homem pela última vez, Donald Kerrigan?

— Na quinta-feira à noite. Ao redor da meia-noite. Acredito que era a essa hora.

— Acredita?

— Sim. Não passava da meia-noite.

— Onde o viu? Em seu motel?

— Não. Em um restaurante que há por ali perto. Não me lembro de como se chama.

— O Steakburger, disse. — Eu presenciei o encontro.

— Você ouviremos mais tarde. Westmore voltou a se ocupar de Bozey. — O que aconteceu nessa reunião?

— Não tenho por que responder. Poderia me autoincriminar. Westmore sorriu sinistramente.

— Um pacote cheio de dinheiro trocou de mãos?

— Suponho.

— O que fez em seguida?

— Fui embora.

— Do que fugia?

— De nada. Só fui dar um passeio de carro. Eu gosto de dirigir à noite. — Antes de sair a passeio, pegou um revólver trinta e oito e deu um tiro na cabeça de Kerrigan?

— Não.

— Onde está seu revólver?

— Não tenho nenhum. Ter um é contra a lei.

— E alguma vez você fez algo que vá contra a lei?

— Se puder evitar, não. Às vezes não posso evitar. Westmore aspirou fundo. — O que me diz do caminhão? E do banco que roubou em Portland? São coisas que não pôde evitar?

— Nunca estive em Portland. Refere-se a Portland no Maine?

— Refiro-me a Portland de Oregon.

— Há uma Portland em Oregon?

Westmore se inclinou para frente. Sob a luz brilhante e uniforme seu perfil aparecia agudo e magro, como se recortado de uma prancha de metal.

— Está muito tranquilo mesmo sendo um ex-presidiário que tem o sangue de três cidadãos nas mãos.

— Eu não matei nenhum deles.

— Ah, não? Dê-lhes uma boa olhada, Leonard, para ver se refresca a memória de uma vez. Westmore disse ao policial: — Que se aproxime mais.

O homem empurrou Bozey para frente, até que este ficou junto à cabeceira da maca da Aquista. O rosto latino e fechado parecia acossado pelos mesmos desejos que em vida, desejos que persistiam na morte.

— Nunca o tinha visto.

— Como pôde matar um homem e roubar seu caminhão sem vê-lo?

— Eu não o matei. Ele não estava no caminhão e o que fiz não foi exatamente roubá-lo. Estava estacionado na estrada aberta, compreende? As pessoas não deveriam deixar seus caminhões estacionados por aí com o motor ligado.

— Entendo. Foi uma dessas coisas que não conseguiu evitar. Matar Aquista foi outra? Foi outra das coisas que não conseguiu evitar?

— Eu não o matei.

— Não pegou o revólver, apontou-o ao coração deste homem e apertou o gatilho?

— Nem tenho revólver.

O interrogatório prosseguiu durante uma hora. Pouco a pouco Bozey ia se debilitando sob os golpes enluvados das palavras. Ao cabo de alguns momentos já não restava nada a salvo de um terror teimoso, como de mula. Sua voz parecia o coaxar de uma rã e as bandagens que lhe tampavam o rosto ficaram manchadas por um suor avermelhado.

Eu suava com ele enquanto tentava imaginar a vida que se escondia atrás de sua ficha policial. Eu também tinha roubado carros quando era um pirralho, tinha compartilhado passeios amalucados neles e brigas com as turmas perdidas no interminável labirinto de estuque de Los Angeles. Até certo ponto, minha vida tinha sido como a de Bozey. Em seguida um policial bêbado me pegou roubando na parte traseira da loja Sears Roebuck de Long Beach. Encurralou-me contra a parede e me disse o que aquilo significava e aonde conduziria. Não me levou para a delegacia de polícia. Odiei-o durante anos, mas nunca mais voltei a roubar.

Mas lembrava o que alguém sentia quando era ladrão. Era como viver em uma habitação sem janelas. Em seguida foi como viver em uma habitação sem paredes. A gente tinha uma sensação fria como a morte ao redor do coração e em pouco tempo o coração morria e não restava mais esperança, só a fúria na cabeça e o medo nas vísceras. Bozey. Eu mesmo, a não ser pela graça de um sargento de detetives alcoólico. Havia outro motivo para que me sentisse identificado com Bozey. Westmore estava utilizando-o como testa de ferro, tentando forçar suas respostas para demonstrar que eu estava errado.

E não estava conseguindo. Não totalmente.

Agradei a interrupção quando chegou. O capitão Danelaw abriu a porta e pediu a Westmore que saísse um momento. Ao sair o promotor, um silêncio perfeito reinou na sala durante uns instantes, os quatro vivos tão quietos e calados quanto os três mortos. Em seguida disse:

— Pegaram-lhe bem pego, Leonard. Se não falar agora, pode ser que não volte a ter ocasião de falar. Estará cheirando cianeto antes de que se dê conta.

— Não podem condenar um inocente.

— Mas é que você não é inocente. Roubou o caminhão e nós sabemos. Isto converte-o em cúmplice do assassinato do motorista, embora não tenha sido você quem atirou contra ele. Sua única escapatória consiste em ser testemunha. Bozey ficou pensativo. Em seguida disse:

— O que quer eu que diga?

— A verdade. Como aconteceu? Bozey fez um gesto de desespero melodramático com a cabeça.

— De qualquer maneira, não me acreditariam. Do que serve que lhes conte o que vi?

— Tente comigo.

— Me chamará de mentiroso. Estive esperando o caminhão na estrada. Kerrigan disse o que aconteceria onde eu estava ao redor das seis. E assim foi. Passou a bastante velocidade, uns cem por hora. Deteve-se coisa de meio quilômetro de mim e eu o segui a pé, tão às pressas quanto pude.

— O que o fez parar?

— Havia um carro lá. Um sedã Chevy verde. O Chevy se afastou e não vi mais nada.

— Viu quando o Chevy se afastava do caminhão?

— Sim. Ainda me faltava um bom trecho para chegar.

— Aquista ia nele? Este homem?

— Sim. Estava no assento dianteiro. Parece-me que era ele.

— Ele dirigia o Chevy?

— Não. Havia alguém mais com ele.

— Quem era, Bozey?

— Não me acreditará, repôs. — Sei que não tem sentido o que digo. — Fale assim mesmo. Elevou um braço e assinalou a maca em que jazia Anne Meyer.

— Ela. Acredito que era ela.

— Viu esta mulher levando Aquista de carro ao lugar onde estava o caminhão na quinta-feira à tarde?

— Já lhe disse que não ia acreditar. Treloar moveu a cabeça de um lado a outro, fazendo um gesto de triste tolerância.

— Terá que inventar alguma coisa melhor, moço. Esta mulher está morta há uma semana. Você viu seu cadáver na segunda-feira à noite, disse. Bozey começou a falar rapidamente, com voz aguda:

— Do que servirá? Não me acreditam quando digo a verdade. São uma turma de idiotas. Levantou os braços algemados e nos ameaçou. — Estão combinados com o xerife, tentando me fazer pagar o pato para cobrir vocês mesmos. Adiante, me mandem à câmara de gás. Não tenho medo de morrer.

Estou farto de respirar o mesmo ar que vocês respiram, miseráveis. O policial lhe deu uma bofetada com o dorso da mão.

— Chega, amigo. Começa a ficar pesado. Pus-me entre eles.

— Por que mencionou o xerife?

— Porque estava lá no passo quando fugi com o caminhão. Estava sentado em seu maldito Mercury e fingiu que não me viu... Nem virou a cabeça quando passei. Estava estendendo uma armadilha para me acusar de assassinato. Agora me dei conta.

— Não o acusarão de assassinato se o que diz for verdade.

— Não? Tem todos nós presos em uma corda.

— A mim, não. E cortei cordas mais grossas.

— Sobre quem caíram? Sobre gente como eu? A pergunta era difícil.

Danelaw abriu a porta e apareceu uma cabeça.

— O que aconteceu?

— Nada. Westmore está aí fora?

— Foi embora.

— Foi?

— Teve que se ocupar de algum assunto oficial. Saí ao corredor.

— Bom momento escolheu para sair!

— Tem uma boa razão. Meyer está esperando no tribunal. Danelaw colocou um dedo entre o cinto e a calça, e pôs cara de se sentir satisfeito consigo mesmo. — Acabo de prender Meyer.

— Sob que acusação?

— Assassinato. Ontem à noite fui na casa dele e obtive sua permissão para olhar por lá. Fingi que estava procurando rastros de sua filha. Não criou nenhum problema, provavelmente não sabia o que podia se fazer com balas velhas. Havia montes de balas velhas nessa galeria de tiro que tem no porão. Extraí algumas dos tabuleiros de madeira onde crava os alvos. A maioria delas estavam muito danificadas para serem de utilidade. Mas algumas se achavam em muito bom estado... O suficiente para o microscópio de comparação. Há pouco acabei de classificá-las e preparar argumentos convincentes. Algumas das balas que havia no porão de Meyer tinham sido disparadas com um revólver trinta e oito. E as que estavam o boas para comparação saíram do mesmo revólver que as balas empregadas pelo assassino. E isso inclui a que matou Anne Meyer.

— Está certo disso?

— Posso demonstrar no tribunal. Aguarde até que veja as minhas microfotos ampliadas. Posso prová-lo embora nunca encontraremos a arma. Meyer tem um revólver trinta e oito registrado em seu nome. Pedi-o no momento de detê-lo. Contou-me um conto chinês: que já não tinha mais.

— Que explicação deu?

— Que emprestou para a filha no outono passado e ela não devolveu. Não precisa dizer que mente.

— Isso eu mesmo pensava até ontem. Agora não estou tão certo.

— Claro que mente. Por força tem que mentir. Não tem nenhum álibi para nenhum dos assassinatos.

Esteve sozinho todo no domingo, quando mataram Annie, e teve abundantes oportunidades de pegar o carro e subir ao lago. Quanto na quinta-feira à tarde, diz que seu álibi é a sua outra filha. Mas ela esteve ali, em sua casa, a partir das cinco da tarde e ele não chegou até passadas as sete. Ele mesmo reconhece isso; diz que deu um passeio de carro ao sair do trabalho. O mesmo no caso do assassinato de Kerrigan. Nenhum álibi.

— Tampouco há algum motivo.

— Ele tinha um motivo. Aquista e Kerrigan saíram com Annie em um momento ou outro. Seu magro nariz se enrugou, como se detectasse alguma coisa que cheirava pior que o clorofórmio. — E Meyer estava enrabichado de um modo insensato por sua própria filha.

— É uma bonita história, disse. — Contou-a ao xerife? Pela primeira vez Danelaw pôs cara de se sentir incomodado.

— Não o vi. De qualquer maneira, não queria lhe pôr em uma posição que o obrigasse a deter o

próprio sogro. Por uma vez passei por cima dele e expus os fatos a Westmore.

— E Westmore acreditou?

— Certamente. Você não?

— Reservo-me uma opção. Mas antes quero investigar um pouco mais. Meyer tem um Lincoln, não é?

— De fato. Além disso, tem outro carro, um Chevrolet antigo que utiliza para transportes.

— Um sedã Chevy verde?

— Isso mesmo. O que farei agora será trabalhar nesses carros. Sem dúvida alguém terá visto um deles mais ou menos no momento e no lugar dos assassinatos.

— A este respeito posso lhe economizar umas quantas chatices. Fale com o detido que há aí dentro.

Pergunte sobre o carro em que Aquista fugiu na quinta-feira. Danelaw se voltou para a porta. Eu fui na direção oposta.

Hilda Church abriu a porta principal e apareceu timidamente. Com sua bata de alguma coisa acolchoada, teria podido passar por uma bonita espanhola de bairro residencial, que acabasse de ver interrompidos seus afazeres domésticos. Mas tinha uma expressão tensa ao redor dos olhos e da boca. Os olhos estavam translúcidos e estranhos, de um verde pálido como a água das profundezas do oceano.

— Seu marido está em casa, senhora Church?

— Não.

— Vou esperá-lo.

— Mas não sei quando vai voltar.

— Não importa. Quero conversar algumas coisas com você.

— Lamento, mas não tenho vontade de falar com ninguém. Esta manhã, não.

Tentou fechar a porta, mas eu impedi.

— Será melhor que me permita entrar.

— Não. Por favor. Brandon ficará furioso se voltar e o encontrar aqui. Reclinou todo seu peso na porta. Um lado dos seios se avultava sobre a beira. — Peço-lhe que me deixe fechar a porta. E vá embora. Direi ao Brandon que veio. — Vou entrar, senhora Church.

Apoiei o ombro na porta e a abri. A senhora Church retrocedeu até a entrada da sala de estar e ficou nela, os braços rígidos nas laterais, os dedos se movendo em seus extremos. Olhou-me de esguelha, com uma espécie de paquera temerosa. O tendão lateral do pescoço estava tenso como uma soga magra. Avancei para ela. Retrocedeu um pouco mais, entrando na sala. Caminhava de um modo estranho, como se seu corpo fosse muito atrás de seu pensamento. Detendo-se junto a uma mesinha de mogno branqueada, se inclinou ante ela e moveu um cinzeiro de argila branca uns poucos milímetros, até deixá-lo no centro matemático da mesinha.

O cinzeiro, a mesinha, o tapete, tudo o que havia na sala estava limpo. O mobiliário de ferro branco e negro parecia inóspito de tão novo, e estava distribuído geometricamente pela sala. Através das portas de vidro com trilhos, pude ver o pátio de paredes brancas, tão cheio de flores, que parecia um forno aberto. Em uma jardineira circular, de tijolo, havia massas de lobeliáceas de cor púrpura, em cujo centro um limoeiro miúdo oferecia seus casulos de cera ao sol. — O que quer você de mim? Sussurrou.

A luz que as paredes do pátio refletiam caía totalmente sobre seu rosto meio voltado para outro lado. Naquele momento se parecia tanto com a morta, que me custava acreditar na sua realidade. A morte tinha envelhecido Anne Meyer e quase as tinha convertido às duas em irmãs gêmeas. O tempo parou chiando e deu ré. A lástima impotente que tinha sentido por Anne percorreu todo meu corpo como uma droga. Agora sentia lástima pela mulher irreal que se achava de pé com a cabeça inclinada sobre sua imaculada mesinha.

Hilda Church tinha agido além de suas forças para imaginar o que tinha feito. Precisava fazê-la compreender a verdade, lhe devolver a realidade e recuperá-la para mim mesmo. Teria preferido dar um tiro na minha cabeça.

— Você matou a sua irmã com o revólver de seu pai. Quer falar disso agora, senhora Church?

Olhou-me e através de seus olhos verdes como a maré, pude ver como os pensamentos revoavam em seu cérebro igual às sombras de criaturas desconhecidas. Disse:

— Eu amava a minha irmã. Não pensei, não tinha intenção de... — Mas o fez.

— Foi um acidente. A pistola. Disparou quando estava na minha mão. Anne me olhou. Não disse nenhuma palavra. Em seguida caiu ao chão.

— Por que a matou, se a amava?

— A culpa foi de Anne. Não deveria ter andado com ele. Sei como vocês os homens são, são como animais, não podem evitar. Mas a mulher pode. Anne não deveria ter permitido. Não deveria ter lhe dado pé. Pensei muito nisso, disse. Não tenho feito outra coisa do que pensar nisso desde que aconteceu. Nem sequer consegui tempo para dormir. Passei toda a semana pensando e limpando a casa. Limpei esta casa e em seguida limpei a casa de meu pai e depois voltei aqui e limpei esta casa de novo. Parece que não há forma de deixá-la limpa de tudo, mas decidi uma coisa, que foi culpa da Anne. Não pode culpar a minha p... Não pode culpar Brandon pelo que aconteceu, Brandon é homem.

— Não entendi como aconteceu, senhora Church. Lembra-se?

— Não muito bem. Estive pensando tanto. Meu cérebro esteve trabalhando tão velozmente, que não tive tempo para lembrar.

— Aconteceu no domingo?

— No domingo de manhã, na primeira hora, no lago. Fui lá para falar com Anne. Só queria falar com ela. Sempre foi tão irrefletida, que não se dava conta do que tinha me feito. Precisava que alguém a fizesse recuperar o sentido. Eu não podia permitir que as coisas continuassem daquela maneira. Precisava fazer algo.

— Então, você estava sabendo?

— Sabia há meses. Via como Brand a olhava e como ela se comportava. Por exemplo, se Brand estava sentado em sua cadeira, Anne passava perto dele para que a saia lhe roçasse o joelho. E em seguida começaram a fazer excursões nos fins de semana. No sábado passado saíram outra vez. Brand disse que tinha uma reunião em Los Angeles. Liguei para o hotel e ele não estava lá. Estava com Anne. Eu sabia, mas ignorava aonde. Então Tony Aquista apareceu aqui no sábado à noite. Era muito tarde, passava da meia-noite. Fez-me levantar da cama. Embora não dormisse. Já estava pensando, inclusive antes de que acontecesse. Quando ele veio e me contou, pude ver tudo de uma só vez, toda minha vida em um só instante... A cidade e as montanhas e os dois juntos na cabana e eu completamente sozinha, aqui embaixo. Elevou as mãos até os seios e os apertou com força, cruelmente.

— Continue, disse. — O que foi o que Aquista lhe contou?



Disse que a seguira até o Lago Perdido e que a vira com Brand. Disse que estavam jogados sobre a pele de urso diante da lareira. Tinham aceso o fogo e estavam nus. Disse que ela ria e pronunciava seu nome a grandes vozes. Tony estava bêbado e odiava Brand, mas o que me disse era verdade. Eu sabia que estava dizendo a verdade. Ao partir, passei toda a noite acordada, tentando pensar no que deveria fazer. A noite passou muito depressa. E então os sinos da igreja começaram a repicar chamando para a missa da primeira hora. Para mim foram como um sinal, soavam como os sinos do meu próprio casamento e continuaram soando enquanto eu subia para o lago. Durante todo o momento que estive falando com Anne, continuaram repicando em meus ouvidos. Precisava gritar para poder ouvir a mim mesma. Não cessaram até que a pistola disparou. Estremeceu-se, como se pudesse sentir o ardente orgasmo da arma penetrando em sua própria carne.

— Onde estava seu marido quando aconteceu?

— Não estava lá. Partiu antes que eu chegasse.

— De onde tirou o revólver? Seu pai lhe deu?

— O revólver era de meu pai. Mas ele não me deu. Foi Anne quem me deu.

— Sua irmã?

— Sim. Moveu sua preciosa cabecinha em sentido afirmativo, como um passarinho. — Ela deve ter me dado. Sei que estava em seu poder. E em seguida dei com ele na minha mão. — Por que acha que ela lhe deu?

— Não sei. Seriamente que não sei. Não me lembro. Em seu rosto não havia nem um pingão de expressão. — Procuo lembrar, mas só vejo uma espécie de mancha imprecisa com o rosto da Anne nela, e o som dos sinos. Tudo se move tão às pressas, e eu sou tão lenta. A pistola disparou e fiquei ali aterrorizada, só com o cadáver. Durante uns instantes pensei que era eu, que jazia no chão, morta. Saí correndo.

— Mas voltou?

— Sim. Voltei. na segunda-feira. Queria... Dar a Anne um enterro decente. Acreditava que se pudesse enterrá-la, não precisaria pensar constantemente nela, tombada ali no chão.

— Kerrigan estava na cabana? Ou entrou nela e a encontrou com o cadáver? — Sim, chegou quando eu estava ali, tentando tirá-la da cabana e colocá-la no carro. O senhor Kerrigan começou a me ajudar. Disse que não podia deixá-la lá, que suspeitariam que ele a tinha matado. Levou-me de carro a um lugar onde poderia enterrá-la, no bosque. Em seguida vi que aquele velho horrível estava nos espionando. A ira escureceu seus olhos, fugaz e sem sentido como a ira infantil. — O velho tem culpa de que não pudesse dar um enterro decente a minha irmã. Por sua culpa caí e machuquei o joelho.

— E perdeu o salto?

— Sim. Como sabe? Anne e eu usamos sapatos do mesmo número e do mesmo estilo, e o senhor Kerrigan disse que trocava os meus pelos dela, ninguém daria conta da diferença. Deixei seus sapatos no apartamento quando fomos lá destruir as provas.

— Que provas?

— O senhor Kerrigan não me disse. Só disse que no apartamento de Anne havia provas contra mim.

— É mais provável que fossem contra ele. Sua irmã estava fazendo chantagem.

— Não, sem dúvida você está errado. — Seu tom era de uma vez defensivo e de superioridade. — Anne seria incapaz de fazer uma coisa assim. Era irrefletida, mas não era assim de um modo consciente. Não queria ser má.

— Ninguém quer ser, senhora Church. A maldade é alguma coisa que se aproxima sigilosamente das pessoas.

— Não. Você não entende. O senhor Kerrigan estava ajudando. Disse que não era justo que eu tivesse que sofrer pela Anne... Pelo erro da Anne. O corpo estava no porta-malas do carro de Anne e ele se preocupou em tirá-lo dali e deixá-lo em um lugar onde não o encontrassem, ao menos até depois de muito tempo.

— E o que queria de você em troca de sua ajuda? Outro acidente?

— Não me lembro. Mas sua expressão era evasiva.

— Eu lembrarei por você, disse. — Kerrigan disse que ficasse na estrada na quinta-feira à tarde, na última hora. Você tinha que deter o caminhão de Aquista e conseguir que ele descesse dele. Você foi na casa de seu pai, em parte para começar a fabricar um alibi, e em parte para pegar emprestado o velho Chevy. Por que precisava ser o carro de seu pai?

— O senhor Kerrigan disse que Tony o reconheceria sem dúvida.

— Pensou em tudo, não é? Em quase tudo. Mas ele ignorava que você tinha um motivo para matar Aquista. Ou já sabia?

— Que motivo? Não entendo.

— Aquista podia deduzir, se já não o tinha feito, que você assassinara a sua irmã.

— Por favor, não fale de assassinar. Elevou o olhar com expressão de terror, como se eu acabasse de soltar alguma coisa temível e cega na sala, um morcego que podia se lançar em picado e se aferrar aos

seus cabelos. — Não deve falar de assassinato.

— Foi um assassinato, senhora Church. As três mortes foram, sem exceção. Você assassinou Aquista para silenciá-lo. Empurrou-o para a sarjeta e em seguida voltou para casa de seu pai para completar o álibi. Mas resgatava ainda uma testemunha contra você... Kerrigan.

— Essa forma de dizer faz com que pareça tão perverso, disse, — Tão planejado. Não foi assim, de maneira nenhuma. Quando Tony subiu ao carro lhe disse a primeira coisa que me passou pela cabeça: que meu pai tinha sofrido um acidente. Não tinha intenção de matá-lo. Mas viu o revólver sobre o assento e começou a suspeitar. Tentou pegá-lo. Tive que pegá-lo antes que ele conseguisse se apoderar dele, porque não confiava em Tony. Em seguida vi que era difícil dirigir o carro ao mesmo tempo que vigiada Tony e segurava a arma. De novo tentou se apoderar dela.

— E de novo disparou?

— Sim. Desabou sobre o assento e ficou respirando de uma forma muito estranha. Seus ombros se afundaram, tentando inconscientemente representar a cena, enquanto a respiração arrancava uma espécie de sussurro de sua garganta. — Não podia suportar ouvi-lo, ver o sangue. Assim o joguei do carro. Estendeu os braços violentamente, golpeando o ar.

— O revólver disparou ainda uma vez mais —, disse.

— Lembra-se da terceira vez? No escritório de Kerrigan?

— Sim. Lembro.

Sua voz era mais firme; sua expressão, mais definida. Reconstruir os assassinatos e confessar pareciam tê-la fortalecido de algum modo. — Os outros foram acidentes... Já sei que você não acredita. Mas matei o senhor Kerrigan porque precisava. Ele contara a Brand dos outros. Tudo. Eu tinha que impedir que ele contasse a outras pessoas. Brand me prendeu em casa naquela noite, mas em seguida precisou sair outra vez. Forcei uma janela e fui ao motel. O senhor Kerrigan estava em seu escritório. Entrei e lhe dei um tiro. Eu não gostei de fazê-lo, ele tinha me ajudado muito. Mas tive que fazê-lo.

Apareci nas profundezas escuras de seus olhos, incapaz de distinguir se a ironia era intencional. Estava tão severa e séria como um juiz com o barrete negro.

— Três mortes com três tiros. Onde aprendeu a atirar tão bem?

— Meu pai me ensinou, e Brandon estava acostumado a me levar ao campo de tiro. Às vezes acertava no alvo cem vezes disparando contra uma silhueta.

— Onde está a arma que utilizou?

— Brandon ficou com ela. Encontrou-a onde eu a tinha escondido. Fico contente de que a encontrasse. Olhei-a interrogativamente. — Não quero que aconteça mais nada, disse. — Detesto matar e detesto a violência. Sempre detestei estas coisas. Não era capaz de enterrar um gato morto quando era pequena, ou tirar um camundongo de uma ratoeira. Enquanto a arma esteve em meu poder não tive paz.

— Nem você, nem ninguém mais. Não me ouviu. Seu rosto mostrava a expressão que eu tinha visto nela na quinta-feira à noite, de uma só vez assustada e espectadora.

Um carro parou diante da porta principal.

Esperei Church de pistola na mão. Cruzou a porta com os olhos brilhando e o rosto macilento debaixo de Stetson. Sua mão se dirigiu para o bolso lateral da jaqueta de seu traje, em que se via um vulto com forma de pistola.

— Imaginei que seria você, disse.

— Devia ter me matado quando teve oportunidade. Mas eu se fosse você, não tentaria agora. Sua esposa aqui presente acertou no alvo cem vezes contra uma silhueta. E eu estou acostumado a acertar noventa e nove vezes disparando rapidamente.

— Não penso em competir com você, Archer. Não quero ter o seu sangue nas minhas mãos.

— Me deixe ver suas mãos.

Estendeu-as com as palmas para cima, vazias. Estremeceu quando apanhei a arma de seu bolso. Era um revólver de aço azul, calibre trinta e oito. A culatra era suave ao tato, de tanto utilizá-la. Fiz girar o tambor bem engordurado. Estava completamente carregado.

— Peque-o, disse.

Afastou os olhos do revólver para olhar à mulher, que tinha retrocedido até a porta de vidro que dava ao pátio. Seus olhos eram terríveis feridas verdes no rosto imóvel. As lágrimas brotaram deles e me perguntei por quem choraria. Por ela mesma?

— Disse isso, Hilda? Assentiu com a cabeça, sem pronunciar palavra. O xerife se voltou para mim:

— Então, já sabe.

— Sim. De onde vem?

— Da estrada. Tive uma ideia infantil, pensei que podia ir e deixar tudo para trás, começar de novo em outra parte.

— E veio aqui.

— Sim, vim aqui: Dei-me conta de que não podia escapar de mim mesmo, que precisaria continuar vivendo comigo mesmo, aonde quer que fosse. Bonita perspectiva.

Tentava se mostrar sardônico, de se aferrar a um estilo, mas se notava a dor crua que tinha dentro.

— Há alguma coisa mais que isso, é óbvio. Não podia ir e deixar Hilda aqui, confrontando tudo sozinha. Eu sou mais culpado que Hilda. A mulher gemeu. Seu rosto parecia o de uma estátua sob a chuva.

— Brandon, me deixe sair. Por favor. Não posso suportar ouvi-lo falar desta maneira.

— Não fugirá?

— Prometo.

— Não tentará se machucar?

— Não, Brandon.

— Certo. Mas só um mais tempinho. Virou-se para mim enquanto a porta de vidro se fechava de novo atrás de Hilda. — Não sairá do pátio, não se preocupe. Adora ficar ali, e não tem muito tempo.

— Ainda a ama?

— É minha menina pequena. Isso é o pior de tudo, Archer. Não pode culpá-la, não é responsável. O responsável sou eu. Hilda agiu empurrada por uma força interior, sem se dar conta do que fazia. Eu sabia de sobra o que fazia, sabia desde o começo. Continuei adiante e o fiz de qualquer maneira. Esta é a

recompensa. Abriu suas mãos e posou os olhos nelas. — Na realidade, recebia na quinta-feira à noite, quando Kerrigan me contou o que Hilda fizera. Insinuou alguma coisa no motel. Em seguida fui à sua casa e ele me jogou tudo na cara. Foi a primeira notícia para mim. Soube então que Anne estava morta. Não tento me desculpar pelo que fiz. Acredito que não o teria feito, se pudesse ter pensado claramente. O que Kerrigan disse me produziu uma forte impressão. Não estava preparado para isso. A última vez que vi Anne, foi em uma manhã ensolarada lá em cima, no lago, e nos sentíamos mais felizes que nunca.

Gotinhas brilhantes apareceram em sua fronte. Secou-as com gesto de impaciência.

— Maldito seja, estou me compadecendo de mim mesmo. É o meu vício. Mas naquela noite, na casa de Kerrigan, foi como viver um terremoto. Minha vida inteira caiu em cima de mim. Minha garota estava morta. Minha esposa a tinha matado, e em seguida havia tornado a matar. Kerrigan não economizou nenhum detalhe, disse tudo o que aconteceu para quebrar a minha resistência. Na realidade, não acreditei em nada do que me disse até que interroguei Hilda. Mas ela admitiu tudo... Tudo o que lembrava. Naquele momento não podia ver nenhuma saída. Ainda não posso vê-la. Fui ao passo e fiz o que Kerrigan queria que fizesse. Você acertou, Archer. As palavras saíram dolorosamente da boca, e mostrava uma expressão de tristeza. — Substituí meus homens e deixei passar o ladrão, permiti que saísse de meu condado. É o que mais vergonha me dá, de todas as coisas das que devo me envergonhar.

— O ladrão voltou para o seu condado.

— Sei. Mas isso não muda nada.

Senti-me incomodado ao ver as armas que tinha nas mãos. Coloquei-as nos bolsos da jaqueta, para que não a vissem. O julgamento que Church me merecia tinha ficado de pernas para o ar durante os últimos minutos. Tinha infringido algumas regras. Sua vida tinha sido desordenada e apaixonada. Mas era um homem honrado, como ele entendia a honradez.

— Eu teria feito o mesmo, disse.

— Você não é um funcionário que tenha prestado juramento. E não está agora mudando de atitude?

— Ontem me equivoquei. Retiro o que disse. Esqueça.

— Não posso esquecer a verdade. Passei as últimas quarenta horas correndo de um lado para o outro, fingindo que fazia cumprir a lei. Na realidade, estava procurando Anne. Kerrigan não quis me dizer onde ela estava. Era outra coisa que lhe permitia ter me dominado. Bom, agora já terminou. Suponho que Westmore pedirá ao grande júri que formule uma acusação oficial contra mim.

— Não a fará... Se eu puder evitar. E eu sou sua principal testemunha.

Olhou-me com cara de surpresa.

— Depois do que lhe fiz?

— Depois do que me fez.

— Você é um homem pouco comum —, disse falando devagar.

— O mesmo digo eu. Você é o tipo de infeliz cheio de remorsos a quem a desgraça pública satisfaria e até pode ser que fique uma temporada encerrado em seu próprio cárcere. Naturalmente, se sente culpado. E é. Cometeu alguns enganos graves. O pior deles foi deixar Hilda em liberdade depois de descobrir quem ela tinha assassinado. A morte de Kerrigan não foi uma perda para ninguém, mas poderia se tratar de outra pessoa.

— Sei que não deveria tê-la deixado naquela noite. Mas Kerrigan me obrigou. Deveria tê-la levado ao hospital de psicopatas. Mas naquele momento não podia. Meu próprio cérebro não estava claro. Eu mesmo me sentia tão culpado.

Seu olhar passou pelo meu lado, a caminho da porta de vidro. Hilda se encontrava de pé no pátio, sem fazer nada, olhando fixamente o limoeiro de flores brancas. Parecia extraviada, como se tivesse entrado sem se dar conta em um jardim alheio. Church emitiu um ruído inarticulado. Tirou o chapéu, lançou-o contra a parede e se sentou em uma cadeira de ferro com a cabeça entre as mãos. Eu me sentei diante dele. Quando afastou as mãos do rosto, vi que em seus olhos já não havia o brilho febril de antes.

As rugas do rosto pareciam mais profundas. As mãos tremiam. Juntou-as para que ficassem quietas, em atitude de orar. Apesar de seu traje enrugado, se assemelhava a um santo.

— Hilda passará uma longa temporada entre grades, disse. — O lugar dependerá de se estiver maluca ou não. Está maluca?

— Não sei o que dirá o júri. Do ponto de vista emotivo, está transtornada. Você mesmo pôde ver. Nunca foi completamente normal desde que a conheci. Acredito que foi uma das razões pelas quais me casei com ela. Viver em casa de Meyer a estava deixando maluca, literalmente maluca. Alguns homens precisam que os necessitem. Eu sou um deles. Agora sei que isso é um sinal de debilidade mais que de força, não é uma boa base para um casamento. Mas funcionou, durante quase dez anos. Se tivéssemos filhos, possivelmente teria funcionado para sempre. Ou se eu não tivesse perdido a força de vontade.

Seus olhos me olhavam sem me ver. Estava enfiado muito dentro de si mesmo, procurando a verdade com a qual a partir de agora deveria viver.

— Me parece que a vontade é outro nome que damos ao desejo. Não se pode obrigar a si mesmo a querer o que não deseja. Nem a se afastar das coisas que quer realmente. Eu queria um filho. Sua voz ficou mais grave. — Hilda não podia me dar o filho que não podia ter, e todas as demais coisas que eu sentia falta em minha vida... Isso pouco a pouco foi acabando comigo. Nossa vida em comum estava vazia. Procurávamos enchê-la de coisas, uma casa nova, móveis... Percorreu com os olhos a sala árida, banhada pela luz do sol. — Mas era uma vida aborrecida, sem amor. Já não amava Hilda e acredito que ela nunca me amou. Em seu coração havia muito medo para poder amar.

— Do que tinha medo?

— Começou com seu pai, acredito, e em seguida se estendeu a outras coisas, incluindo a mim. E a ela mesma. Aspirou fundo. — Às vezes era como se dentro dela houvesse um animal selvagem que olhasse por seus olhos... Um animal ao qual eu tinha que alimentar e domar. Enquanto eu pudesse lhe dar amor, a segurança que precisava, estaria a salvo. Durante nove anos consegui que vivesse como uma pessoa normal. Em seguida falhei. Fui eu quem falhou. Havia supervalorizado minhas forças, tinha jogado muitas coisas sobre minhas costas. E caí.

Golpeou uma de suas longas coxas com o canto de uma mão. Dava a impressão de estar cortando sua vida em segmentos.

— Suponho que me senti atraído por Anne da primeira vez que a vi. Estive me ocultando a verdade mesmo durante todo o tempo que viveu conosco, e durante muito tempo depois de que fosse embora. Era tão jovem... Além disso, eu não pensava repetir o que o pai tinha feito. Era como uma filha para mim... Uma filha pródiga quando ficou mais velha. Eu era muito puritano para aprovar a conduta de Anne. Mas ela representava as coisas que tinha perdido: a diversão, as risadas e o amor sem lágrimas. Parecia-se tanto com Hilda e, em que pese a isso, era tão diferente... Eram as duas faces de uma mesma moeda. Comecei a sonhar com ela no ano passado, na primavera passada, quando o verdor começava a tingir as colinas. A época do cio.

Estava ironizando sobre si mesmo como um ancião que lembrasse sua juventude ardorosa e já extinta. Mas havia um tom de exaltação em sua voz.

— Riscava planos complicados para me encontrar com Anne na rua, ou imaginava desculpas para que Hilda a fizesse vir até a casa. E em seguida, quando vinha, me dava medo me aproximar dela. Era tão bonita. Se tivesse podido lhe pôr fim... Conseguisse me reprimir. Mas me deixei levar por... Pelo que você queira chamar, amor, ou zelo, ou o desejo de satisfazer meus próprios apetites. Pensei que merecia mais do que estavam me dando. Em junho nós três fomos passar um fim de semana na costa. Eu não queria que Anne viesse conosco... Naquele momento estava lutando contra meu desejo, e sabia que estava perdendo, mas Hilda insistiu. Parece-me que o que desejava era afastar Anne de Kerrigan. A primeira noite que passamos ali Hilda teve enxaqueca. Anne e eu a deixamos no motel e saímos para dar um passeio pela praia. Era a primeira vez que nos encontrávamos sozinhos há anos, desde que ela ficara

adulta. Ao menos, a primeira vez em um lugar particular. E aconteceu o que tinha que acontecer.

Ouvi um ruído no pátio. Levantei-me e me aproximei da porta. Hilda estava de joelhos, arrancando as plantas rasteiras que cresciam em filas longas na borda da jardineira de tijolo.

— Esse foi meu crime, disse Church às minhas costas, insistentemente. — Tirei o meu amor de Hilda e o dei a sua irmã. Anne também se apaixonou por mim. As coisas ficaram de tal modo, que tínhamos que estar juntos, a qualquer momento, em qualquer parte. Eu saía com Anne uma noite e ao voltar para casa encontrava Hilda me esperando com essa expressão de animal ferido nos olhos. Nunca disse uma palavra a respeito da Anne, nunca me perguntou nada. Penso que certamente eu queria que acontecesse assim. Às vezes desejava que perdesse a razão por completo, que me deixasse livre e pudesse ir viver com Anne, me casar com ela e ter filhos. A voz lhe quebrou.

— Hospitalizaram-na alguma vez?

— Uma, durante nosso primeiro ano de casamento. Tentou se suicidar. Ficou em observação no hospital do condado durante dez dias. Ia ter um filho e os médicos disseram que a culpa da tentativa fora da gravidez. Disse-me que não queria trazer um filho a este mundo. Naquela mesma noite tomou uma overdose de pílulas para dormir. Cheguei a tempo para que fizessem uma lavagem de estômago nela. Devia tê-la internado então. Os médicos disseram que dependia de mim. Decidi que continuasse em casa. Acreditava que em casa poderia lhe dar uma vida melhor. E trazia meu filho nas vísceras.

— O que foi do filho?

— Perdeu-o de qualquer maneira. Seu estado mental melhorou depois de perdê-lo.

— Recebeu tratamento psiquiátrico?

— Um pouco, esporadicamente. Tratamento de apoio.

— Bem, os antecedentes me parecem apropriados para alegar loucura como circunstância atenuante.

Sabe se planejou matar Anne antecipadamente?

— Sei que não foi premeditado. Deve ter feito obedecendo a um impulso repentino. Posso prová-lo, se aceitarem minha palavra. Hilda não tinha o revólver quando foi até lá.

— Isso ela me disse. Mas não sei se é verdade.

— Sim, é verdade. Certamente tirou-o de Anne, ou o encontrou na cabana. Vi-o em cima da cômoda no sábado à noite e disse a Anne que era uma imprudência deixar uma arma carregada ali em cima. Mas não me permitiu que o descarregasse. Queria-o para se proteger.

— Contra Hilda?

— Duvido. Nunca teve medo da Hilda.

— Pois deveria ter. Segundo Hilda, Anne lhe deu a arma. Você encontra sentido nisso?

— Também me disse isso. Mas Anne não lhe daria.

— Não estou tão certo. Anne sabia que Hilda tinha tentado se suicidar.

Aproximei-me da porta. Hilda estava ajoelhada entre as flores, mas já deixara de carpir. Agora arrancava grandes punhados multicoloridos de lobeliáceas e os jogava para trás. A jardineira aparecia meio calva. Church passou correndo por meu lado e saiu ao pátio.

— Hilda! O que está fazendo? Hilda nos olhou por cima do ombro. Tinha o rosto avermelhado e molhado.

— Eu não gosto destas plantas. Já não são bonitas. Viu o rosto de consternação que Church colocou e se encolheu. — Não me parecem bem, papai, quero dizer Brandon. O xerife respondeu após fazer uma pausa para respirar:

— Parece-me bem, Hilda. Faça o que quiser com as flores. São suas. — Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, disse. — A respeito de Anne. Hilda ficou em pé e com uma mão suja afastou o cabelo do rosto.

— Mas se já lhe contei tudo sobre Anne. Foi um acidente. Eu tinha a pistola na mão, disparou e ela me olhou. Olhou-me e caiu ao chão.

— Como foi parar a pistola em sua mão?

— Porque Anne me deu, repôs isso. — Já lhe disse.

— Por que a deu? Disse alguma coisa? Lembra-se?

— Lembro de alguma coisa. Não parece apropriado.

— O que disse, senhora Church? Faça um esforço para lembrar.

— Riu de mim. Eu lhe disse que se não deixasse o papai em paz, me mataria.

— Que se não deixasse o seu pai em paz?

— Não. Seus olhos mostravam perplexidade. — Brandon. Se não deixasse Brandon em paz. Ela

começou a rir, entrou no dormitório e voltou a sair com o revólver e me entregou. “Adiante, se dê um tiro, disse. — Agora tem a oportunidade de fazê-lo, o revólver está carregado. Então se mate, disse.” Fez uma pausa e ficou em atitude de escutar. — Mas não me matei. Matei-a.

Church grunhiu às minhas costas. Voltei-me. Parecia um homem que tivesse sobrevivido por um triz de uma longa doença. Um colibri passou zumbindo por cima de sua cabeça como uma bala iridescente. O xerife o seguiu com os olhos, até que se perdeu de vista e em seguida ficou olhando fixamente as profundidades azuis do firmamento. Sua esposa voltara a ficar entre as flores, arrancando as últimas. Quando chegou o carro da polícia, a jardineira estava nua e Hilda tinha começado a despir o limoeiro espinhoso.

Church lavou e enfaixou as mãos sangrantes dela antes que a levassem.

FIM



Digitalização: Renato Prete

